

REVISTA DA SEMANA

N. 41
3-11-1915
Cr\$ 1,50

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL





KOLYNOS

AUMENTA A SIMPATIA DO SORRISO

AS mulheres que triunfam são as que mostram simpatia ao sorrir, e KOLYNOS faz encantador o sorriso porque torna brilhantes os dentes e dá frescura e fragrancia ao seu hálito.

Adote hoje mesmo KOLYNOS e verá como aumenta a simpatia de seu sorriso! E não se esqueça de visitar seu bom amigo, o dentista.

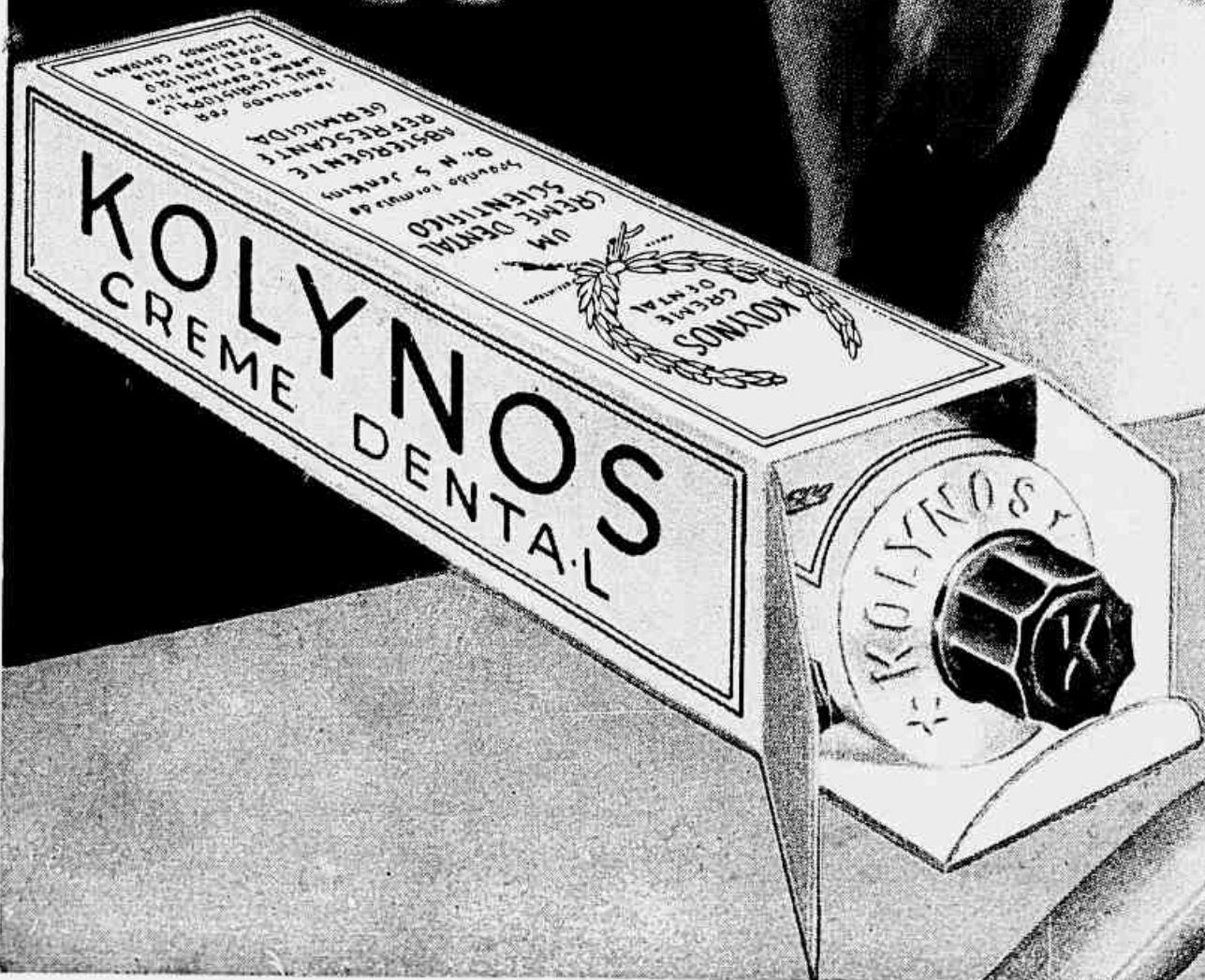
Ouçã "Radio Almanaque Kolynos" pelas seguintes estações: Radio Nacional, do Rio de Janeiro, 2as. feiras, às 21.35; Radio Tupi, de São Paulo, 3as. feiras, às 20.30; Radio Difusora Porto Alegre, 5as. feiras, às 20.15; Radio Clube de Pernambuco, 6as. feiras, às 21.00.

E COMO É ECONOMICO

Basta 1 centímetro na escova seca, e terá aumentado o encanto de seu sorriso, porque

KOLYNOS

LIMPA MAIS...
AGRAÇA MAIS...
E RENDE MAIS.





Carrioca
30 DE OUTUBRO
1945
DEPOSTO

MENTOS DA DITADURA
HAÇADO O GOLPE CONTINUISTA
VIU O GOVERNO
RO JOSÉ LINHARES

ENTUSIASMO POPULAR NAS RUAS
OS CARTAZES DO "QUEREMISMO" — NA U.D.N.
CAFÉS — LIVRES DO FASCISMO

PRIMEIROS DECRETOS DO
NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA
DIGNIDADE A JUSTIÇA

Resolvido. Vamos
Vargas Recber a Resolução Dos Generais
Consertar o Brasil" -- Madrugada
a Volta Do Ministro João Al

A QUEDA DA DITADURA

Na tarde do dia 29 de outubro a cidade teve notícia, primeiro através dos boatos e das conversas de rua, e logo após pelo noticiário da imprensa e do rádio, de que o sr João Alberto havia sido substituído na Chefia de Polícia pelo sr. Benjamin Vargas. Tal acontecimento foi a chave de uma sequência de fatos, que culminaram com a renúncia do Presidente Getulio Vargas, dada a público às últimas horas daquela data histórica do Brasil.

Tão logo escureceu, começaram a movimentar-se em direção ao centro da cidade as tropas da Vila Militar e dos quartéis da zona norte, entre as quais se via grande número de unidades motorizadas, que percorreram a avenida Presidente Vargas, indo estacionar em frente ao Palácio da Guerra.

Ali se encontravam em reunião os oficiais gerais da guarnição do Rio de Janeiro, pertencentes às três forças armadas, e entre os quais se contavam os srs. Eduardo Gomes e Eurico Gaspar Dutra, candidatos à Presidência da República.

Essa reunião, motivada pelas últimas remodelações no quadro de auxiliares diretos do Govêrno, teve como resultado a apresentação de um "ultimatum" ao sr. Getulio Vargas, que, assim coagido, resignou o cargo de mais alto magistrado da Nação, passando a ser, desde esse momento, chefe do Executivo o sr. José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, convidado para aquele cargo pelos chefes do movimento vitorioso. A população, tomada a princípio de intenso nervosismo, mostrou-se entretanto calma e ordeira, trabalhando normalmente já na manhã do dia 30.

Correio da Manhã
RIO DE JANEIRO
Terça-feira, 30 de Outubro de 1945
Diretor Geral: OZEAS MOTTA

Deverá
EMI
O MIN
MINISTERIO
varias pastas — Permanecerá quarenta
mentos — Momentos dramáticos no p
Nobel — Noite histórica no Ministerio
A proclamação do ex-chefe do Gov
os sensacionais acontecimentos

Deposto o sr. Getulio
Correio da Manhã
As forças armadas, num ma
garantem o ditador a ent
ASSUMIU A PRESIDENCIA DA R
O SR. GETULIO VARGAS CONSTRAN
A DEIXAR O GOV



"TANKS" DE GUERRA NAS RUAS DO RIO — Por este flagrante, colhido na avenida do Mangue, pode-se ver o aspecto que apresentava o Rio de Janeiro na manhã do dia 30. "Tanks" de guerra espalhavam-se por toda a extensão da avenida Presidente Vargas, que apresentava um espetáculo absolutamente inédito na cidade. Na foto acima vê-se um popular fotografado junto a uma das máquinas de guerra que ficaram colocadas estrategicamente numa das pontes do canal do Mangue.

O MANGUE EM PÉ DE GUERRA — Aqui está outro instantâneo da avenida Presidente Vargas, batido na manhã do dia 30. Em frente à "Banda Portugal", grande número de "tanks" ligeiros estavam postados, e viaturas do Exército estacionavam junto ao canteiro central. Os soldados descansavam sobre as poderosas máquinas de guerra, pois a ordem não foi perturbada. Apesar do grande aparato bélico que a cidade apresentava, o povo se dirigiu ao trabalho como nos dias normais, retirando-se depois em ordem para suas casas. Não foi necessário deflagrar um só tiro para a mudança de governo.

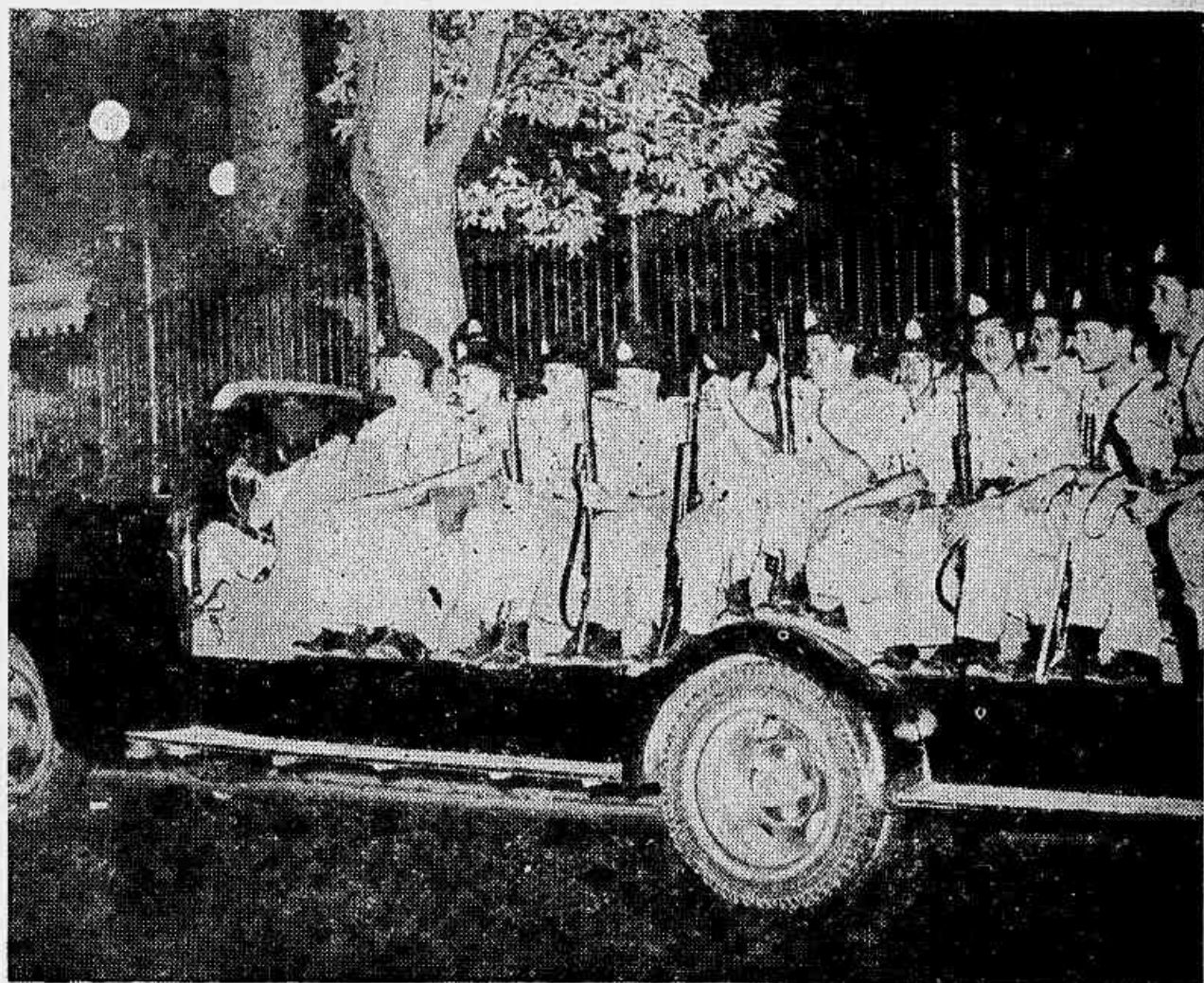




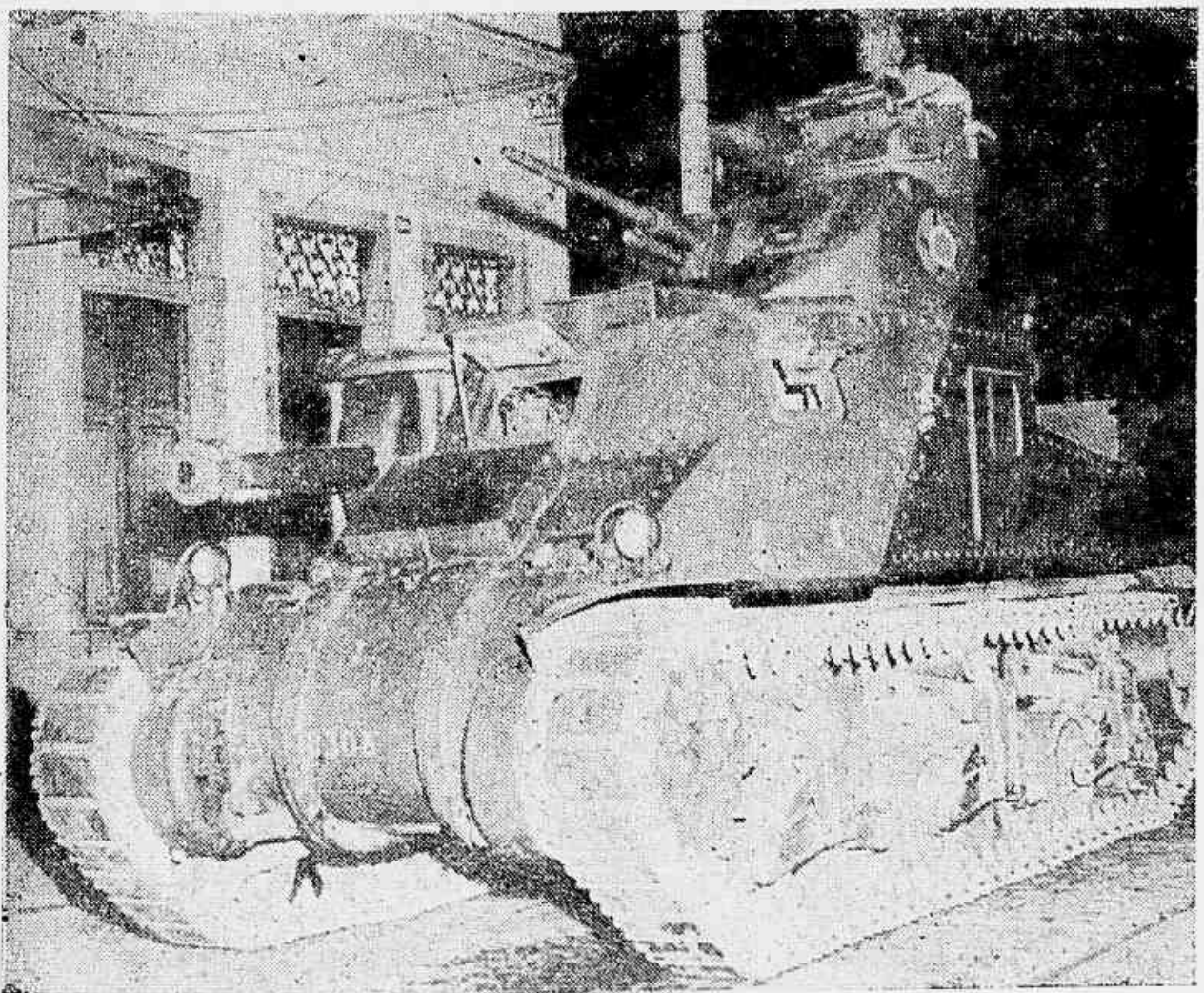
O GRANDE DESFILE MOTORIZADO — Mau grado a premência de tempo, a reportagem da REVISTA DA SEMANA pôs-se em campo, durante a madrugada e o dia inteiro de 30 de outubro, percorrendo os vários "fronts" da cidade e fixando, para os nossos leitores, diversos aspectos do movimento. Aqui está uma fotografia curiosa, batida na avenida Presidente Vargas, com os "tanks" pesados quando rumavam para dentro da cidade, enquanto as ocorrências se desenrolavam, culminando com a deposição do Presidente.



A OCUPAÇÃO DOS PONTOS ESTRATÉGICOS DA CIDADE — Tropas do Exército, equipadas de metralhadoras pesadas, ocuparam, às primeiras horas de terça-feira, os pontos estratégicos da cidade, controlados pelas forças que obedeciam aos chefes do movimento e que dirigiram um "ultimatum" ao sr. Getúlio Vargas.



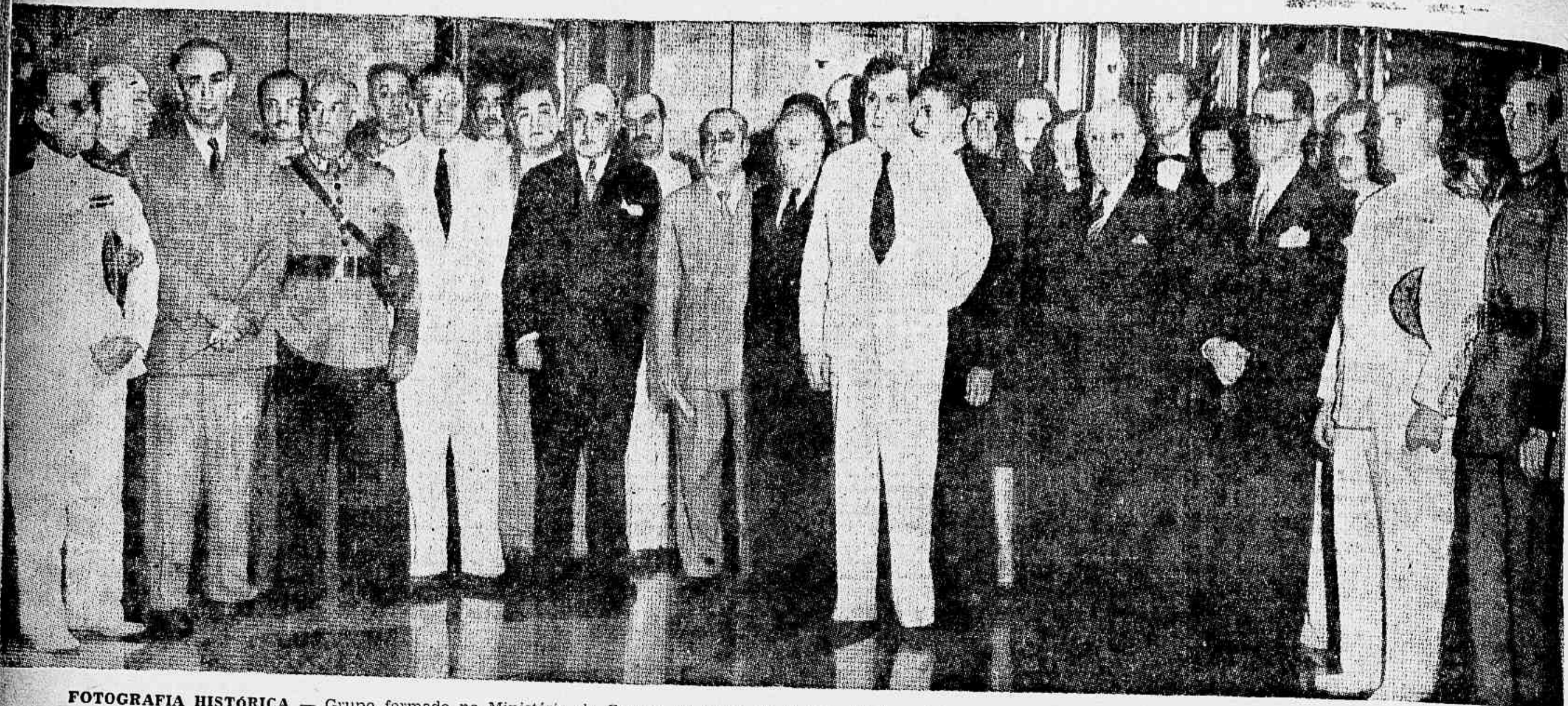
MONTANDO GUARDA AO GUANABARA — Um choque da Polícia Especial quando montava guarda ao Palácio Guanabara, enquanto no seu interior é levado ao conhecimento do sr. Getúlio Vargas a disposição dos chefes militares. Mas não houve nenhuma atuação por parte destes elementos. Foto tirada na madrugada de terça-feira.



A SURPRESA NA TARDE DE SEGUNDA-FEIRA — Quando os populares regressavam a seus lares, na tarde do primeiro dia útil da semana, foram surpreendidos com o desfile dos "tanks" pesados, em pontos centrais da cidade, peças que deviam ali permanecer ainda por alguns dias embora sem nenhuma participação no movimento.



DE METRALHADORA E FUZIL EM EXPECTATIVA — A repartição dos Correios e Telégrafos, na praça Quinze de Novembro, o Departamento Nacional de Informações e outros pontos estratégicos foram tomados e guardados por forças militares. Tropas do Exército foram imediatamente situadas nesses lugares. Instantâneo batido durante a noite de 29.



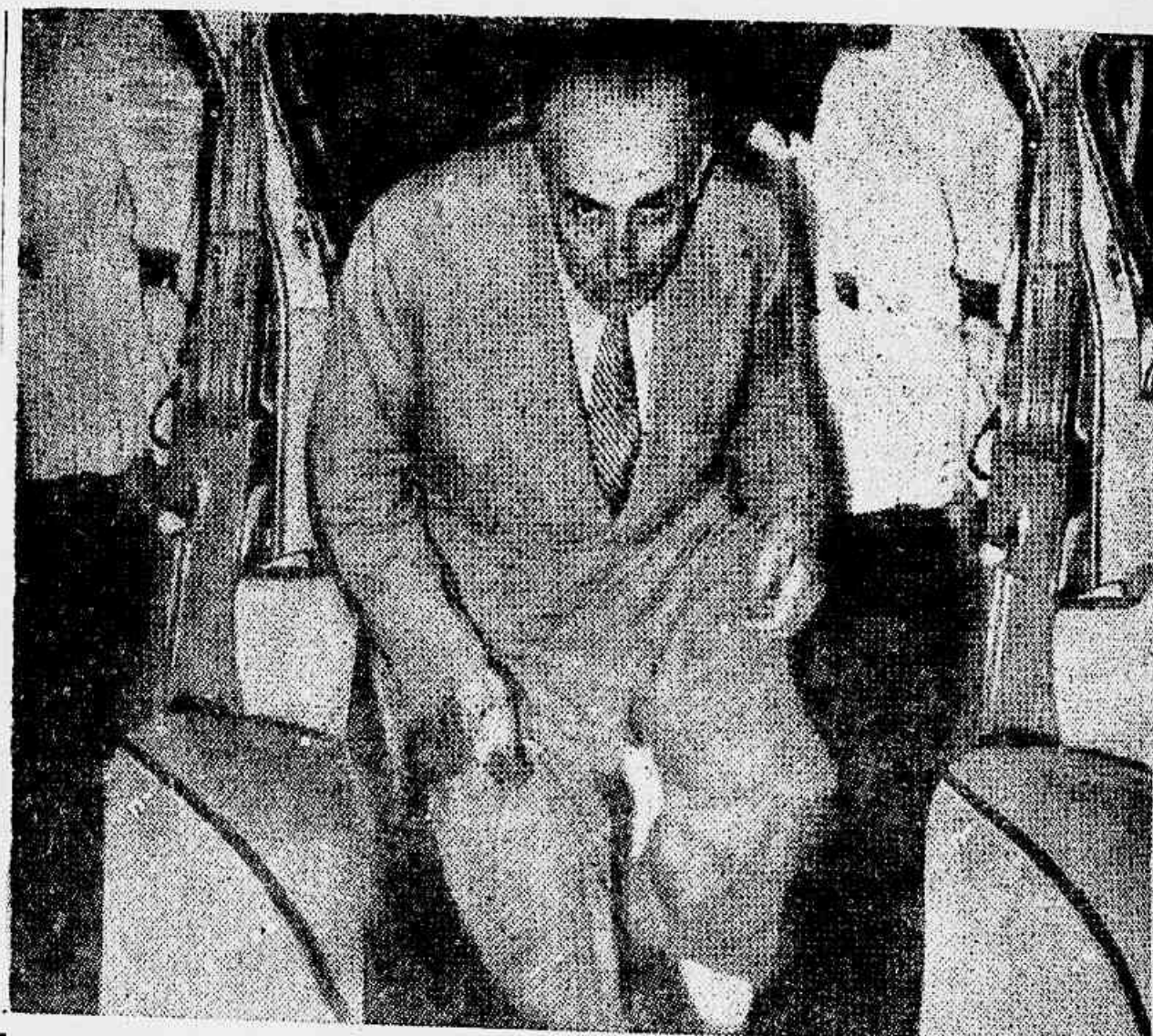
FOTOGRAFIA HISTÓRICA — Grupo formado no Ministério da Guerra, na noite de 29 para 30 de outubro, vendo-se a maioria dos participantes da memorável reunião, entre os quais se encontram o major-brigadeiro Eduardo Gomes, general Newton Cavalcanti, general Gois Monteiro e o ministro José Linhares, então empossado na Presidência da República.



O MINISTRO JOAO ALBERTO, fotografado quando tomava o automóvel para se dirigir ao Palácio Guanabara. Também ele foi solidário com a atitude dos generais, que o reintegraram no cargo de chefe de Polícia do Distrito Federal.



O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA — Já era noite alta quando o sr. José Linhares deixou sua residência, afim de se dirigir ao Ministério da Guerra, onde assumiria o cargo de chefe do Executivo. Esta foto foi feita junto ao portão e nela aparece uma das filhas do magistrado.



A POSSE DO SR. BENJAMIN VARGAS — O sr. Benjamin Vargas, cuja passagem pela Chefia de Polícia foi bastante efêmera, é visto na foto abaixo, conseguida durante sua posse no cargo que ocupou apenas durante quatro horas. Esse foi o primeiro flagrante histórico do dia 29 de outubro, e que precipitou os grandes acontecimentos.



(CONTINUA NA PÁG. 8)

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI N. 44 :: 3-11-845

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9100 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
Este número consta de 116 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Neste Número

REPORTAGENS

A queda da Ditadura	3/6
A tragédia do N.º 19 da ladeira de Santa Teresa (Celsius Aulicus)	9/18
Homenagem a Eduardo Gomes	23
Sigaud não vive à margem da pintura (A. Migueis)	26
Figuras e Fatos	49

LITERATURA

E agora adeus! (Nancy Moore)	19
A vitória de Charles Bullivant	34
O Barão de Penedo (Escragnolle Doria)	35
Livros Novos (J. L.)	36/37

SECÇÕES

Aconteceu	7
Música (Rob. Lyra F.º)	20
Esporte (Levy Kleiman)	21
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	24/25
Rádio	33

FEMININAS

Outros Tempos (Jesy Barbosa)	27
Modas avulsas	28
De Passeio	40/41
Figurinos avulsos	46/47

CURIOSIDADES

Música Moderna	32
Reeducando os filhos de Hitler	38/39

TEATRO

Crônica	22
"O Neto de Deus"	52/53

CARICATURA

De Bom Humor	42
"Charge" de Raul	48

NA CAPA

Joan Leslie, uma das mais jovens e bonitas "estrelas" da Warner, no seu flagrante mais recente, enviado por Luiz Serrano especialmente para a REVISTA.

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

Aconteceu...

Há 43 anos

A famosa companhia dramática do ator Dias Braga realizava uma tarefa de real importância, encenando "Quo Vadis?". Comentando esse acontecimento de arte, a REVISTA publicava duas páginas com interessantes flagrantes fotográficos e uma longa crítica de "Farfalla", da qual extrairmos alguns fragmentos:

"As representações de "Quo Vadis?" trouxeram-nos uma espécie de renascimento romanista e helênico. Ao contrário do que supúnhamos, Nero, Tigellinus, Petronius, Vitellius, Lucanus, Seneca, a Roma Imperial e as origens e evolução do cristianismo são mais familiares ao Rio de Janeiro que o conhecimento das leis e instituições do país. Toda a gente que se preza disserta eruditamente sobre os menores detalhes do meio em que se desenvolve o drama neroniano."

"O drama, extraído do popular romance de Sienkiewicz por Eduardo Vitorino e exibido no Recreio Dramático, representa um honesto e atrevido esforço em um meio onde o teatro limpo e decente parecia condenado a desaparecer. O sucesso foi imenso e, apesar da crise e outros males que nos afligem, mantém-se com uma constância que faz presagiar longa carreira."

Os intérpretes eram: Nero, Dias Braga; Lygia, Lucilla Peres; Vinicius, Eduardo Vieira; Chilon Chilonidas, Ferreira de Souza; "Apóstolo de Tarso", Olimpio Nogueira; Alfredo Silva, Vitellio; Lucano, Grijó; e Marzulo, "um rapaz de quem é possível fazer-se muito". Mas o crítico entusiasmava-se com o trabalho de Eduardo Vieira, escrevendo:

"...foi a maior revelação de "Quo Vadis?", porque não havia direito a esperar dele coisa que se parecesse com a interpretação do fogoso Marco Vinício."

E conclui:

"Digo "a maior revelação", porque a muito poucos surpreendeu a extraordinária criação de Chilon Chilonidas por Ferreira de Souza e o trabalho de Dias Braga no 9.º quadro e na cena final do suicídio. Desses, todos esperavam alguma coisa de completo, digna dos seus antecedentes honrosíssimos."

Foi, assim, em 1902, "trabalho impertinente, miudinho, tenaz, trabalho que, condensado na exibição cênica, parece nulo mas que basta para extenuar o arcabouço mais robusto".

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

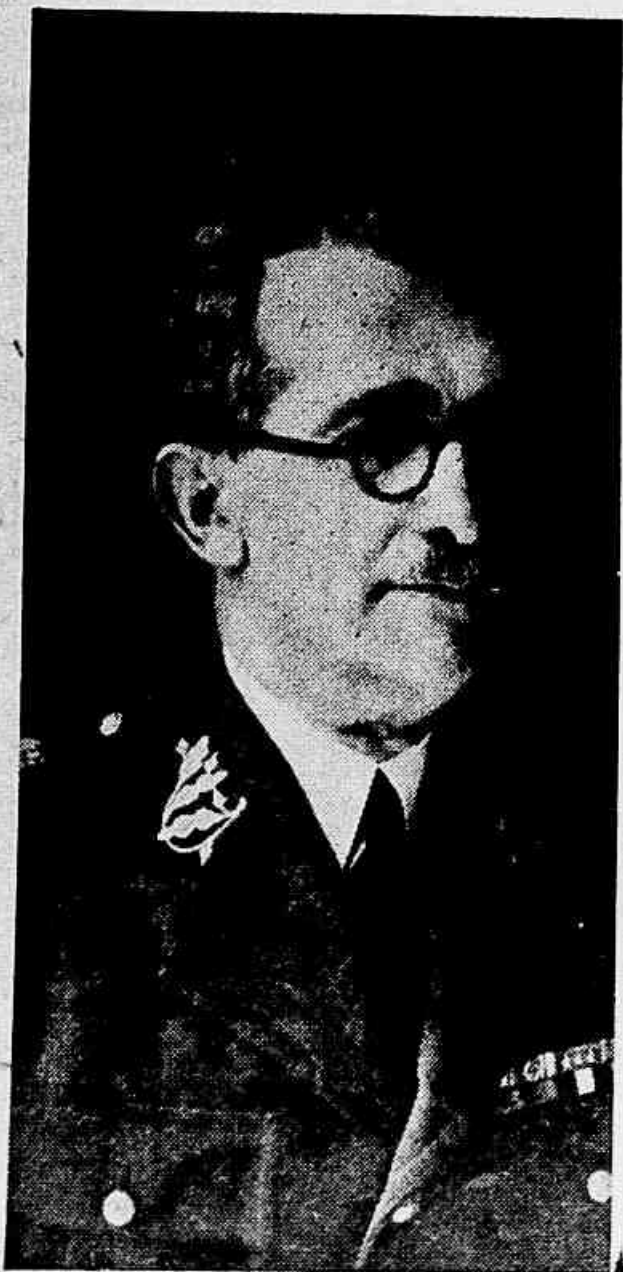
Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



GENERAL PEDRO AURELIO DE GOIS MONTEIRO, que, não se conformando com a nomeação do sr. Benjamin Vargas para chefe de Polícia do Distrito Federal, escreveu uma longa carta ao sr. Getúlio Vargas, solicitando sua exoneração. Esse documento foi por ele lido perante os oficiais generais do Rio, que insistiram para que assumisse, desde aquele momento, o posto de comandante em chefe das forças armadas de terra, mar e ar. Aquiescendo ao pedido, o general Gois Monteiro viu-se obrigado a optar pela forma de solução que consistia na renúncia do Presidente Vargas e entrega do poder ao ministro José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal.



GENERAIS NEWTON CAVALCANTI E CRISTOVAM BARCELOS — Tomaram parte na reunião realizada no Ministério da Guerra todos os generais da guarnição do Rio de Janeiro. Entre eles estavam também os generais Newton Cavalcanti e Cristovam Barcelos. São estes os dois oficiais que aparecem nas fotos abaixo, respectivamente à esquerda e à direita.



GENERAL JOSÉ PESSOA — Entre os que participaram do movimento figurava em primeiro plano o general José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, cuja ação se salientou durante a marcha dos acontecimentos.

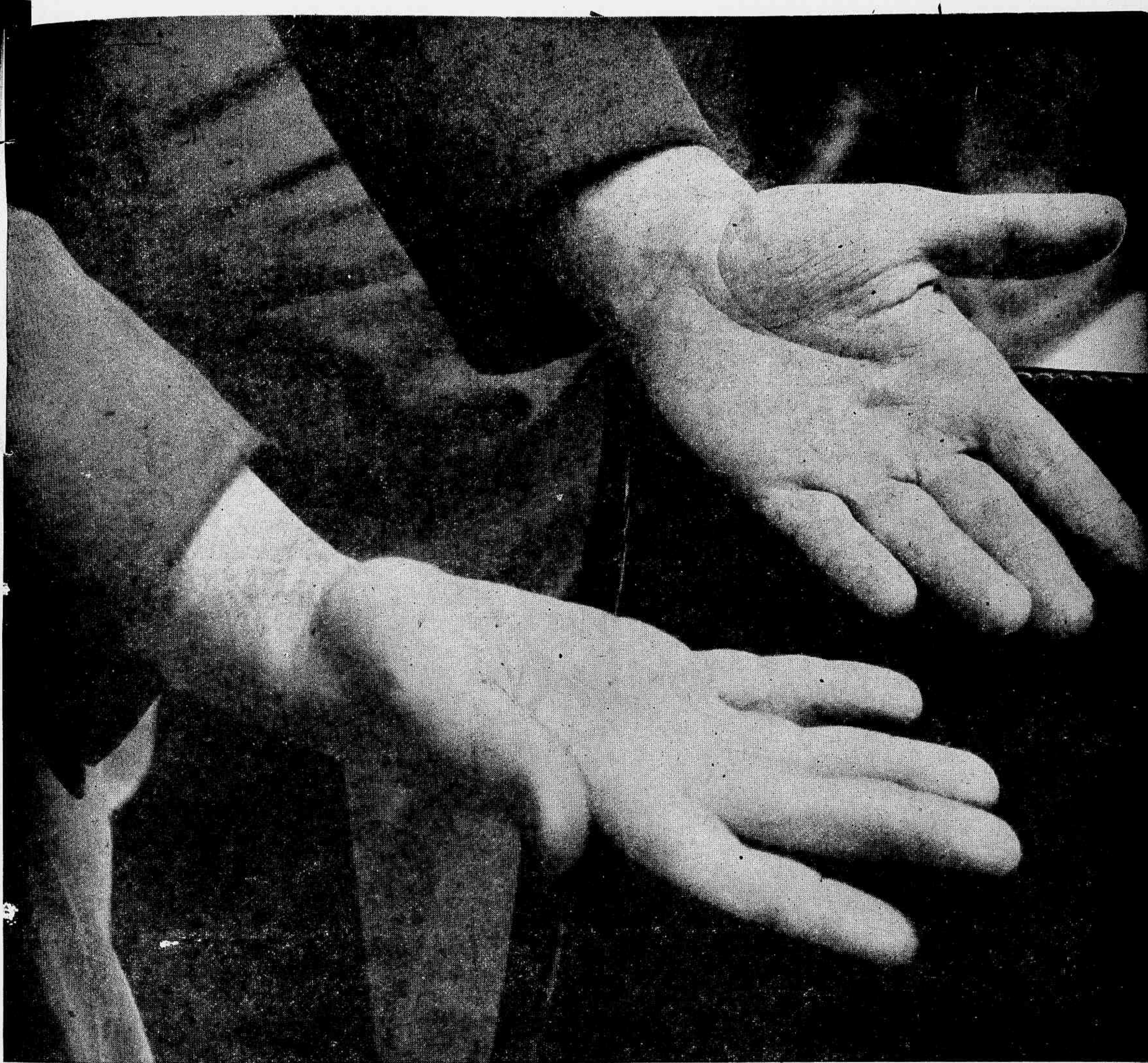


GENERAL VALENTIM BENICIO DA SILVA, comandante da Primeira Região, que tomou parte na reunião que culminou com a apresentação do "ultimatum" ao Presidente Vargas.



GENERAL EURICO GASPAS DUTRA, um dos dois candidatos à Presidência da República. Como o major-brigadeiro Eduardo Gomes, também ele esteve presente à reunião, nela influenciando ativamente.





AS MAOS CRIMINOSAS — Aí estão as mãos do jovem Antonio Soares Bento, que no dia 4 de fevereiro do corrente ano praticou o mais bárbaro assassinato que tem registrado a crônica policial do Rio de Janeiro nestes últimos vinte anos. Estas mãos esquartejaram a serrote o corpo da infeliz Irene Romero Cid de Freitas.

A TRAGEDIA DO N. 19

DA LADEIRA DE SANTA TERESA

O ASSASSINATO E ESQUARTEJAMENTO DE IRENE ROMERO CID DE FREITAS E SEUS TERRÍFICOS DETALHES — ANTONIO SOARES BENTO, UM PARANOICO — O HOMEM QUE IDEALIZOU O "CRIME PERFEITO", TRANCADO NUM XADREZ DISTRITAL — TRÊS ÉBRIOS AUXILIAM UM CRIMINOSO — O HOMICIDA E SUA CÚMPLICE ACUSAM-SE MUTUAMENTE — TRAGÉDIA SHAKESPEAREANA PASSADA NO RIO E EM NITERÓI

Escreveu CELIUS AULICUS — Fotografaram ARNALDO VIEIRA e NEWTON VIANA

HÁ muitos anos já que os acontecimentos restritos unicamente aos noticiários policiais não nos faziam abalar da redação para o local de um crime ou de uma catástrofe de repercussão nacional. Agora porém, sob as vistas curiosas de uma multidão de proletários e indigentes, entre os elementos de uma caravana policial, cercados pelos colegas dos jornais diários, eis-nos novamente às voltas com um sensacional caso de morte, no quintal da casa de Virginia de Mendonça, um mísero bar-

raco perdido no fundo do subúrbio niteroiense da Engenhoca, onde durante oito meses esteve enterrado o cadáver da infeliz Irene Romero Cid de Freitas, a vítima do mais monstruoso e horripilante homicídio praticado no Brasil desde o já famoso processo "Roca-Carleto".

No sopé de um morro soberbo de vegetação rala, está erguido o miserável casebre, solitário e triste mas cercado agora por uma massa compacta de curiosos, que tentam acompanhar, nos detalhes que se façam possíveis, a

A VÍTIMA — Irene Romero Cid de Freitas, numa fotografia feita pouco antes de sua trágica morte, tendo ao colo um de seus filhos. Que será desta criança quando souber que o seu pai esquartejou a própria mãe?



espôsa, viu-se obrigado a se valer da sua amante e cúmplice para ocultar o cadáver.

E os moradores dos casebres, presos todos quatro ao vício da embriaguez, batidos pela miséria e pela necessidade, temerosos de que Antonio viesse a se vingar deles caso o denunciassem, aceitaram com resignação a incumbência de guardarem em seu quintal os restos mortais da infeliz senhora. E pouco depois, em vista das constantes ofertas de dinheiro que o assassino lhes fazia, viram no negócio, não uma fuga de responsabilidade, mas uma ótima fonte de renda. Começou a chantagem. Virginia de Mendonça, seu filho Eurico e seu amante Valdemar Raimundo da Silva, vítimas da indolência originária do vício, resolveram viver às expensas de Antonio Soares Bento que, preso a eles pelo terrível segredo, não se podia furtar aos seus constantes pedidos de dinheiro.



reconstituição do enterramento dos despojos da inditosa senhora, ordenada pela polícia da Capital fluminense. O delegado Ademar Braz, do 3.º Distrito de Niterói, a primeira autoridade a tomar conhecimento do tenebroso crime, em companhia do escrivão Edú Muniz Machado, acompanha com vivo interesse o trabalho dos "coveiros" Eurico e Valdemar, que, com uma calma irritante, vão refazendo toda a sua sinistra tarefa e respondendo às perguntas dos policiais que os cercam. A própria multidão parece petrificada diante de tanto cinismo. Dentro do barracão, postada na mesma posição em que assistiu ao macabro trabalho de seus filho e amante, Virginia de Mendonça olha com indiferença para a cena. Os coveiros têm ambos, na fisionomia e no porte, as marcas características dos estilistas crônicos, e a sua condição de ébrios contumazes evidencia-se nas próprias atitudes e no modo de andar. A dona da casa, como eles, é também um perfeito exemplar de alcoólatra.

Tudo, assim, nos leva a crer que Antonio Soares Bento, o "pivô" do homicídio, uma vez praticado o crime, com o seu raciocínio frio de matador-cientista, não tivera escrúpulo em se aproveitar daquela miserável família de ébrios, a quem o vício roubara o último laivo de dignidade, a quem a cachaça roubara o último resquício de decência.

Foi para esta casa miserável que se voltaram os olhos ansiosos do criminoso quando ele, baldado todos os esforços para conseguir no Rio uma sepultura segura para a

Foi por isto que durante oito meses esteve trancado dentro do maior mistério o mais bárbaro e tenebroso assassinato de que se tem notícia nestes últimos anos.

OS DOIS COVEIROS

Agora, devidamente apurada a culpa de todos os cúmplices, processa-se à reconstituição da macabra cena do enterramento de Irene.

As duas já famosas malas, que chegaram ao casebre num caminhão da polícia, são novamente conduzidas por Eurico e Valdemar para o quintal. Ali são elas colocadas atrás de um arbusto. Pronta a cova, os coveiros mostram às autoridades como processaram ao enterramento. O buraco é bastante raso. Não chega a ter quatro palmos de fundo. E os dois cúmplices de Antonio Soares Bento explicam que, temerosos de serem descobertos em seu trágico trabalho, não aprofundaram mais a cova.

Os "flashes" dos fotógrafos estouram a méde, e os dois homens começam a cobrir as malas com a terra solta do quintal. Terminada a operação, o delegado dá ordens para que sejam os criminosos reconduzidos à polícia.

Do lado de fora, junto ao campo de futebol que fica fronteiro à casa de Virginia, uma grande multidão cerca o "lintureiro" que conduzirá à delegacia os cúmplices do esquartejador. Quando a dona da casa toma assento no carro, os populares prorrompem em gritos de "lincha, lin-

cha!" E, não fôsse a presença dos investigadores e soldados de polícia, o linchamento teria se consumado por certo.

Movimentam-se agora os reporters, para telefonar aos jornais do Rio.

GELADEIRA, O SEGUNDO TÚMULO

Em companhia do auxiliar de perita Oswaldo Martins, do Instituto de Medicina Legal do Estado do Rio, rumamos para o necrotério daquele serviço, onde poderíamos constatar o estado em que fôra encontrado o cadáver da infeliz Irene.

Já então o dr. Luiz de Queiroz, médico legista da Polícia fluminense, havia procedido à necropsia do corpo.

constatando como "causa mortis" hemorragia cerebral, com esmagamento da base do crânio, provocada em consequência de pancada de objeto contundente.

Uma vez procedido o exame cadavérico, foi o corpo fechado na câmara frigorífica, ainda esquartejado. E ali permanecia até à hora em que entrámos no necrotério.

Um cheiro de tragédia anda no ar. O edifício quadrangular da morgue está cercado por uma multidão de curiosos, que teimam em ver o cadáver da pobre senhora. Oswaldo Martins abre a gaveta mortuária.

Reporters antigos, habituados já a todos os espetáculos de pavor e de tragédia, não podemos deixar, mesmo assim, de sentir um ligeiro arrepio diante do corpo mutilado de Irene. Agora, com os cabelos rapados e a camada fina do couro cabeludo, quase transparente, deixando adivinhar

criminoso. Os cortes e as cisões revelam a perícia de um técnico. E a perfeição do trágico trabalho põe em evidência a paranóia de Antonio Soares Bento.

RETROSPECTO TRÁGICO

Esta foi a nossa primeira visão do crime da ladeira de Santa Teresa. Assim nos pusemos em contacto com o caso, e agora, ao redigirmos estas notas, prêsas ainda da emoção que nos causaram todos os pormenores trágicos do fato, tentamos entretanto reproduzir friamente tôdas as situações e passagens do horripilante homicídio, e tirar da sequência de acontecimentos que precederam e sucederam ao assassinato as conclusões lógicas possíveis.

Voltemos aos velhos dias em que Antonio Soares Bento, banido de Manaus por incompatibilidade com o meio, onde a sua má fama corria, morava no Rio, em companhia da esposa, Irene Romero Cid de Freitas, e de seus dois filhos menores. O casal residia à ladeira de Santa Teresa n.º 19, 2.º andar. Ao que tudo indica, Irene e Antonio estavam em vias de se separarem, pois já não os ligava

o amor dos primeiros dias de matrimônio. O rapaz, que nunca tivera uma vida normal, revelava o seu complexo de inferioridade na maneira de tratar a esposa, a quem martirizava constantemente, tiranizando-a com um verdadeiro regime ditatorial doméstico. Esse complexo revelava-se ainda na verdadeira ânsia do criminoso em mostrar-se conquistador. Nunca punha os olhos sobre uma mulher que não procurasse logo aproximar-se dela para colocá-la no cartel de suas vitórias de D. Juan. Estes atos de Antonio, bem como a sua mania de se dizer "elemento perigoso" e espião, atestam, melhor que um laudo médico, a sua paranóia evidente.

No princípio do ano corrente, já Irene sabia (e o marido não fazia segredo disto) que o companheiro mantinha outra mulher, Maria de Lourdes Neobauer, com quem pretendia passar a viver maritalmente. Antonio já lhe havia mesmo proposto uma separação, reclamando a tutela dos dois filhos. Com isto entretanto não se conformou a esposa, motivo pelo qual começaram a ter lugar constantes rusgas entre eles.

Foi então que na imaginação doentia de Antonio Soares Bento surgiu a idéia, uma oportunidade que lhe ditava o inconsciente, para dar vazão às suas aspirações de paranoico. Homem de certa cultura, cuja presunção doentia o levava a crear um super-ego, pensou logo mil maneiras de praticar o "crime perfeito". Lourdes não podia deixar de participar de seus planos sinistros. E' de se acreditar, pensando-se os prós e contras, que tanto ela quanto ele tenham tido culpabilidade igual no homicídio. Antonio entretanto, evidentemente, funcionou como creador e executor do crime, ao passo que a sua companheira mais não fez que o papel de uma auxiliar secundária.

O fato é que ambos, durante muito tempo, tramaram na sombra a eliminação de Irene. Esta, ignorando a trama sinistra, não pensou em se afastar do antigo amante.

VISAO DO CRIME — Foi assim que Antonio Soares Bento esquartejou sua esposa, auxiliado por Maria de Lourdes Neobauer. Em suas declarações, entretanto, a mulher nega terminantemente que tivesse ajudado o esquartejador em seu sinistro trabalho. Desta maneira, porém, foi que se deu a operação, segundo os depoimentos do próprio assassino. E assim reconstituiu o mais selvagem detalhe do crime de Santa Teresa o nosso desenhista Miguel H.



os contornos cranianos, o cadáver apresenta um aspecto trágico de uma visão de conto de Hoffmann.

Vê-se, pelo estado do corpo, que o matador empregou formol ou outra droga qualquer, para conservar o cadáver. Os membros amputados estão porém em adiantado estado de putrefação, com os ossos completamente à mostra. Um quadro macabro este que nos apresenta agora o corpo da desgraçada esposa do criminoso, trancado numa geladeira de morgue, após haver tido durante oito meses uma sepultura clandestina, à espera de que as autoridades dêem a ordem de enterramento e possa ele enfim repousar num sepulcro numerado de cemitério cristão.

Hoje, o corpo serve para nos mostrar como agiu o

O ACHADO MACABRO

— Aí estão, na câmara frigorífica do necrotério de Niterói, os restos mortais da inditosa vítima do esquartejador. O corpo de Irene Romero Cid de Freitas esteve enterrado durante oito meses, até que fôsse encontrado pelas autoridades fluminenses. Já em adiantado estado de putrefação, os seus membros e seu tronco apresentam um aspecto trágico de uma figura de Hoffmann.





A PALAVRA DA POLÍCIA — No 6.º Distrito Policial do Rio de Janeiro, o delegado Atilio Pila expõe ao repórter as conclusões a que chegou em suas investigações sobre o bárbaro crime. O criminoso, nas declarações que prestou a essa autoridade, tentou incriminar o mais possível Maria de Lourdes e os demais cúmplices. O dr. Pila continua entretanto com o inquérito, procurando aclarar todo o caso e medir exatamente a culpabilidade de cada um dos criminosos, para que a justiça possa agir com exatidão e segurança.

O DRAMA DO PAVOR — Após cometer o bárbaro crime, Antonio Soares Bento, vendo fracassadas as suas primeiras tentativas de ocultar as malas, não teve mais um minuto de sossego. Começou a viver o drama do pavor, perseguido por visões sinistras, batido pelo remorso. Não dormia; pesadelos macabros o atormentavam. Um papel que batesse contra a vidraça era o suficiente para roubar-lhe o sono. Altas horas acordava e, de revólver em punho, tentava defender-se de um perseguidor imaginário. Aí está o criminoso, revelando toda a sua angústia nos olhos e na expressão fisionômica.



PLANOS PARA UM "CRIME PERFEITO"

Em sua imaginação de "criminoso superior", Antonio pôs-se a arquitetar planos para a morte de Irene. Começou por pensar em envenená-la. Durante muito tempo estudou detalhadamente um método de ação que viesse a livrá-lo da esposa, de maneira que jamais pudesse o crime ser descoberto pela polícia. O veneno para este caso, segundo o raciocínio frio do criminoso, seria a arma ideal para tal fim. E assim pensando, Antonio pôs em prática o seu primeiro plano:

Certa ocasião, simulando naturalidade, ofereceu a Irene um copo d'água, ao qual havia previamente adicionado formicida em pó. O gosto ativo e picante do oxalicureto fez porém com que ela cuspsse fora o líquido, desconfiada da verdade. O criminoso não teve outro recurso senão dar-lhe água da torneira, retirada à sua vista. A ação do terrível corrosivo fez-se sentir entretanto, embora fôsse diminuta a dose levada à boca por Irene. Durante todo o dia passou mal, e no dia posterior ainda apresentava sintomas de envenenamento.

Abrimos aqui um parêntesis, chamando a atenção de nossos leitores para isto: todas as passagens desta narrativa, exclusive a reconstrução e relato do enterramento das malas, contados por Virginia, são baseadas em declarações e depoimentos de Antonio Soares Bento, feitos todos com o fito visível de incriminar o mais possível sua amante Maria de Lourdes. Esta o contradiz a cada pormenor de sua declarações que, assim, serão por nós publicadas adiante.

Fechado o parêntesis, voltemos à sequência cronológica dos fatos:

Fracassada a primeira tentativa, Antonio começou a organizar os seus macabros planos. Convidou Irene para um passeio de bote em Paqueta, com o intuito de matá-la com um golpe de remo, atirando-a ao mar em seguida. A esse tempo estavam já os dois separados, e o criminoso morava com Maria de Lourdes. Irene, para quem aquele passeio era um prenúncio de reconciliação, exultou com o convite. De tal maneira mostrou-se alegre e comunicativa durante a viagem e por toda a tarde que Antonio não conseguiu reunir forças necessárias para vibrar-lhe o golpe.

Levado pela sua loucura, já havia ele dito anteriormente a Lourdes (e várias vezes o repetiu depois) que daria cabo da esposa mal se oferecesse uma oportunidade. E de tudo, dos mais perversos dos seus planos, dava conta à amante. A ela várias vezes havia mesmo falado que era um terrível assassino e que tinha ligação secreta com agentes do Eixo. Ao que ficou apurado, porém, tudo isto não passava de manifestações de paranóia.

Ao que diz Antonio, quando fracassado o plano de Paqueta, foi comunicar o insucesso a Lourdes; esta, que o instigara a levar a termo o trágico intento, mostrou-se revoltada com o fato e gritou-lhe na cara:

— Você é uma conversa fiada. Nunca matou ninguém. Nem mata. Você é um mole.

Mas Antonio mostrou-se mais tarde capaz de matar. Muitas vezes, chegando em casa, ele dizia a Lourdes:

— Acabei de matar um homem. Ninguém conseguirá descobrir.

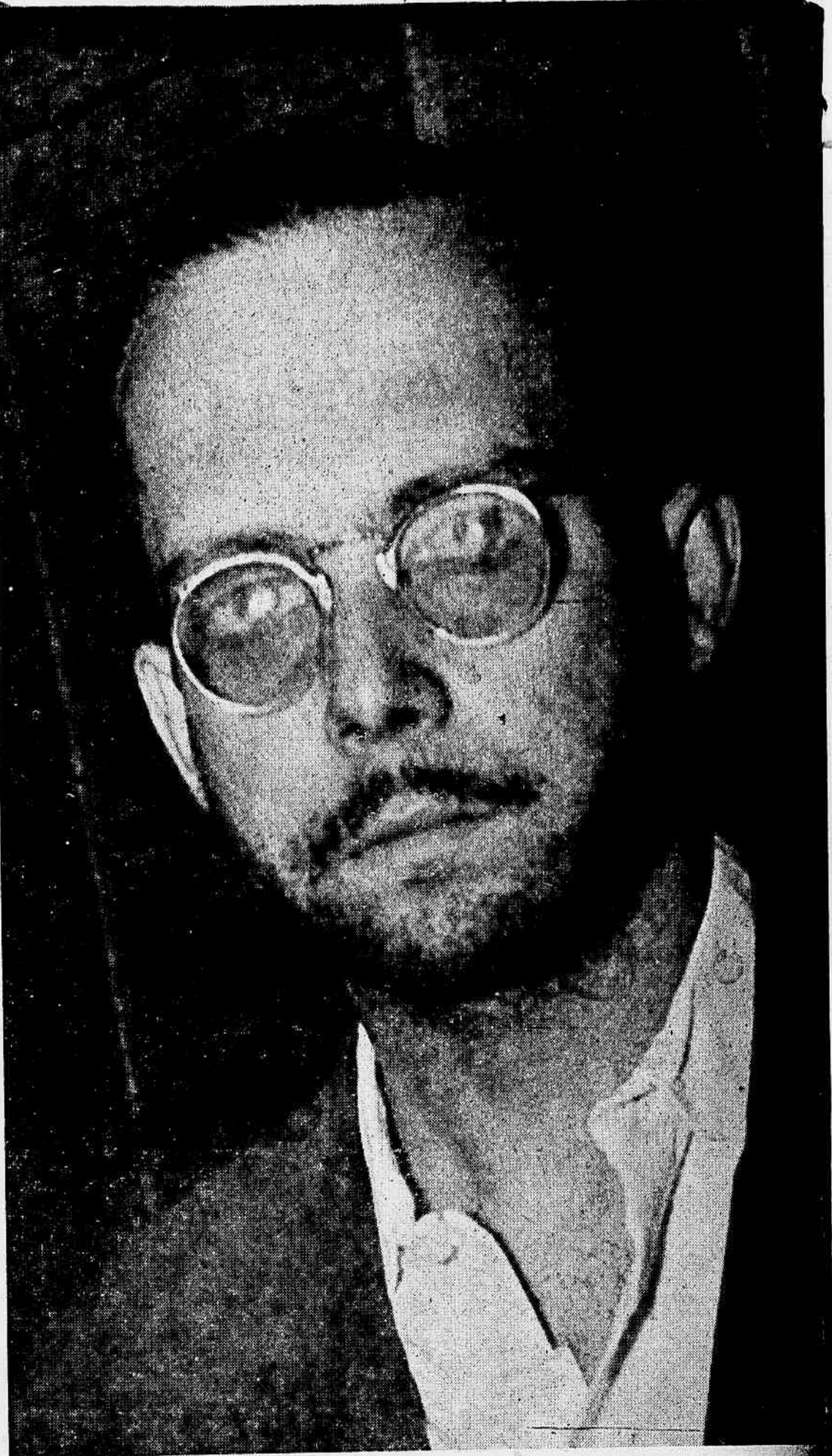
O TRÁGICO FIM DE IRENE ROMERO CID DE FREITAS

Um dia, Antonio comunicou à sua amante que estava disposto a consumir, antes mesmo que a noite descesse, o assassinato de Irene. Premeditara todos os pormenores. Não usaria revólveres nem punhais. Matá-la-ia com uma pancada no crânio, de modo que nem sequer um grito pudesse denunciá-lo.

Assim pensando, dirigiu-se à ladeira de Santa Teresa, 19, 2.º andar, onde residia a sua desventurada esposa, dali retirando os seus filhos menores, que entregou provisoriamente a Maria de Lourdes. Isto feito, voltou à casa de Irene, pondo-se a palestrar com ela na cozinha. E quando esta, não supondo a traição, virou-lhe as costas, o criminoso armou-se com um macete de madeira e com ele vibrou duas violentíssimas pancadas no occipital da vítima.

Irene tombou ao solo agonizante. Antonio levou-a para a cama e, ganhando a rua, dirigiu-se à casa de Maria de Lourdes, que ele havia escolhido para cúmplice do bárbaro homicídio. Esta acedeu sem titubear ao seu pedido para ir à casa da rival. Antonio lhe comunicara que já havia liquidado o caso, e que faltavam apenas "os retoques finais", para os quais necessitava de sua ajuda.

Chegados à cozinha da casa, Antonio entregou um avental à companheira e, envergando outro, levou-a aonde se encontrava o corpo da infeliz mulher.



MARIA DE LOURDES NA PRISÃO — A cúmplice de Antonio Soares Bento, fotografada no 6.º Distrito Policial, onde está recolhida e onde recebeu o reporter da REVISTA DA SEMANA, fazendo as declarações que vão publicadas no fim desta reportagem.

UM INSTANTANEO DO ASSASSINO — Barbado, abatido, com expressão de infinita tristeza no olhar, o criminoso Antonio Soares Bento não se revela, mesmo assim, um homem capaz de cometer tamanho crime. Este flagrante foi feito na delegacia do 6.º Distrito.

Duas malas, adquiridas por ele para ocultar o cadáver, foram colocadas perto do corpo. Tomadas as dimensões antropométricas de Irene, o criminoso havia notado que seria impossível colocá-lo numa mala comum, motivo pelo qual resolvera comprar os dois móveis.

Mandando que Lourdes levantasse uma das pernas do cadáver, o assassino tentou amputá-la com um serrote comum de marceneiro. Vendo porém que a lâmina da ferramenta não resistiria à operação, resolveu adquirir uma serra de açougueiro. Deixando o corpo da infortunada mulher em casa, saiu novamente à rua, junto com a companheira, que não queria ficar a sós com o cadáver.

Voltaram pouco depois, trazendo consigo o novo instrumento, que ele retirara da casa de ferragens de sua propriedade, à rua do Senado, 54. Recomeçaram o sinistro trabalho, desta vez com êxito. Foram amputadas ambas as pernas de Irene e, juntamente com o braço esquerdo, também serrado, envoltas num oleado e metidos dentro de uma das malas. Na outra o criminoso e sua cúmplice colocaram o tronco, ainda com o braço direito, e a cabeça da vítima, embrulhados num lençol e em oleado, envoltório que foi hermeticamente fechado com o auxílio de largos esparadrapos.

Para que o corpo tivesse uma decomposição lenta, Antonio aplicara-lhe uma injeção de formol, espalhando ainda sobre o tronco uma camada de bálsamo.

Perpetrado o bárbaro crime, restava apenas aos criminosos esconder o cadáver em lugar seguro.

Antonio pôs-se em campo. Pensou em despachar as malas para uma cidade do interior de São Paulo. Quando soube porém que seria necessária uma vistoria do agente da estação, desistiu desse projeto, passando a procurar uma casa com quintal grande, onde pudesse enterrar o corpo de sua infeliz vítima. A dificuldade de habitação pô-lo a perder.

Até o momento em que fracassou o plano de enterrar as malas, conservava ele uma calma perfeita. Os seus recalques haviam sido abafados. Cometera o "crime perfeito", vencera a polícia, lograra a justiça, era um "criminoso-cientista". Era completo, era perfeito, era invencível. A presença da mala, entretanto, na ladeira de Santa Teresa, 19, e a ameaça de putrefação do cadáver eram um risco à sua liberdade. O pânico começou a invadi-lo. Batido pelo medo, não teve recursos senão aceitar a sugestão de Lourdes, que convenceu-o a levar os trágicos volumes para a residência de uma sua irmã, Virginia de Mendonça, no subúrbio da Engenhoca, em Niterói.

Antonio foi ao local e verificou que a casa era apropriada para a realização do plano.

O CRIME DO SILÊNCIO

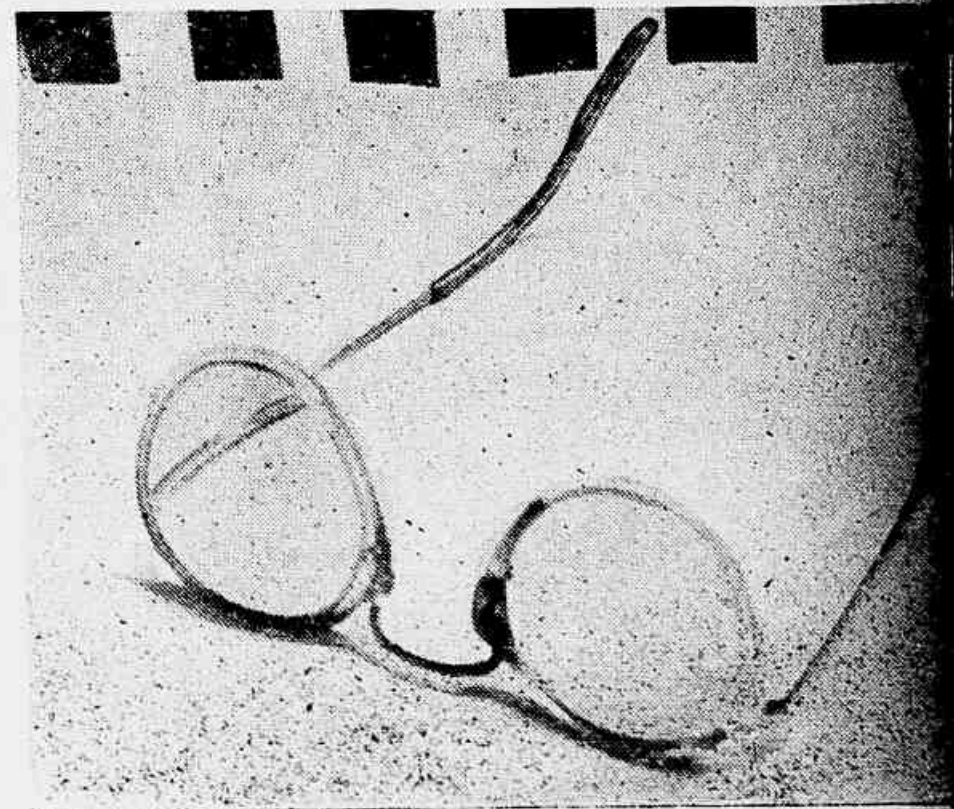
Pouco depois Maria de Lourdes dava conta à sua irmã de que iriam remeter para sua casa o mobiliário da residência de Santa Teresa e mais duas malas. Quanto a estas, adiantou que continham folhetos de propaganda subversiva e alguma mercadoria clandestina, motivo pelo qual deviam ser enterradas no quintal. O silêncio de Virginia, de seu amante Valdemar Silva e de seu filho Eurico Mendonça

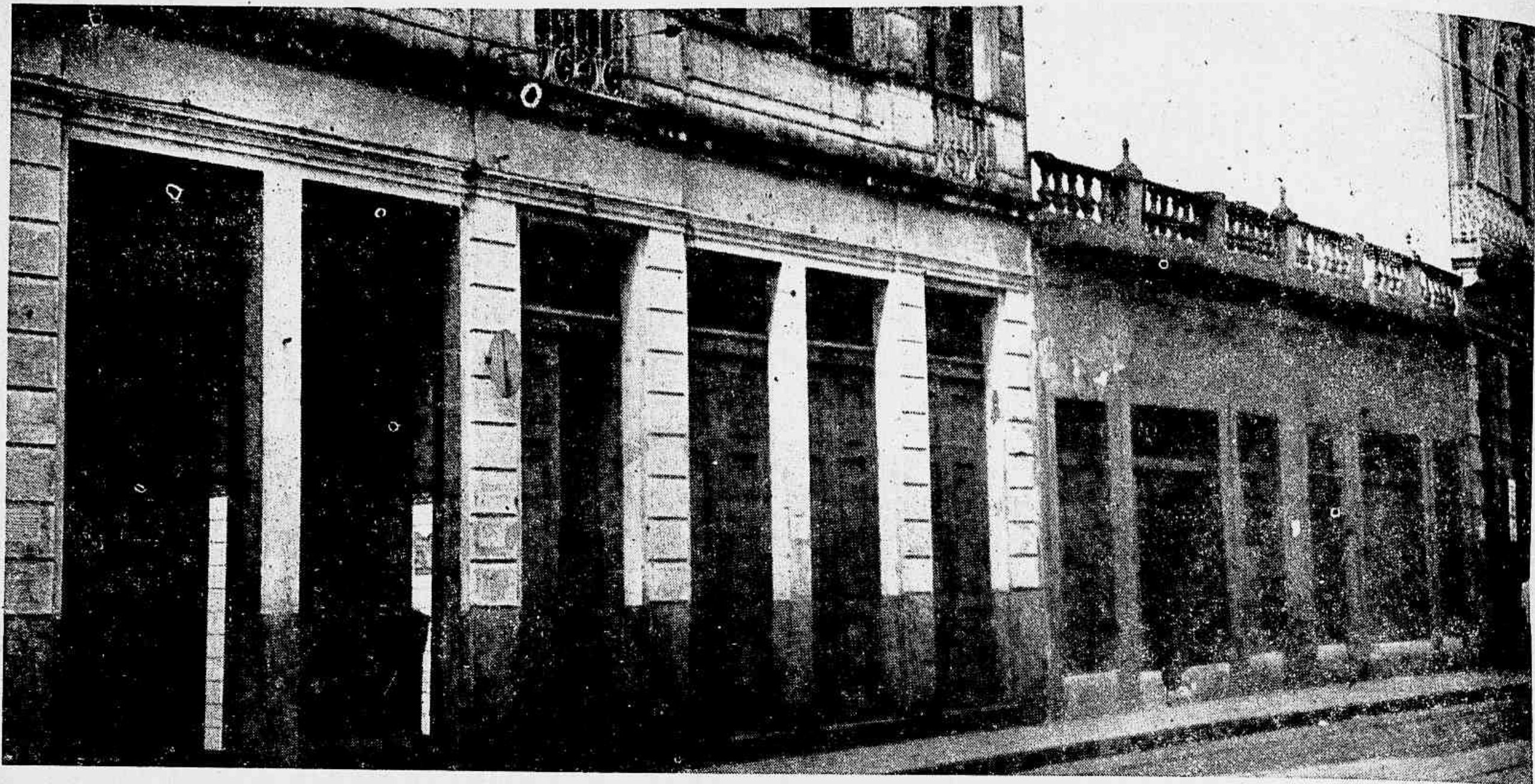
foi comprado pelo preço dos móveis, dos quais Antonio lhes fez presente, passando-lhes um recibo de Cr\$ 3.800,00 como comprovante da compra dos mesmos.

Tudo combinado, foram as malas e os móveis enviados a Niterói, chegando em caminhão à casa n.º 408 da rua Coronel Leocício, por volta das duas horas da madrugada.

Um vizinho ajudou os dois homens a levar para dentro

OS ÓCULOS — Estes são os óculos com que o esquitejador de Irene Romero Cid de Freitas esconde a expressão de seu olhar de paranoico.





A "CASA MANAUS" — No número 54 da rua do Senado funcionava a "Casa Manaus", de propriedade de Antonio Soares Bento, que ali se dedicava ao comércio de ferragens. Quando fracassou o seu intento de esartejar a vítima com um serrote de marceneiro, foi daqui que o criminoso levou a serra com que conseguiu finalmente amputar os membros da sua infeliz esposa. Poucos dias antes de sua prisão o esartejador havia aberto falência, tendo sido assim fechada a "Casa Manaus".

os dois sinistros volumes. Até este ponto, tanto Virginia como Valdemar e Eurico ignoravam por completo o que continham as malas. Levados porém pela curiosidade, logo na manhã seguinte romperam a fechadura de uma delas, encontrando dentro o envoltório de oleado colado com esparadrapos. Descolando uma das tiras, apareceu aos seus olhos surpresos uma das mãos de Irene.

Constatado o macabro conteúdo das malas, resolveram os dois homens enterrá-las incontinenti, afim de evitar res-

ONDE FOI PRESO O CRIMINOSO — Antonio Soares Bento achava-se hospedado no Santa Cruz Hotel, na avenida Gomes Freire, onde foi localizá-lo e prendê-lo a polícia do Rio. Num dos quartos deste hotel ele passou os seus piores dias, perseguido por pesadelos sinistros.



pensabilidades. Abriam no quintal uma cova rasa e, voltando ao barraco, conduziram para o buraco os dois volumes macabros. Coberta com enxadadas de terra, a cova passou a apresentar o aspecto de um montículo, que viria mais tarde a ser um motivo de suspeita.

A vida em casa de Virginia transformou-se por completo depois do enterramento das duas malas. A miséria que ali reinava, resultado do vício de seus habitantes e da consequente indolência, desapareceu por completo. Sábedores do tenebroso segredo de Antonio e Lourdes, passados os primeiros momentos de pânico, os moradores do casebre passaram a se valer do matador de Irene e de sua cúmplice como fonte de renda, extorquindo-lhes quantias relativamente avultadas em dinheiro. E de dia para dia mais se enterravam no vício do álcool. A cada bebedeira, os ânimos se exaltavam por questões da partilha do dinheiro fornecido pelo criminoso. Durante estas rixas era comum ameaçarem-se mutuamente os três, de levarem o caso ao conhecimento da polícia. Tais conversas, trocadas sempre indiscretamente em altas vozes, eram ouvidas pelos vizinhos, que, assim, iam aos poucos tomando conta do que realmente escondia o monte de terra do quintal de Virginia.

NOVOS AMORES

Antonio, por outro lado, continuava a dar largas aos seus complexos, procurando sempre fazer novas conquistas em todos os lugares que frequentava. Foi assim que propôs à dançarina Lucy Muniz, do "Dancing Avenida", uma vida em comum, fazendo-lhe ver a sua ótima situação financeira e o proveito que tiraria daquela união. A moça acedeu.

Logo depois do crime Antonio se mostrara, porém, dedicadíssimo a Maria de Lourdes: com ela fôra a Friburgo, onde mandaram rezar missa por alma de Irene, comparecendo ao ato e assistindo a todo o culto.

De volta ao Rio, começaram as constantes brigas entre eles, que culminaram com a separação do casal. Lourdes voltou para a companhia de seu antigo amante, e Antonio passou a viver com Lucy Muniz.

Continuavam os repetidos pedidos de dinheiro por parte da família de Virginia. Antonio ainda visitava constantemente sua ex-amante, temeroso de que ela o denunciase. Mas novos amores surgiam na sua carreira de D. Juan contumaz.

Embora unida a outro homem, a cúmplice do esartejador continuava a amá-lo, e os ciúmes torturavam-na constantemente. Por diversas vezes tentou forçar uma separação de Antonio e Lucy, dirigindo-se à moça com ameaças e dizendo-lhe mesmo que o rapaz era um assassino. De certa feita, forneceu detalhes do bárbaro assassinato de Irene. Esta foi a causa da separação. Abandonada Lucy, voltou o criminoso ao seu velho amor.

O DRAMA DO PAVOR

Começou para o assassino o drama do pavor. Dormia de luz acesa: o menor ruído provocava-lhe um verdadeiro terror pânico. Não podia ver entreaberta durante a noite a porta de um armário, que não pedisse a Maria de Lourdes para fechá-la. Muitas vezes, altas horas da noite, acordava banhado em suor e, empunhando um revólver, começava a gritar que queriam matá-lo. Já não era o mesmo homem calmo e comedido, que planejara friamente o assassinato da companheira e realizara a operação de

esartejamento. Um papel que batesse contra a vidraça durante a noite acordava-o em sobressalto, com os olhos irrequietos.

Viveram assim, ele e Lourdes, durante alguns meses. Esta veio, por fim, a abandoná-lo definitivamente, voltando de novo à companhia do antigo amante.

Outra vez Antonio procurou Lucy: mas a moça, temerosa de que fossem verdadeiras as palavras de Lourdes, recusou todas as suas ofertas.

O criminoso mudou-se para o Santa Cruz Hotel, onde só oparecia para dormir. Continuava a manter a "Casa Manaus", à rua do Senado, 54, onde se dedicava aos negócios de ferragens. Dado porém à sua vida de gastador dispersivo, o negócio levou-o à falência, poucos dias antes de ser desvendado o crime.

E no quarto do Santa Cruz Hotel o criminoso, em companhia apenas de seu medo e de suas alucinações, descansava o corpo fatigado, nos sonos agitados e povoados de pesadelos sinistros.

Nunca porém poderia supor que tão cedo fosse esclarecido o seu crime hediondo. As malas, pobres atitudes da infeliz Irene, deviam estar bem enterradas num arrabalde de Niterói. O serrote, com que tentara a amputação da perna, jazia esquecido num telhado de Santa Teresa, ou servia de brinquedo a algum grego da vizinhança. A serra que consumara o esartejamento fôra dada por Maria de Lourdes ao seu sobrinho Guilherme, que a vendera a um açougueiro de Friburgo. Assim, espalhados por três cidades os objetos comprobatórios do crime, poderia o criminoso repousar em sossego.

Não contava porém Antonio Soares Bento, o criminoso-cientista, com o testemunho frio do cadáver: um casal do Amazonas aqui chegou e, por todos os meios, procurou saber o paradeiro de Irene. O criminoso, localizado por ele, respondeu contraditoriamente a todas as perguntas, e que levantou sérias suspeitas.

Começava a envolver o matador um círculo de ferro.

DESVENDADO O MISTERIOSO CRIME

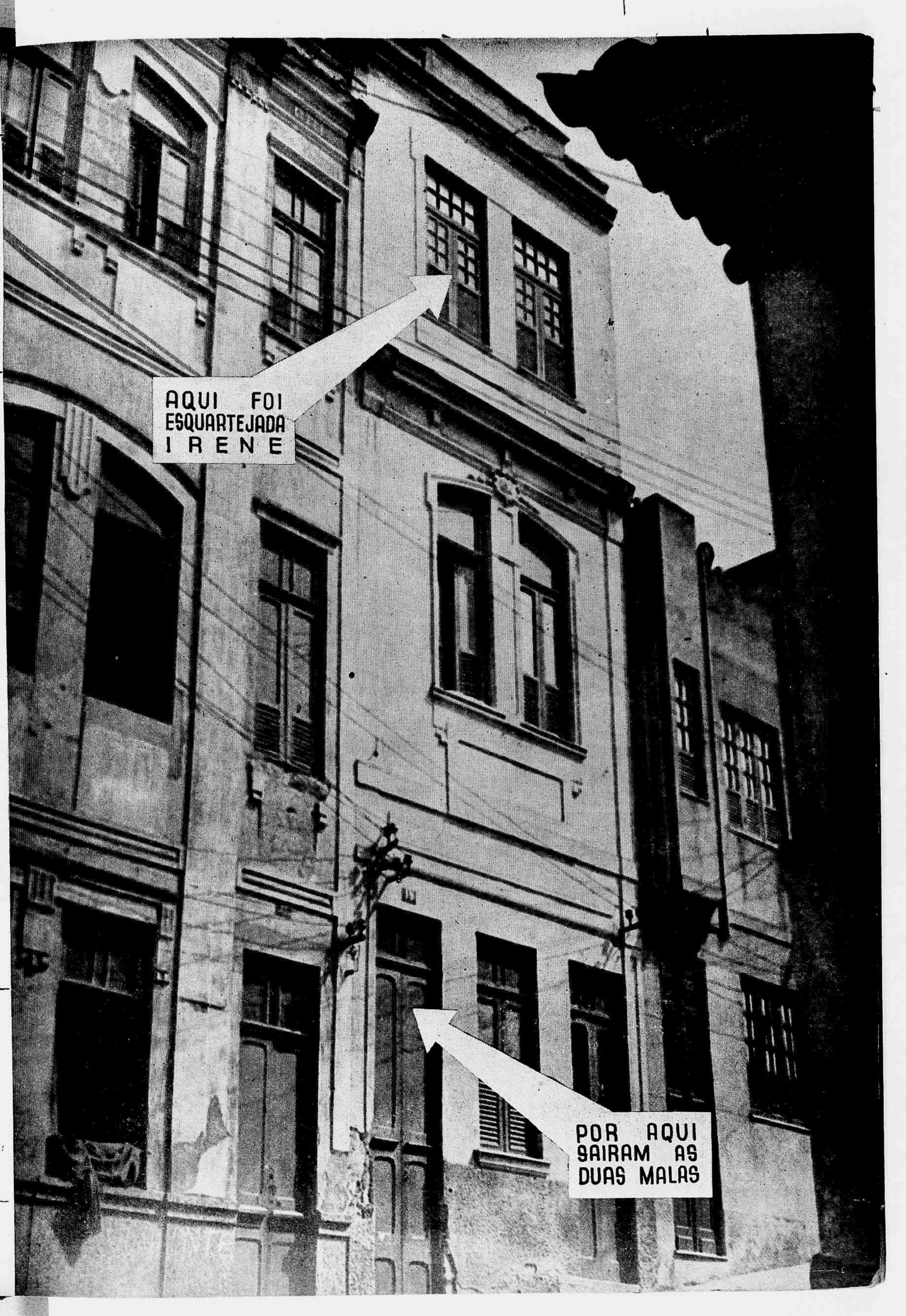
Enquanto isto, também em Niterói o destino trabalhava contra o assassino. A decomposição do corpo de Irene Romero Cid de Freitas, enterrado muito à flor da terra, fazia espalhar em torno o mau cheiro característico dos cadáveres em putrefação adiantada. Os vizinhos desconfiavam; e ainda mais quando viam Virginia espalhar creolina sobre o montículo do fundo do quintal. Para a suspeita contribuía também as palavras dos moradores da casa, que cada dia se tornavam mais ameaçadoras e mais claras.

A primeira queixa foi levada ao guarda de tráfego Democraciano Lopes Mateus, que o comunicou às autoridades do 3.º Distrito de Niterói, situado no Barreto. Outras queixas chegaram àquela repartição, e o dr. Ademar Braz, delegado da mesma, rumou para o local, acompanhado de vários agentes.

Identificado o cheiro espalhado nas vizinhanças do monte, a autoridade ordenou que o mesmo fosse removido. Apareceram as duas malas. Abertas pelos policiais, revelaram ao Brasil inteiro o mais pavoroso e desumano crime de morte de que teve notícia este século a crônica policial do Rio de Janeiro.

Numa das malas estavam os três membros putrefatos da pobre senhora, enquanto a cabeça, o tronco e o braço direito jaziam no outro volume, envoltos em oleado.

Removidos os despojos para o necrotério policial da vizinha cidade, foram interrogados, mesmo no local, os



AQUI FOI
ESQUARTEJADA
I R E N E

POR AQUI
SAIRAM AS
DUAS MALAS



OS COVEIROS — Eis aí Valdemar Raimundo da Silva e Eurico Mendonça, respectivamente amante e filho de Virginia de Mendonça, em cuja casa foram entregues as duas malas que ocultavam o corpo de Irene Romero Cid de Freitas. Estes dois homens que, como a mulher, se entregavam ao vício da bebida, serviram de coveiros da infeliz vítima do bárbaro assassinato. No quintal do barracão foram os dois volumes enterrados por eles numa cova rasa. Esta foto foi feita durante a reconstituição do enterramento, e por ela se pode ver a indiferença com que eles encaram o caso.

três moradores do casebre. E ali mesmo, sem nenhuma dificuldade, conseguiram os policiais as suas confissões. Foram unânimes em afirmar que Antonio Soares Bento e sua amante Maria de Lourdes Neobauer eram os responsáveis pela morte da mulher, cujo cadáver fôra entregue à sua custódia.

Cientificada a polícia do Rio do fato, puseram-se em campo as autoridades, conseguindo deter Antonio Soares Bento no Hotel Santa Cruz.

Ao que tudo faz crêr, já ele planejava a fuga. A sua bagagem foi apreendida, sendo ele juntamente com os seus quatro cúmplices encaminhados à delegacia do 6.º

Distrito Policial, onde o delegado Atilio Pila instaurou o competente inquérito para apurar as responsabilidades de cada um.

À hora em que redigíamos estas notas, já havia sido solicitada à justiça, pelo dr. Pila, a prisão preventiva dos acusados, pois as provas cabais de suas confissões já se encontravam em poder daquela autoridade.

MARIA DE LOURDES INCRIMINA O AMANTE

Foi-nos dado visitar os criminosos em sua prisão, no Distrito da avenida Mem de Sá. Antonio Soares Bento

pouco falou, trancado dentro de uma tristeza enorme, com os olhos sempre perdidos no vácuo.

Ele continua a ter o sono agitado e povoado de visões sinistras. Assim acontece também a Valdemar Silva e Eurico Mendonça, que, certa noite, chegaram a acordar as autoridades, gritando que haviam visto um vulto negro descer do telhado de sua casa.

Maria de Lourdes e Virginia de Mendonça encontram-se num quarto de interior do edifício onde funciona o Distrito. Foi ali que lhe falámos, recolhendo acusações terribes contra Antonio. Este, em suas declarações ao dr. Atilio Pila, fez ver claramente que tudo fizera por instigação de Maria de Lourdes.

Ela entretanto, diante do repórter, atirou sobre ele a culpabilidade completa do crime, declarando textualmente, com voz entrecortada de soluços:

— Não pretendo me inocentar, mas tudo o que Antonio declarou é mentira. Não lhe ajudei a esgaratear o cadáver, nem vi o corpo de Irene depois de morta. Fui à sua casa no dia do crime apenas porque me pediu que o fizesse, declarando que tinha medo de permanecer ali sozinho. Fiquei entretanto na cozinha, esperando que ele consumasse o esgarateamento no quarto de dormir. A única ajuda que lhe dei foi auxiliá-lo a colocar na segunda mala o tronco da morta, pois ele declarou que não tinha força para fazê-lo só.

— E por que não levou o fato ao conhecimento da polícia?

— Porque tinha medo. O que ele fizera era uma prova evidente de que seria capaz de cometer qualquer crime.

— E não é verdade que saíram os dois para buscar a serra?

— Não. Quando cheguei à ladeira de Santa Teresa, a chamado de Antonio, fui encontrá-lo de pijama. Só então tive conhecimento do crime.

Neste ponto Virginia, que escutara tudo, toma parte na conversa:

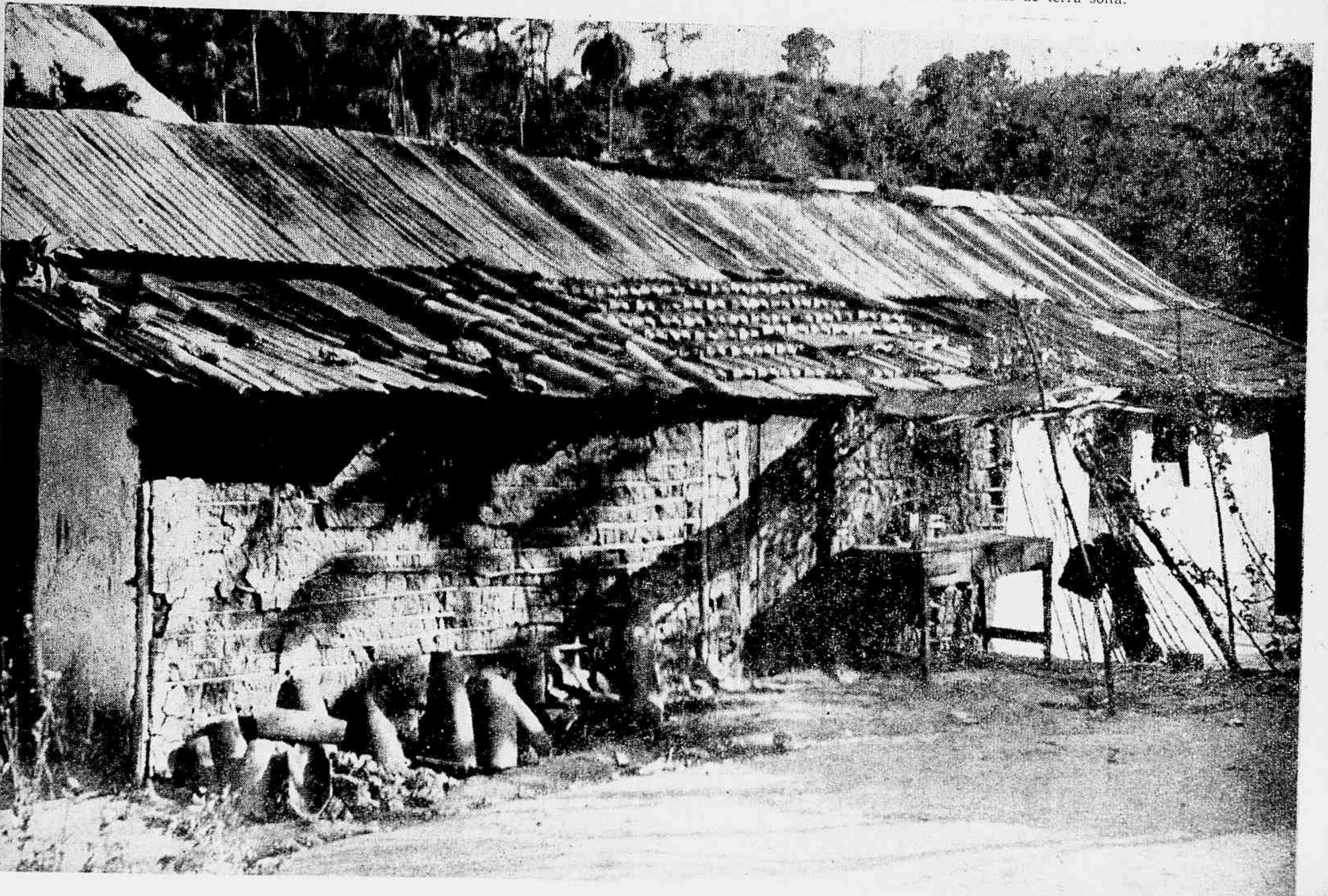
— Eu e Lourdes não podíamos fazer nada. Tive medo de denunciá-lo à polícia quando vi o que continham as malas. ... A sua irmã continua:

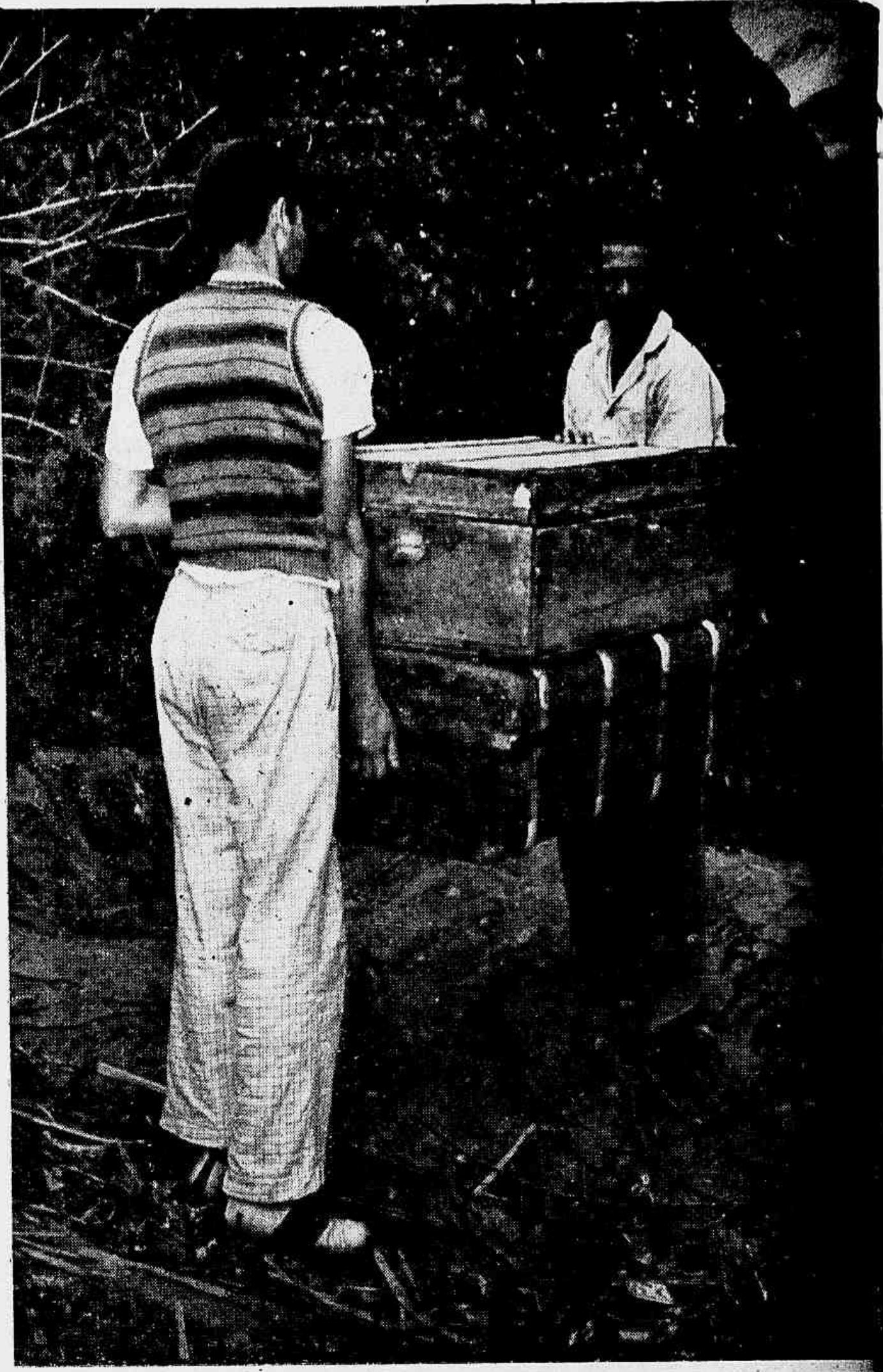
— O senhor pode ver que Antonio pretende me incriminar, mas tenho em consciência que ele foi mais culpado. Nunca o induzi a cometer tal crime. Agora estamos todos desgraçados por sua causa. Se fiz algum mal foi porque temia que ele se vingasse caso lhe desobedecesse.

— Mas ele alguma vez a ameaçou?

— Diretamente não; mas sentia que ele queria se desfazer também de mim logo que encontrou Lucy. Certa vez insistiu para que eu fosse a Paqueta com ele, na última barca, dizendo que precisava receber ali um dinheiro. Tenho a certeza de que ele pretendia executar algum plano sinistro para se ver livre de mim. De outra feita quis me levar ao Leblon, em hora avançada. Fracassou também o seu intento, por eu ter recusado o convite.

O CASEBRE — A foto mostra o miserável casebre que habitavam Virginia de Mendonça, Eurico e Valdemar. Batidos pela miséria e pela necessidade, os três ébrios não repeliram a proposta de Antonio Soares Bento e sua amante Maria de Lourdes, mesmo quando já eram sabedores do que ocultavam as duas malas. Depois do enterramento começaram a extorquir dinheiro do assassino, numa chantage repulsiva. Um dos motivos que levaram os vizinhos a suspeitar da família foi a melhoria da situação econômica da mesma. A este casebre vieram ter um dia os policiais, descobrindo ali o corpo da inditosa senhora, enterrado sob um montículo de terra solta.





COMEÇA A RECONSTITUIÇÃO — Chegadas num caminhão da polícia fluminense, as malas são levadas para o interior da casa de Virginia de Mendonça, sendo retiradas do auto-transporte pelos próprios coveiros. Eurico e Valdemar foram fotografados no momento exato em que seguravam o maior dos dois volumes, justamente aquele que continha o tronco, a cabeça e o braço direito da vítima.

AS MALAS MACABRAS — Diante dos policiais e da multidão de curiosos, os dois coveiros trabalham na reconstituição do enterramento de Irene Romero Cid de Freitas. Começam por levar as duas malas macabras do interior do barracão para o fundo do quintal. Ali colocam-nas atrás de uma moita de arbustos. Cavam em seguida a cova, com golpes rápidos e seguros. Toda a manobra é executada com calma e serenidade.

Maria de Lourdes começa a chorar. Vê-se pelos seus olhos que ela não tem feito outra coisa durante estes dias.

CRIME E CASTIGO

Aqui terminamos a narrativa da tragédia da ladeira de Santa Teresa. Ali, num segundo andar estreito, no dia 4 de fevereiro deste ano, Antonio Soares Bento, um rapaz

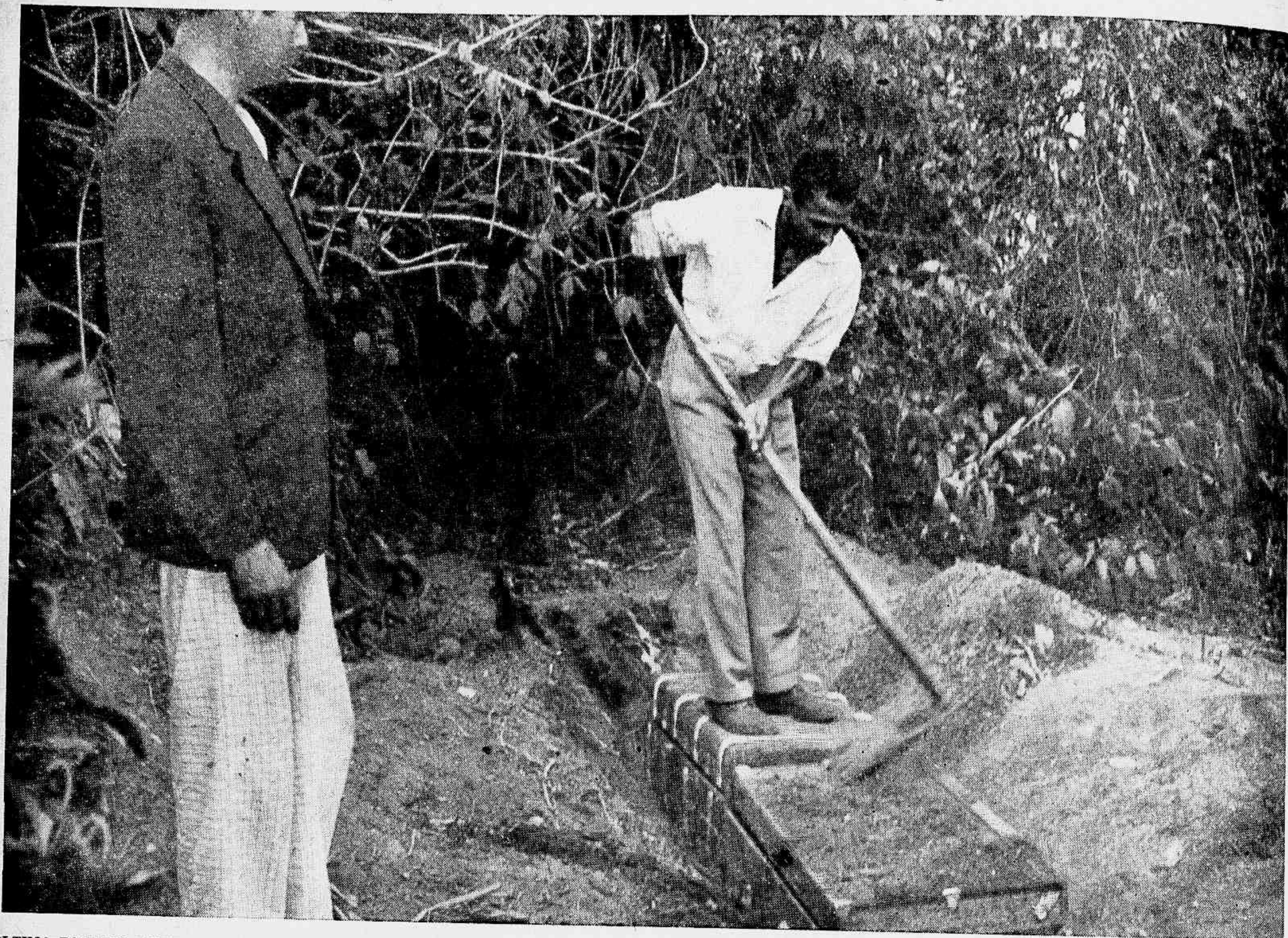
de vinte e cinco anos de idade, assassinou friamente a mãe de seus filhos, retalhando a seguir o seu corpo jovem. A sua amante, Maria de Lourdes Neobauer, talvez tenha sido cúmplice de seu bárbaro homicídio ou apenas uma pobre vítima das circunstâncias.

Numa casa miserável de Niterói três alcoólatras inconscientes serviram de aparelho à trama sinistra, ocultando o cadáver de Irene Romero Cid de Freitas, uma senhora

ASSISTINDO AO ENTERRAMENTO — Da porta do fundo de seu misero casebre Virginia Mendonça assistiu ao enterramento de Irene, executado por seu filho Eurico e seu companheiro Valdemar Raimundo da Silva. Agora, na mesma posição em que ficou, ela assiste à reconstituição da cena.

COMO FOI ENTERRADA IRENE — Assim foram enterradas as malas que continham o cadáver de Irene. Eurico e Valdemar, já conhecedores do segredo de Antonio, não tiveram dúvidas em ocultar os macabros volumes. Cavaram no fundo do quintal uma cova rasa e ali depositaram as duas malas, cobrindo-as a seguir com a terra solta retirada do buraco. Durante oito meses esteve encoberto o bárbaro crime de Antonio Soares Bento.





ÚLTIMA FASE DO ENTERRAMENTO — Ante o assombro da multidão de curiosos e a surpresa das autoridades e dos jornalistas, Eurico Mendonça e Valdemar Raimundo da Silva reconstituem, com uma calma revoltante, a última fase do enterramento das malas: Com enxadadas rápidas, vão cobrindo a cova por eles próprios aberta para enterrar o corpo da vítima de Antonio Soares Bento. Nenhum gesto que demonstre remorso, nenhuma atitude que mostre arrependimento. Respondem com frieza e serenidade às perguntas do dr. Ademar Braz, delegado do 3.º Distrito de Niterói, que se vê abaixo, junto ao escrivão Edú Muniz Machado, que lavra o laudo da reconstituição.



amazonense, cuja história excede em dramaticidade a tudo quanto escreveu Shakespeare durante sua vida.

Cabe à justiça, não a nós, apurar a responsabilidade de cada uma das personagens desta tragédia dostolewsiana, que teve como palco as cidades do Rio de Janeiro e Niterói.

Neste momento os cinco criminosos curtem dentro dos xadrezes do 6.º Distrito as agruras do castigo.

Fora as suas figuras, apenas uma serra, adquirida por um comerciante da rua do Rosário a um açougueiro de Friburgo, é testemunha da tragédia. E, além dela, um corpo humano retalhado, que se guarda numa câmara frigorífica de Niterói.

Cumpra à justiça, não a nós — repetimos — indicar o que deve ser feito do homicida e de seus cúmplices.

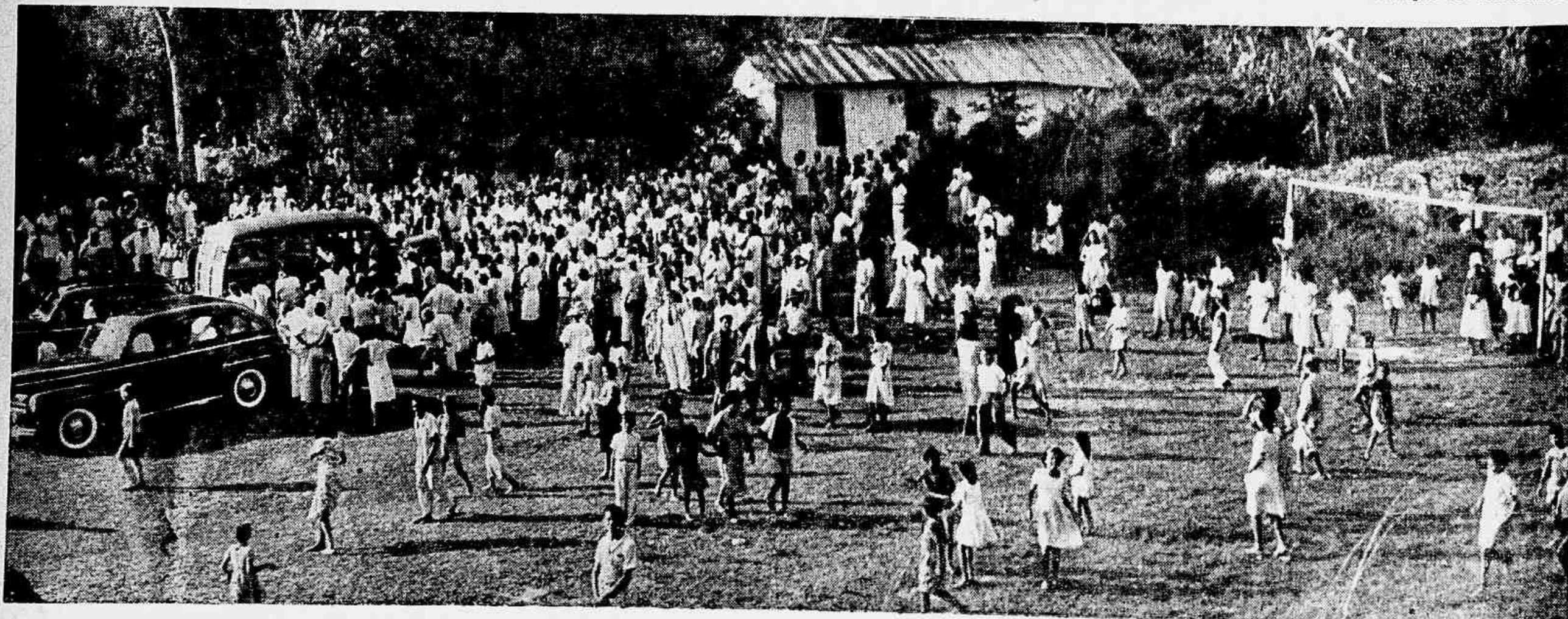
Continua entretanto sem explicação o motivo do bárbaro assassinato. Antonio Soares Bento teima em afirmar que matou para obter a posse dos filhos. Estas suas declarações são de uma ingenuidade pueril.

Levados pela lógica dos fatos, somos obrigados a concluir que ele matou e esquartejou sua companheira tão somente porque a sua imaginação de paranoico se satisfaria plenamente com a consumação de um "crime perfeito".

De um modo ou de outro, as alucinações que têm perseguido tanto a ele quanto os seus quatro companheiros, são o castigo mais tremendo que aos seres humanos se possa infligir.

Que cumpre entretanto aos homens fazer a esta récula de infelizes, causadores de uma tragédia e fadados a viver o resto de seus dias dentro de uma tragédia igual?

ESCAPANDO A MULTIDÃO FURIOSA — Quando Virginia de Mendonça deixava o seu barraco, após a reconstituição da cena de enterramento das malas, a multidão que cercava o miserável casebre tentou agredi-la, aos gritos de "lincha, lincha!". Os policiais se viram obrigados a protegê-la contra o assalto dos vizinhos e curiosos que, furiosos, tentavam se aproximar do carro-forte. No flagrante acima vemos a multidão avançando contra o "tintureiro" estacionado no campo de futebol que fica fronteiro ao barracão. Não fôra a presença da polícia, e os cúmplices de Antonio Soares Bento teriam por certo sido agredidos pela grande massa de povo que se reuniu para ver a reconstituição do enterramento.



*Eles souberam
guardar o seu
segredo...*

— Abandonou a mulher!
Janie não pôde conter uma exclamação de consternação.

— Não é possível! Eram tão felizes...

— Mas é a pura verdade.

Carol, Carol Lane não podia ter abandonado a mulher. Diante do fato consumado, entretanto, foram desaparecendo as esperanças dos amigos. Mas ficou o choque, que fôra realmente grande. Durante vários anos eles tinham sido o modelo que todos os maridos apontavam e todas as mulheres citavam; na unanimidade de opiniões o casal mais distinto, o mais invejável e — parecia — o mais feliz.

— Qual terá sido o motivo?

Ninguém poderia atinar com a verdadeira razão. Lynn Maynard, que se dizia a melhor amiga de Linda, andou oferecendo explicações. Houve várias versões, todas a favor da esposa. Esta, inconsolável, fechara-se em casa e recusava-se a receber as amigas. Diante disso, concluiu-se que Carol fôra o culpado. Fugira covardemente. Mas qual teria sido a razão?

Miss Drill não tomou parte nas especulações públicas a respeito. Todas as quintas-feiras reunia-se o clube feminino da localidade e durante várias semanas o assunto da conversa nas reuniões era: por que Carol se separou de Linda? Miss Drill andou faltando a algumas reuniões; depois adoeceu e não foi mais preciso procurar pretexto. Até que chegou a carta. Não se poderia dizer que a esperasse. Entretanto, de certo modo tinha certeza de que ela viria. Carol, assim que se acalmasse, haveria de escrever. Não se enganou. Reconheceu, logo, a letra firme dele no envelope.

Estava na cozinha quando viu aproximar-se o carteiro e viera quase correndo. Limpou as mãos sujas de massa no avental, recebeu a carta e não voltou para a cozinha. Entrou na sala e sentou na cadeira de balanço, esperando um pouco antes de começar a ler. A precipitação fizera-a perder o fôlego. Recobrou-o aos poucos.

A carta não era demasiado longa. A letra firme espalhava-se por uma dúzia de páginas, e não havia uma palavra

riscada sequer. Miss Drill, diante daquilo, teve a impressão perfeita de que era irrevogável a decisão de Carol. Ele não hesitara ao escrever. Ao arrumar as folhas, notou a assinatura de Carol. Na última página viu de relance a palavra divórcio. Voltou rapidamente ao princípio e começou a ler. Queria inteirar-se dos fatos na sua devida ordem.

"Minha querida Catherine:

Minha melhor amiga, é como deveria começar esta carta. Mas, francamente, não acho que seja este o momento propício para transbordamentos sentimentais. Por mais estranho que possa parecer, Catherine, esta carta é puramente comercial. Trata de negócios. Você, certamente, estranhou minha partida súbita, e espera a justificação. Devo dizer-lhe que não há justificação. Partil porque deveria partir. Eis tudo. Subitamente, sentimos que não nos amávamos. Não há explicação. "Olá, meu amor!", foi como principiámos. Acabei dizendo "Agora adeus!"

Esta carta não é explicação, como já disse. Queria pedir a você um grande favor. Queria que você fosse ver Catherine e tratasse com ela de tudo. Já escrevi a ela uma carta dizendo que encarreguei você de todas as decisões. Não é preciso consultar-me. Deixei uma procuração para tratar dos negócios em seu nome no Banco Harrow. Diga a ela que peça o divórcio. Não contestarei. Nem será preciso que eu compareça. Em Reno é fácil.

A carta continuava. Mas Miss Drill não leu mais. Que teria acontecido?, mais do que nunca, ela tinha a certeza que fôra alguma coisa de grave. Ele nunca faria aquilo se não tivesse um motivo poderoso.

E AGORA ADEUS!

Conto de
NANCY MOORE

Sua única esperança de saber alguma coisa era Linda. Não esperou mais. Foi visitá-la naquela mesma tarde.

— Alô, Linda!

Não sabia, realmente, o que dizer. Linda, de olheiras, deu um sorriso triste.

— Estava esperando você, Catherine. Vamos tratar dos negócios de Carol juntas.

— Linda, eu não vim aqui somente para tratar de negócios. Eu queria saber...

— Por favor, Catherine, não me pergunte nada.

— Mas...

— Carol escreveu dizendo que você trataria de tudo. É verdade?

Miss Drill não teve outro remédio.

— Sim.

★

A surpresa maior viria depois, mais tarde. No dia em que o divórcio ia ser concedido, Linda subitamente voltou para casa. Deixara Reno à última hora. Desistira do divórcio.

— Linda voltou!

A notícia correu a cidade inteira, e

já à tarde havia visitas ansiosas. Queriam saber, saber o motivo, enfim! Enfim ia vê-la descobrir a razão.

— Boa tarde — disse Linda ao entrar.

Sorriu. Tantas amigas! A curiosidade...

— Linda, meu bem...

— Linda, nós ficamos tão penalizadas...

— Linda, não sei como exprimir meus sentimentos...

— Linda, meu amor, você sabe, nós somos amigas há tanto tempo... Eu compreendo, perfeitamente, como você deve estar sofrendo...

Linda tornou a sorrir, antegozando a surpresa daquela gente. Falsos amigos. Bisbilhoteiros. Subitamente, sentiu-se irritada com todos eles, e resolveu falar logo.

Continua na pág. 57



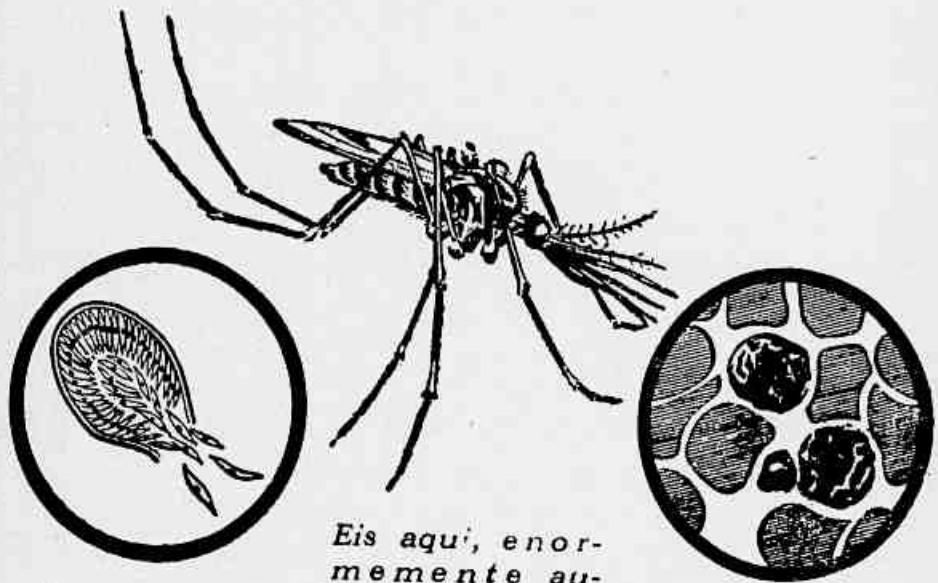
M U S I C A

O IMPALUDISMO

e os mosquitos

O impaludismo, paludismo, malária ou sezões é um mal endêmico em certas zonas do Brasil, produzido pela fêmea do mosquito Anófeles ao inocular o germe mediante uma picada. Esta enfermidade apresenta diversos tipos que variam desde o momento em que o germe aparece no sangue, produzindo calafrios, febre e mal-estar característicos. Se isto acontece de 3 em 3 dias, a doença chama-se terçã; se de 4 em 4, quartã, etc. O impaludismo deixa marcas em diversos órgãos e termina por minar a saúde geral.

Destruir os mosquitos que penetram nos lares é uma forma efetiva de evitar a propagação de perigosas doenças. SHELLTOX, inseticida científico, é um dos fatores mais positivos no extermínio de mosquitos, moscas, e outros insetos daninhos.



Estes micro-organismos, causadores da malária, encontram-se no corpo do Anófeles que os injeta no homem ao picá-lo.

Eis aqui, enormemente aumentado, o mosquito chamado Anófeles, capaz de por em perigo a vida de um homem. O mosquito Anófeles é o temível agente transmissor do germe do impaludismo, paludismo, malária ou "sezões".

O germe da malária de tipo quartã, numa etapa avançada de seu desenvolvimento dentro do sangue humano.



SHELLTOX

Não fonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.
PRODUTOS DE PETRÓLEO



A temporada de bailado ultrapassou a cota de acidentes que o racionamento permite. Durante a primeira representação das Sílides, justamente no dia da estréia, Tamara Capeller tropeçou numa companheira e caiu. Aberto o precedente com a primeira queda, as outras tardaram. Durante a "Luta Eterna", que conta a história da luta de um homem contra o destino, pelo menos duas vezes o anjo da guarda das bailarinas cochilou, havendo tombos sensacionais. O público generoso reanimou as acidentadas com uma pequena salva de palmas, e o espetáculo continuou sem mais novidades, até que Nathaniel Stoudenmire perdeu o capuz, num rodopio.

Entretanto, apesar de tudo isso, e ainda que pareça incrível, a temporada foi boa. Vários artistas nacionais tiveram ótimas oportunidades e souberam aproveitá-las. Bailarinos estrangeiros estrearam com sucesso.

Dentre os nacionais, além da estréia de Edith Pudelko, Wilson Morelli, sobretudo no "Drama Burguês" e nos "Contes du Bouffon", chamou a atenção da crítica. Amalia Lozano também teve ocasião de fazer-se notar. Quanto a Tamara Capeller, já sabíamos do que é capaz essa jovem cujo talento impressionou Schwesoff.

Julia Horwarth e Nathaniel Stoudenmire vieram dos Estados Unidos especialmente para tomar parte na Temporada. Desde logo verificou-se que eram os dois melhores elementos importados. Julia, que pertence ao Ballet de Monte Carlo, para o qual voltará agora, deu-nos interpretações inesquecíveis como "Rainha dos Cisnes" e a chinesinha da "Papoula Vermelha", entre outras.

Nathaniel foi a principal figura masculina da Temporada. Tanto na dança clássica como na expressionista, revelou uma técnica assombrosa e uma compreensão incomum da dança expressionista, o que é raro em bailarinos que, como ele, preferem o bailado clássico. Poderíamos salientar o seu desempenho no "Lago dos Cisnes" e na "Papoula Vermelha".

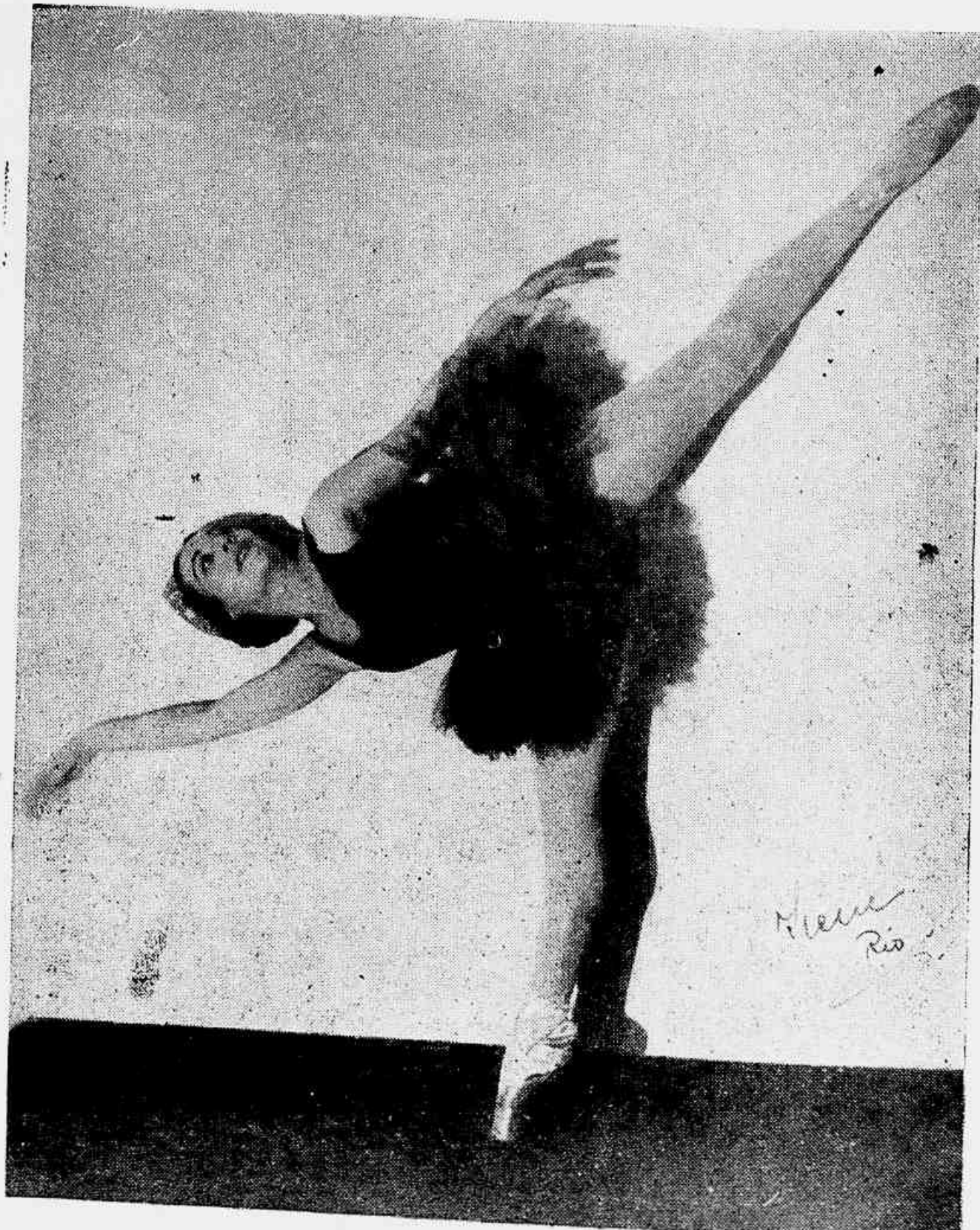
★

Numa temporada tão farta em acidentes no palco não faltaram incidentes nos bastidores. Um dos casos, que chegou a ter repercussão na imprensa, foi a repetição das "Sílides", com um novo elenco, em récita de assinatura. Não há dúvida que Schwesoff defendeu com fortes argumentos a inclusão em um novo programa do mesmo bailado, porém creio que uma superioridade na segunda versão, que seria o argumento decisivo, ficou faltando. Morelli, de quem já falamos elogiosamente a respeito de suas interpretações em outros bailados, não chegou a poder se equiparar a Nathaniel Stoudenmire, que dançou a primeira versão. Também Maryla Gremo, apesar de muito graciosa, não me pareceu melhor do que a bailarina que desempenhou o papel da primeira vez. A nova "Sílides" foi importante, sobretudo porque pregou um belo susto nos bailarinos, com uma vaia prometida mas que não se realizou, e um momento de ansiedade na platéia, quando Tamara Capeller chegou ao mesmo ponto onde caíra na primeira versão. Da segunda vez, porém, ela teve o cuidado de olhar bem o caminho para evitar repetição do desastre.

Roberto Lyra Filho

★

MARYLA GREMO, que dançou a segunda versão das "Sílides"



ESPORTES

RITMOS ESPORTIVOS

O assunto eterno do futebol carioca e brasileiro é o juiz. O juiz é culpado de tudo o que acontece no retângulo gramado de um campo de "association". Um quadro venceu porque o juiz ajudou; um quadro perdeu porque o juiz foi o décimo segundo jogador do adversário. Imperou o jogo violento numa peleja porque o juiz não teve força moral para impor a sua autoridade. Em suma, o juiz é o cristo.

Um vespertino publicou a seguinte nota pitoresca:

"Quando se realizava um encontro de futebol em Estrêla, no Estado do Rio, entre os quadros do Charitas F. C. e do Barreiras, a torcida local fez parar a partida e obrigou o árbitro a fugir em rápida corrida. O dirigente do prélio, que estava descalço, procurou como um louco o fundo do campo e, à falta de outra saída, trepou num pé de coqueiro, a fim de evitar ser linchado pelos torcedores exaltados. Interessante é que os integrantes dos "teams" e os torcedores ficaram em redor do coqueiro aguardando a chegada da polícia, chamada a garantir o apitador. Desta forma, o campo de luta futebolística ficou vazio, tendo lugar outro espetáculo, de modo empolgante.

Lá do alto do coqueiro o juiz gritava por socorro, tal o número de elementos que esperavam a sua descida. Aguardou, contudo, serenar os ânimos para descer calmamente do ponto estratégico."

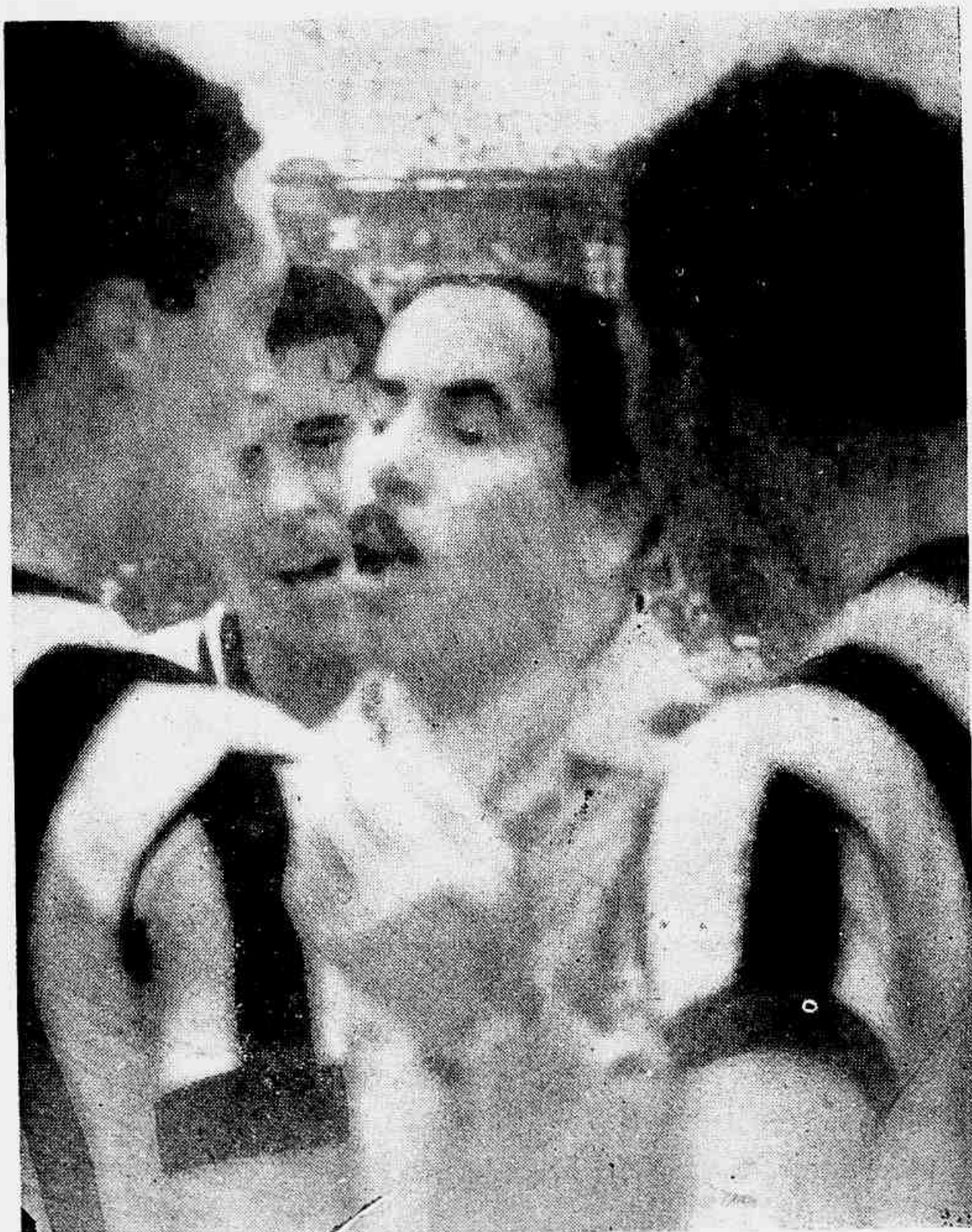
Noutro dia um telegrama do Território de Ponta Porã contou-nos que, durante a partida entre o Internacional, de Ponta Porã, e o Independiente, do Paraguai, o juiz Paulito abandonou a cancha, após uma reclamação de um prócer do Internacional. Só a custo foi encontrado um substituto.

Enfim, o juiz é o argumento para tôdas as ocorrências do futebol.

Paga-se o prêmio de um milhão de cruzeiros a quem resolver o problema das arbitragens. E' difícil contentar gregos e troianos.

Levy Kleiman

A função do juiz de futebol tem dois aspectos distintos: um pró, outro contra. O "team" vencedor sempre o considera "o melhor do mundo". Mas o derrotado...



SEU ESPÊLHO NÃO DESCOBRE O

"Inimigo Invisível"



Você tem um "inimigo invisível". Quase todos nós o temos: a acidez bucal de origem bacteriana que, não sendo neutralizada, pode causar a cárie dos dentes.

A limpeza comum dos dentes não elimina toda a acidez bucal de origem bacteriana. Para isso, você necessita do dentífrico adequado. O Creme Dental Squibb é esse dentífrico adequado, pois contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente especialmente destinado a combater e neutralizar a acidez bucal.

Seu dentista é a maior autoridade para julgar um dentífrico. Consulte-o sobre as qualidades do

COMBATA O SEU "INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:

1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.

2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a perniciosidade acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma sensação agradável de limpeza e frescura.



CREME DENTAL
SQUIBB

TEATRO



Quem, geralmente, menos assiste a espetáculos teatrais são os próprios artistas do palco, pois os teatros funcionam simultaneamente e não permitem, assim, que este ator ou atriz vá apreciar o trabalho dos colegas. Este ano, porém, foi posta em prática uma novidade, por iniciativa de algumas companhias que neste momento dão espetáculos aqui no Rio. De cada peça levada à cena, em noite previamente designada, depois do espetáculo costumeiro para o público, é dada uma representação dedicada aos artistas das demais empresas, a qual tem início por volta de meia-noite e alguns minutos. Trata-se de um empreendimento de puro coleguismo, sem nenhum objetivo comercial, mas estabelecendo laços de maior e mais íntima cordialidade entre membros da laboriosa família teatral.

Em dia da semana atrasada, Bibi Ferreira repetiu essa agradável tarefa, dando um espetáculo depois da meia noite, para os atores e atrizes de outros elencos, com a peça "A Carreira da Zuzu", um dos seus legítimos sucessos da temporada. São desse acontecimento mundano-teatral as fotos desta página, tiradas no "hall" do Teatro Fênix após a representação. Ao alto, vêem-se, entre muitos outros, Bibi, Luiz Tito, Ribeiro Martins, Alberto Perez, Nuri Bittencourt e Branca Mauá. Ao centro, as três "estrelas": Aimée, do Serrador, ladeada por Dercy Gonçalves, do Recreio, e Bibi Ferreira. Na última gravura, outro instante em que se vêem ainda Alda Garrido, do Rival, e Manuel Pinto, empresário do Recreio.

★

Aproximando-se o fim do ano, algumas companhias começam a desertar, dispostas a fazer suas clássicas excursões pelos Estados. Bibi será a primeira, logo seguida por Dulcina e Odilon. Para o Fênix virão Os Comediantes, e para o Ginástico uma companhia dirigida pelo ator-escritor Renato Viana.

★

A Sociedade Amigos de Teatro — da qual se retiraram R. Magalhães, Jr. e Mario Brasini — registrou outro legítimo sucesso com a "première" de "A Família Barrett", onde têm papéis destacados, que mereceram aplausos do público e da crítica, além de Maria Sampaio, Arena e Nelson Vaz, ainda as estreantes Stella Perry, Eugenia Levy e Wahyta Brasil.

★

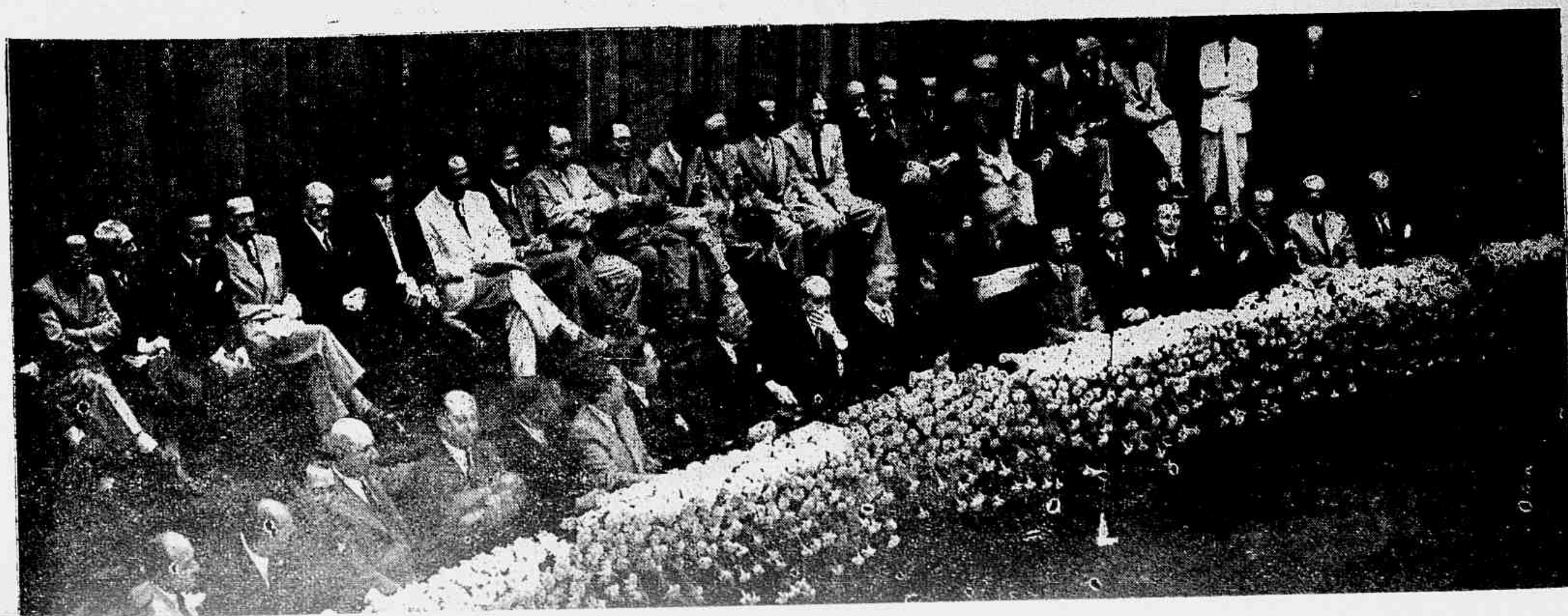
Ainda este mês deve estreiar no Teatro Carlos Gomes a Companhia Delorges, de comédia e variedades. Trata-se de um elenco formado por destacadas figuras da Rádio Globo, cujos estúdios funcionam também naquele teatro, e outros, contratados avulsamente. Parece que a peça de estreia será a comédia "As Três Helenas".

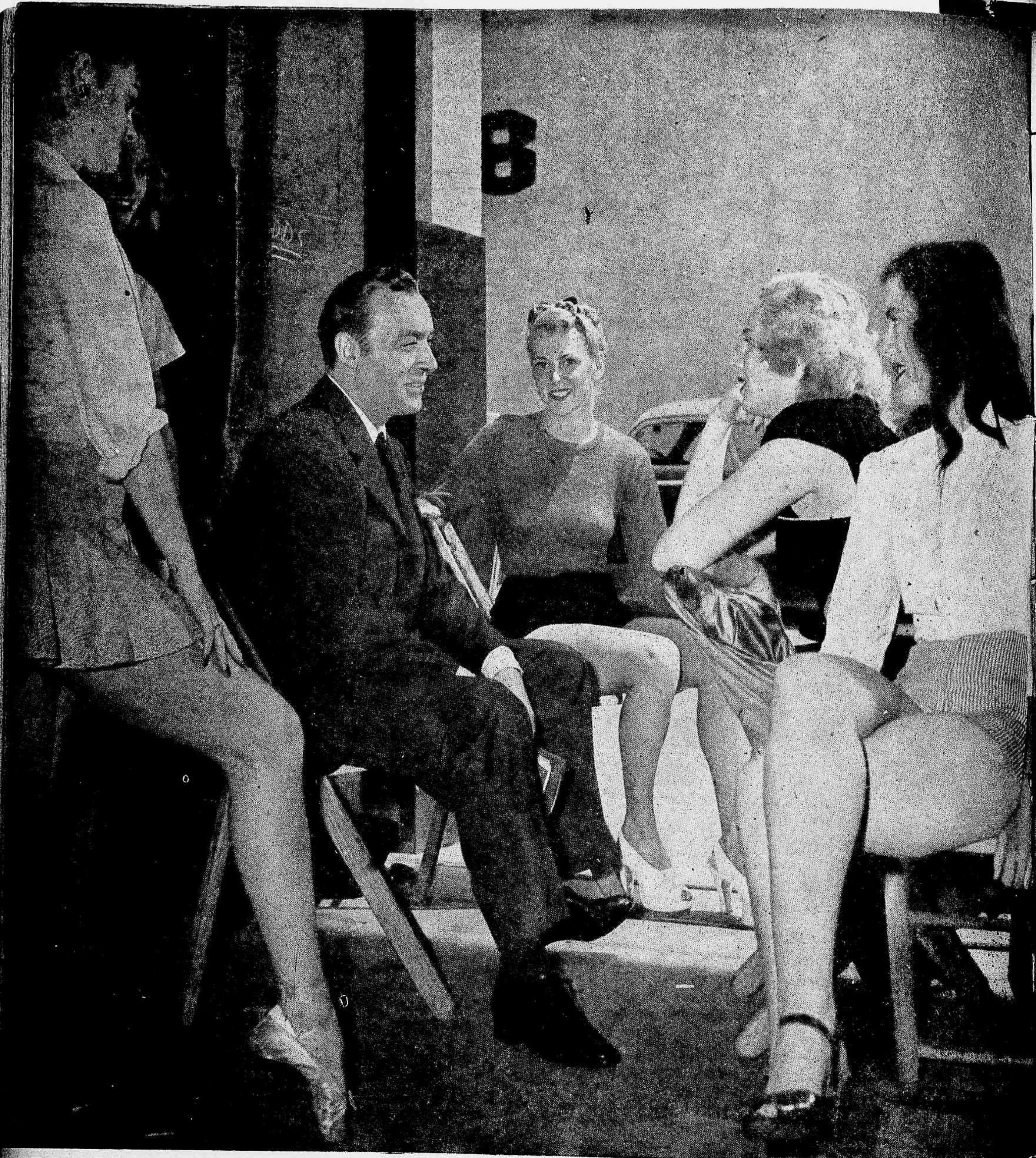




HOMENAGEM A EDUARDO GOMES

Flagrantes tomados no Teatro Municipal, nesta Capital, no dia 19 do mês p. findo, por ocasião da grande homenagem que os advogados do Distrito Federal prestaram ao Brigadeiro Eduardo Gomes. Uma das fotos mostra o Teatro literalmente cheio pela presença dos juristas e suas exmas. famílias, bem como cavalheiros, senhoras e senhoritas, de tôdas as classes sociais, que ovacionaram o homenageado; outra apresenta a mesa, e uma terceira foi apanhada quando falava o dr. Moitinho Dória, decano dos causídicos cariocas presidente da sessão.





Ao alto: Charles Boyer, num intervalo da filmagem de "The Confidential Agent", nos estúdios da Warner, recebe a visita de um grupo de "girls" que aparecem em um "short" musical e se deslumbram com a "personalidade" do galã. — A esquerda: Bette Davis, que terminou "A Stolen Life" com Glenn Ford, num flagrante de palestra quase-intima com Charles Boyer. — E à direita, ainda mr. Boyer contando uma anedota — naturalmente engraçada — para o diretor Norman Shumlin e Peter Lorre. Reparem a fisionomia deste último, denotando a infinita graça da anedota...

A REVISTA EM HOLLYWOOD



Ethel Smith, a famosa organista, improvisa um "show" com Van Johnson e Esther Williams, protagonistas do filme da Metro "Early to Wed". O galã demonstra a sua grande satisfação manejando uma cabaça, enquanto miss Williams faz os acompanhamentos com um reco-reco. Uma vez ensaiados convenientemente, podem, todos, visitar o Rio em pleno Carnaval carioca e aprender o repertório de 1946. O "show" de Hollywood seria um assombro...



Glenn Ford está terminando "A Stolen Life", seu primeiro trabalho depois de um longo intervalo, em que se ausentou dos estúdios, a serviço de guerra. Bette Davis, a heroína do filme, continua sendo uma das mais simples e por isso mesmo encantadoras mulheres de Hollywood. Este flagrante foi batido à noite, quando ambos filmavam "in location", aguardando novas mudanças de cenário. A "estrela" parece desafiar o sizo Glenn Ford, com o cigarro entre os dedos...



vez que esses demonstrassem qualidades. A prova está que de suas aulas saíram muitos dos modernistas destes últimos vinte anos no Brasil.

Anteriormente, o artista de "A Fronteira" teve no pintor dinamarquês Guilherme Schumaker, que decorou a igreja de São José na capital mineira, o seu orientador, seguindo-se-lhe Aníbal Matos, enquanto na pintura moderna ele muito deve a Genesio Murta, que contribuiu bastante para uma poderosa força impressionista, observada na maioria de seus quadros.

CONVERSANDO COM SIGAUD

Foi com Eugenio Sigaud que palestramos numa tarde cheia de sol e poesia. Poesia das demolições que se vêm fazendo a favor da urbanização da cidade. E a palestra, como não podia deixar de ser, versou sobre arte. Falamos do "salão"... Tratamos do preço exorbitante das tintas. Conversamos sobre algumas exposições, inclusive a francesa. Discutimos escolas e gêneros, tendo o artista falado com a maior simplicidade:

— O pintor não deve ter gênero especificado de pintura. Ele pinta aquilo que o sensibilizar. Porém sempre realiza maior quantidade de uns do que de outros. É assim que tenho pintado maior número de composições para murais e cavalete, apesar da composição requerer grandes estudos prévios antes de sua concretização.

Passamos a abordar, então, a arte moderna, da qual tanto se tem dito. Enquanto uns a atacam sem dó nem piedade, outros a elevam categoricamente, chamando de passadistas aos seus combatentes. O nosso entrevistado incluiu-se no rol dos modernos, por isso não desprezamos sua opinião, que é a seguinte:

— Como julgar a arte moderna? Eu creio que o julgamento cabe à posteridade. Depois de passadas as paixões e as incompreensões, terá lugar o julgamento sereno. Mas acho a mesma uma expressão espontânea da hora que vivemos. Como poderá o artista pintar com a mentalidade de 1845, quando naquela época os problemas sociais e artísticos ainda se limitavam a questões de outra espécie? A inquietação, a máquina e a ansia da velocidade balbuciavam. O navio a vapor atemorizava e despertava incredulidades ao viajante do tradicional veleiro. Não; a arte moderna é a verdadeira maneira



Auto-retrato de Eugenio Sigaud, o artista de quem os "depuradores" da arte, têm e obedientes ao amado "fushrer", cortaram um de seus quadros, numa demonstração tipicamente fascista

de pintar de hoje enviar sua mensagem ao pintor e à humanidade do futuro. Não no Brasil, depois de passada a era de Ataide, Teófilo de Jesus e esse tíl americano, a glória única de que ainda podemos nos ufanar, o "Aleijadinho", vegetamos um século, longe da realidade... Depois de tanto tempo é que a arte moderna medrou entre nós. Os artistas da era colonial tiveram o mérito de realizar uma arte sincera; os posteriores fizeram uma arte de máscara, falsa e fria. Por este motivo, eu julgo a arte moderna uma grande arte, liberta de convenções e preconceitos; cada qual pinta como sente, e por isso o julgamento é muito mais rigoroso.

A guerra, operando milagres na ciência e avanços progressivos nas artes, por certo exercerá novas influências no espírito daqueles que fazem da paleta e do

(Continua na pág. 30)

"Os Saldreiros", quadro com que Eugenio Sigaud concorrerá ao "Salão Oficial" deste ano. Trata-se de um estudo interessante, capaz de conquistar a lauréa máxima.



"A Fronteira", mural à encáustica, feito pelo conhecido arquiteto-pintor no ano de 1944. Nesse trabalho nota-se a preocupação do artista em estudar as raças.

SIGAUD, NÃO VIVE À MARGEM DA PINTURA

OS PRIMEIROS PASSOS PARA A ARTE, QUANDO AINDA DE CALÇAS CURTAS — A REBELDIA E O AFASTAMENTO DA ESCOLA DE BELAS ARTES — OS QUE REALIZARAM UMA ARTE DE MÁSCARA, FALSA E FRIA — O ALEIJADINHO E O SEU DRAMA — QUANDO PICASSO É POSTO NUM PORÃO, ENQUANTO OUTROS SEM VALOR VÃO PARA A GALERIA

DE ARMANDO MIGUEIS

NASCE UM ARTISTA PARA O MUNDO

Extinguíu-se o tabu reinante em nosso meio artístico. Hoje, o pintor nada mais é que um elemento ligado à massa, na qual vai buscar muito de seus motivos para toda uma série de trabalhos que bem exprimem a vida de cada um, seja nas caldeiras de um vapor, no fundo das minas de carvão, no topo de um andaime quase a invadir o céu, na paisagem distante de um campo de concentração.

Eugenio de Proença Sigaud, esse engenheiro-arquiteto a quem de uma feita os integralistas retalharam uma tela por não se conformarem com sua maneira realista de estudar e demonstrar as coisas, é desses artistas que vêm dedicando o seu trabalho à pintura de assuntos proletários. Há já visto seus quadros levados às salas de arte e aos salões oficiais.

Tendo descoberto uma tendência para a arte quando ainda garoto, de calças curtas, ao encher os cadernos e livros escolares de garatufas a ponto de se tornar em curto espaço de tempo um estudante vadio, embora sua inclinação para a pintura fosse atingindo os mais promissares passos, Sigaud, tão logo galgou o curso secundário, passou a fazer um estudo mais acurado da arte, procurando mesmo desenvolver seus conhecimentos e aprimorar sua técnica, utilizando para isso u'a matrícula no Curso Livre de Desenho Figurado, Modelo Vivo e Pintura da Escola Nacional de Belas Artes, de onde logo se afastou por motivo de rebeldia à sua orientação acadêmica, tão em desacôrdo com os pendores avançados de artista.

Na Escola de Belas Artes, Modesto Brocos foi o seu primeiro mestre, e, por sinal, um grande admirador dos rebeldes, uma



DESDE o princípio dos tempos a mulher foi votada às blandícias da existência. A própria constituição física das mulheres sugere repouso, doçura e placidez. Tudo é frágil e macio nas criaturas do sexo feminino: a epiderme, as mãos pequeninas, a timidez da alma, a brandura do coração, tudo nas mulheres convida à indolência. E, quando surgiu no Paraíso e desabrochou de uma costela de Adão, trouxe bem marcado o seu destino no próprio símbolo de sua origem: a costela musculosa e máscula do seu companheiro foi como um tronco de árvore onde o Criador fez brotar a pequenina parasita que havia de espalhar pelo mundo o aroma capitoso do Pecado. . . O próprio Deus, ao terminar a sua obra, extasiou-se ante a fragilidade líria da sua segunda criatura. E, ao confrontar aquele ser harmonioso e tão hábil, com o aspecto hercúleo de Adão, o Senhor deliberou, imediatamente, que o companheiro possante daquela frágil criaturinha seria, para o resto dos tempos, o seu amparo e a sua proteção! E os regatos foram pedir ao sol um maior brilho em seu reflexo para ainda mais encantar os olhos contemplativos de Eva, e as campinas ainda mais ameigaram o veludo das gramas para estender aos pés de Eva uma alameda amena e acolhedora; e as flores e as árvores se engalanaram com as pérolas do orvalho; todo o Eden em festa para que um sorriso de encantamento brilhasse no rosto

da Mulher, enquanto o Homem pelejava o dia inteiro, catando cacos de haver encontrado a fatalíssima serpente, levou Adão a fazer uma nas tranças loiras da senhora do seu reino e do seu coração. . .

Até que, certo dia, vagando pelas aléias do Paraíso, Eva, depois de estrelas, fios de ouro do sol e filigranas do luar para entretecer sesta à sombra da árvore do Mal, e logo após o Senhor, com a sua voz justiceira e tonitrocante, os expulsou daquela mansão de delícias. E Eva transpôs os portais daquele país encantado apoiada ao braço másculo de seu cúmplice que então, mais do que nunca, deveria ser o seu amparo e a sua proteção.

De pé no centro do veículo, com as mãos doloridas de se prenderem às correias grossas que lhe garantem o equilíbrio, a moça de 1945, a mulher do século da bomba atômica, vai relembrando a história funesta da sua avó longínqua e legendária. E contempla o seu Adão contemporâneo, docemente refestelado nas poltronas do ônibus, indiferente à pequenina partícula que Deus confiou ao seu amparo e à sua proteção, indiferente à fragilidade de que o próprio Deus se compadeceu e se encantou, e esquecido, absolutamente esquecido, da própria cumplicidade naquele cochilo proibido à sombra gostosa da Árvore do Mal. . .

ALMA CARROLL (RKO-Radio)

OUTROS TEMPOS

POR

JESY BARBOSA





NO PALACIO DA GUERRA — Flagrante histórico tomado no Ministério da Guerra, durante a noite de 29 para 30 de outubro, quando o ministro José Linhares assumia a Presidência da República. Esta foto foi feita quando usava da palavra o general Gois Monteiro, vindo-se entre outros o brigadeiro Eduardo Gomes e os ministros Leão Veloso e João Alberto.



TROCANDO CUMPRIMENTOS — O ministro José Linhares recebe os cumprimentos do general Gois Monteiro, ao chegar ao Palácio da Guerra para assumir a Presidência da República. Ladeado por generais, figuras políticas e outras altas patentes do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, o magistrado assume o cargo. Vê-se, à esquerda também o ministro Leão Veloso.



O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA — Esta é a primeira fotografia do ministro José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, depois de investido no cargo de mais alto magistrado da Nação. Foi feita no Catete, na tarde do dia 30 de outubro, quando ali era solenemente empossado. S. Excia. havia atendido à solicitação das classes armadas, nessa mesma madrugada, e era então, à tarde, no Palácio do Catete, oficializado Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

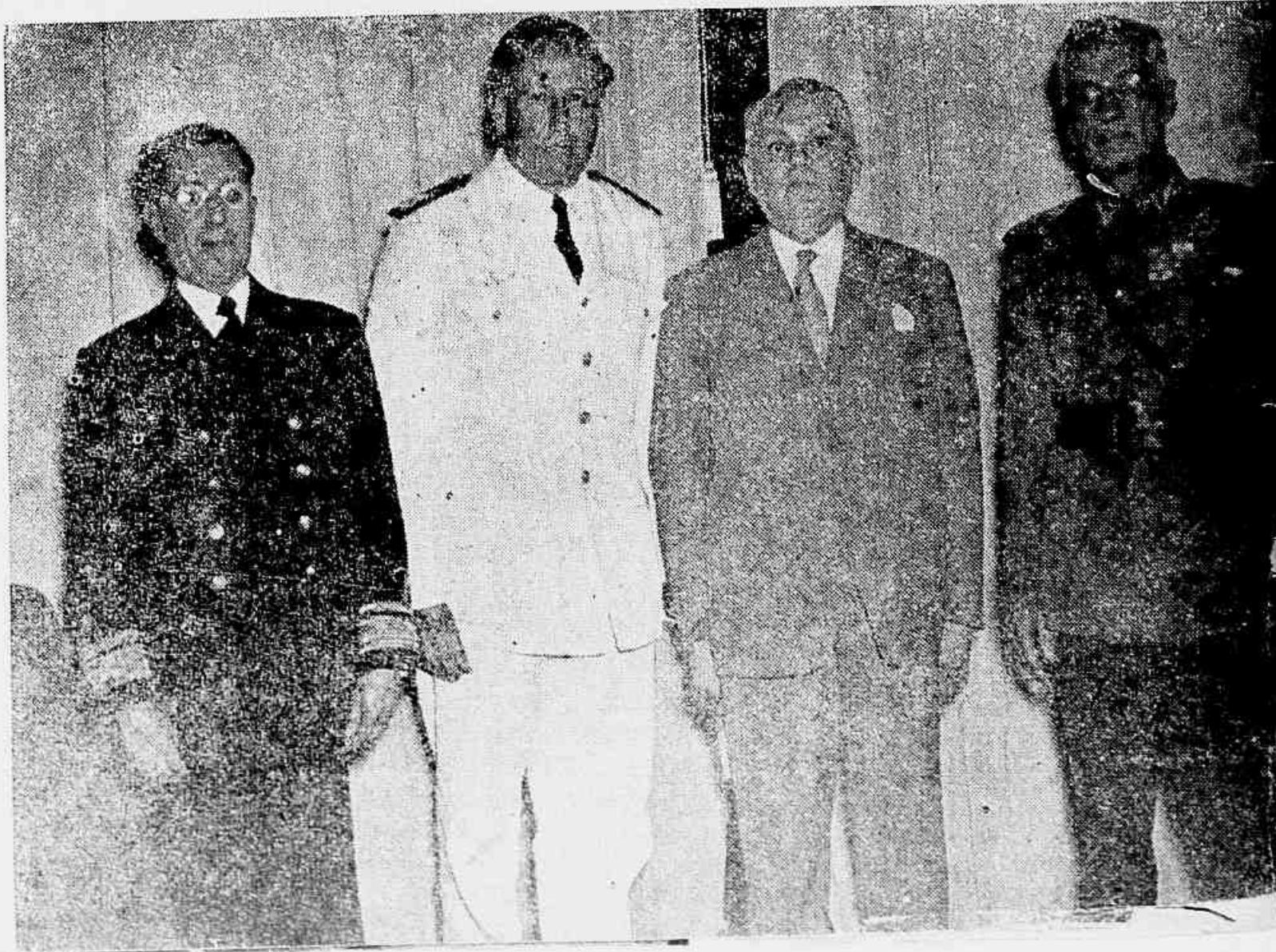
DEPOSTO O SR. GETULIO VARGAS

DEIXANDO O GUANABARA — O general Firmo Freire, chefe da Casa Militar do Presidente Getúlio Vargas, retira-se do Guanabara, após a notícia da deposição do Chefe do Governo. Com a fisionomia serena, aquele militar, em companhia de seus auxiliares, deixa pela última vez a residência oficial do Presidente.



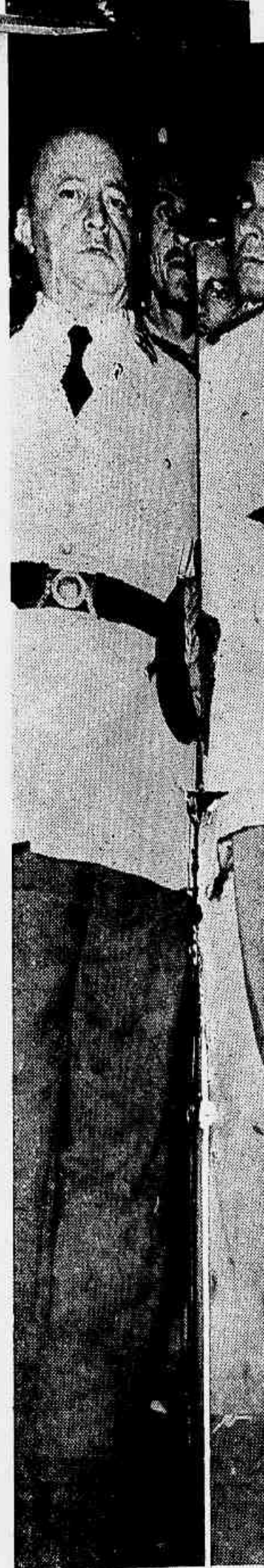
Um modelo de Jean Leduc, "estréia" de Walter.

O PRIMEIRO FLAGRANTE — Aqui está o primeiro instantâneo do novo Chefe da Nação, depois de investido nessas funções. O antigo presidente do Supremo Tribunal Federal está ladeado pelo comandante Lara, brigadeiro do ar Amílcar Pederneras e general José Pessoa, logo após a solenidade do Palácio do Catete.





O EMBARQUE PARA SÃO BORJA — Na manhã de quarta-feira, 31, por volta das 6.45hs., o ex-presidente Vargas saía do Guanabara, e vinte e cinco minutos depois já estava a bordo de um avião "Zero-9", da FAB, a caminho da fazenda Santos Reis, em São Borja. Na gravura, flagrante feito na rua Paissandu, vendo-se o ex-ditador, sua filha, a sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, e o sr. João Alberto.

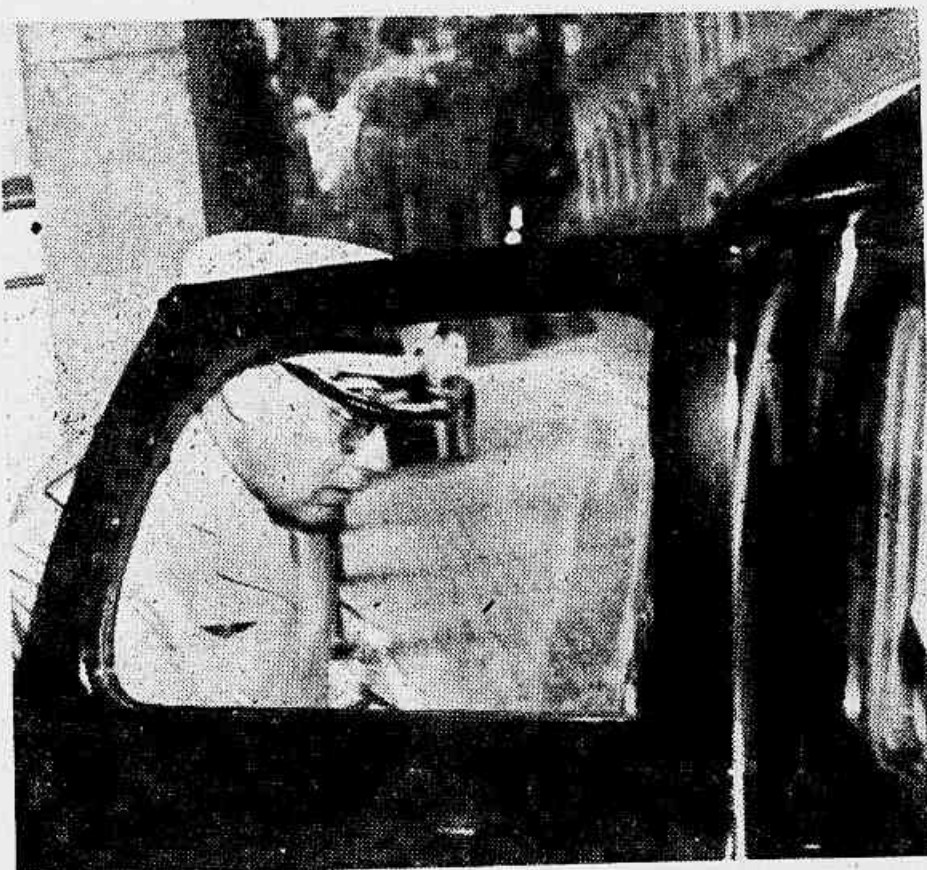


DURANTE A POSSE — Dois oficiais da Aeronáutica e o ge... do Catete. Ao alto vem... o ge... da Ma...





BRIGADEIRO EDUARDO GOMES, que tomou parte direta nos acontecimentos que culminaram com a deposição do sr. Getúlio Vargas, comparecendo à reunião dos generais e participando ativamente dos debates. Em baixo: o candidato da U. D. N. deixando o Catele após a posse do sr. José Linhares.



A POSSE - Dois flagrantes feitos durante a posse do ministro José Linhares no cargo de Presidente da República, cerimônia realizada dia 30 no Palácio do Alto Volta. O alto verno, o general Eurico Gaspar Dutra, cercado de companheiros de armas, assistindo ao ato. Em baixo, o brigadeiro Eduardo Gomes ao lado de da Marinha, entre os quais o novo ministro, brigadeiro Armando Trompowsky. Em primeiro plano aparece, à paisana, o general Gois Monteiro.



PROCLAMAÇÃO AO POVO

Ainda na madrugada de terça-feira, confirmando oficialmente os acontecimentos, o general Pedro Aurelio de Gois Monteiro fazia irradiar e publicar nas edições matutinas dos jornais a seguinte Proclamação ao Povo:

"O general Pedro Aurelio de Gois Monteiro, em nome das classes armadas, declara que o Exmo. Sr. Presidente da República, diante dos últimos acontecimentos e para evitar maiores inquietações por motivos políticos, se afastará do Governo, transmitindo o poder ao presidente do Supremo Tribunal Federal. O Sr. Presidente fará uma proclamação ao povo brasileiro, concorrendo com sua renúncia e alto patriotismo para que a ordem pública não sofra solução de continuidade e se mantenha inalterável o prestígio do Brasil. (a.) General Pedro Aurelio de Gois Monteiro."



AS PRIMEIRAS PALAVRAS DO NOVO PRESIDENTE

Ao assumir o Governo, o ministro José Linhares leu, no Ministério da Guerra, a seguinte mensagem à Nação:

Em virtude dos graves acontecimentos políticos que agitam, no momento, os destinos do País, e na qualidade de presidente do Supremo Tribunal Federal, assumo, com o apoio das Forças Armadas, a Presidência da República, esperando corresponder pelos meus atos à tão elevada investidura. Faço um solene apelo a todos os meus patrícios, das cidades e dos campos, para levar a termo a reconposição do País nos quadros legais. Essa determinação eu a tomo nos ombros compenetrado de que um objetivo superior nos anima, sem desalecimentos, a reunir em torno dos grandes destinos da Pátria os esforços comuns para a edificação de uma obra democrática que fará a prosperidade e o bem de todos os brasileiros. Empenhado nesse propósito e acudindo aos anseios da Nação, juiz, prosseguirei na minha tarefa com igual devotamento, acrescido da indispensável cooperação, que até agora não me faltou, da magistratura brasileira, por mim convocada para as eleições que serão realizadas a 2 de dezembro."



DECLARAÇÕES DO SR. OTÁVIO MANGABEIRA

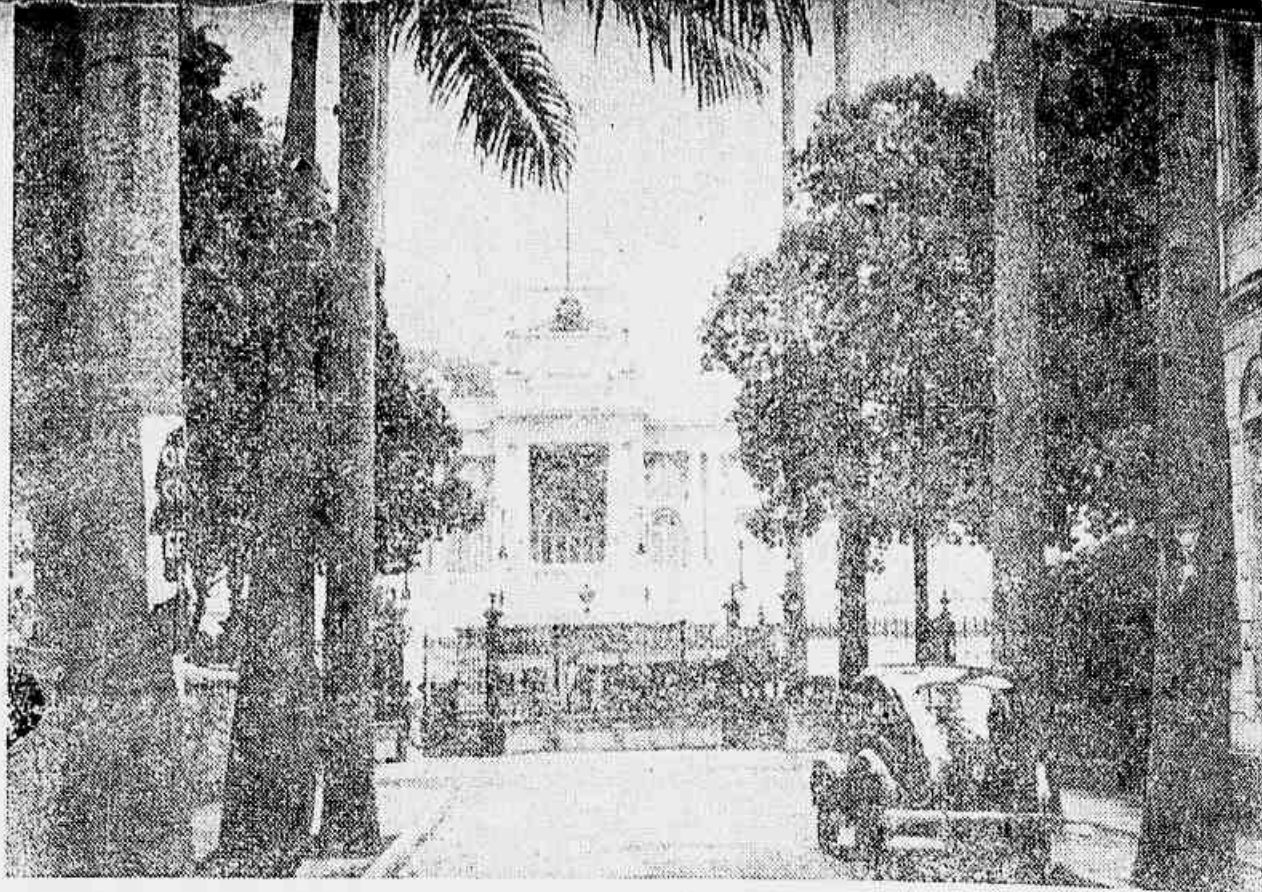
Horas após o registro dos grandes acontecimentos nacionais, falando através de uma emissora paulista, o sr. Otávio Mangabeira, presidente da União Democrática Nacional, que se encontrava em São Paulo, em discurso pronunciado, disse que o comício de Porto Alegre foi o fator principal da deposição do sr. Getúlio Vargas.

E acrescentou:

"Cessou a obra de destruição da Ditadura. Agora é o momento de darmos início ao trabalho da reconstrução. Precisamos de muita paz, muita ordem, muito bom senso, afim de que as ocorrências políticas se entendam, num amplo movimento de pacificação partidária."



EM OUTUBRO DE 1930 — Um aspecto do Palácio Guanabara, visto de frente, com os jardins cheios de tropas rebeldes que ocuparam a residência oficial do sr. Washington Luiz. Esta foto foi feita logo após a prisão do Presidente da República, quando ao Palácio ainda não haviam chegado os chefes revolucionários do interior. Esse movimento marcou o início do Governo Vargas, agora posto abaixo.



EM OUTUBRO DE 1945 — Vista do Palácio Guanabara em 30 de outubro de 1945, vendo-se apenas alguns guardas-civís estacionados junto ao portão. Os coqueiros são os mesmos de 1930. Nada faz supor que grandes acontecimentos tenham tido como palco a residência oficial do Presidente da República. Quando se conseguiu esta foto, ainda se encontravam no Palácio o Presidente Getúlio Vargas e sua família.



DOIS FLAGRANTES DO MOVIMENTO — Ao alto: à porta do Edifício Novo Mundo, onde funcionava o D. N. I., soldados do Exército montam guarda àquela repartição, fechada pelos chefes do movimento. Em baixo: o ministro Souza Costa, em companhia de seu filho e de um amigo, surpreendido pelo fotógrafo durante o desenrolar dos históricos acontecimentos.



A "REVISTA DA SEMANA E OS ACONTECIMENTOS

Estavam praticamente encerrados os trabalhos deste número da REVISTA quando sobrevieram os importantes acontecimentos do início da semana. Mesmo assim, conscientes da responsabilidade que nos cabe de oferecer aos leitores, e sem demora, amplo noticiário a respeito, vencendo toda a sorte de obstáculos de ordem técnica muito naturais em uma publicação deste gênero, tudo fizemos para o desempenho da nossa obrigação profissional. Várias páginas já prontas foram retiradas, enquanto a nossa reportagem, imediatamente em campo, acompanhava todas as fases da ocorrência, de par com os confrades das edições diárias. O resultado desse esforço, que o leitor certamente avaliará, é oferecido neste número, onde se reúne ampla e completa reportagem fotográfica à margem da magna ocorrência histórica.

O GENERAL EXPEDICIONÁRIO — O general Cordeiro de Farias, comandante da Artilharia Expedicionária do Brasil, também participou do movimento que forçou o sr. Getúlio Vargas a renunciar. Vemos aqui o general Cordeiro de Farias, ainda fardado com o uniforme da Força Expedicionária Brasileira.



RÁDIO

ZEZÉ FONSECA EM VIAGEM PARA BUENOS AIRES — Aproveitando um curto período de férias em suas atuações no Rádio Globo, Zezé Fonseca, um dos mais queridos elementos do nosso palco e do "broadcasting" nacional, resolveu empreender uma rápida viagem a Buenos Aires, onde vai conhecer os mais recentes cartazes de cinema e teatro na capital portenha, visitar as estações de rádio e, se puder, repousar também. Aproveitando essa excursão, Zezé Fonseca escreverá uma série de crônicas, reproduzindo suas impressões, as quais serão aqui publicadas. Nem todos os admiradores da artista sabem, talvez, que Zezé, sobre ser a apreciada intérprete comediante, é também uma experimentada cronista, tendo mesmo, antes de ingressar no palco, se dedicado às letras.

Quando o rádio iniciou a sua obra maior de expansão e os primeiros "sketchs" e peças de teatro foram levadas ao microfone, Zezé Fonseca trocou a ribalta pelos estúdios. Se desse modo a primeira perdeu um de seus mais proveitosos elementos — ninguém ainda esqueceu a sua participação em "Sinhá moça chorou", ao lado de Dulcina — em compensação os segundos ganharam uma intérprete de grande mérito, que só o cinema ainda não conseguiu também levar para seus domínios.

Vamos, portanto, aguardar as crônicas e impressões que Zezé Fonseca nos remeterá, muito breve, da Argentina.

★

O ano de 1945 foi de grandes e produtivas atividades para as nossas emissoras. Não se pode deixar de reconhecer que o rádio está concluindo um período de doze meses bem aproveitados. Se o rádio-teatro não ganhou expansão maior, isso aconteceu porque os programas musicados, bem trabalhados, com o concurso de elementos variados, inclusive os próprios comediantes das emissoras, foram melhor trabalhados. Uma série de bons artistas internacionais desfilou pela Globo: Carlos Ramirez, Paco Sierra, Mercedes Simone, Amalia Rodrigues, Palitos e agora mesmo Tito Guizar. Anuncia-se que virão ao Rio, talvez ainda este ano, duas grandes orquestras americanas. E alguns artistas de rádio-teatro constituíram excelentes revelações aproveitados para o palco.



★

UMA BONITA VOZ A SERVIÇO DE UMA ALTA SENSIBILIDADE — CLÉO MARIAN, desde menina, fugia às realidade da vida para se embalar em sonhos de arte: cultivou a música e fez-se pianista laureada; estudou canto, e no Conservatório de Porto Alegre eram auspiciosos os prognósticos; sentiu a necessidade de dar forma, cor e movimento às melodias, e era um encanto vê-la dançar. Conhece hoje as realidade da vida porque essa é uma das contingências do ser humano no seu empenho de encontrar, um dia, a felicidade, e hoje, tal como outrora, é, ainda, na arte que se refugia se é a felicidade que deseja. Elegeu o canto como a forma que melhor exprime seus anseios. Por que?

— Porque — nos disse ela — o canto, fusão da poesia e da música, é a voz da alma, do sentimento. Poder expressar, através do canto, a gama infinita das emoções e ter, para cada emoção, o acento justo e próprio, é o mesmo que se dignificar, se sublimar, dando às coisas materiais um alto sentido espiritual de excelsa beleza! A satisfação que experimento cultuando o canto levou-me a concentrar nele toda a minha vida sentimental: amo o canto como nunca amei coisa alguma na minha existência! Oxalá possa ser eu, um dia, a intérprete que desejo ser!

Estava explicada a razão por que Cléo Marian canta com tamanha e tão sincera expressão: é a sua fina sensibilidade que canta, e daí os aplausos que colhe e que a fazem já, embora adstrita a um repertório de caráter acessível a auditórios sem exigências artísticas extremadas, figura querida de quantos a ouvem. Por isso será, dentro em breve, uma das vozes mais disputadas de nossas emissoras. Evocarão, enternecidos, os cuvinhas a linda criatura que ela é.



— Charles Bullivant? Não conheço.
Estava encerrada a questão. O jovem
médico evidentemente não tinha prestígio.

— Charles Bullivant? Não é o moço que
comprou a clínica do Errol Ames?
Desta vez a questão, além de encerra-

da, estava morta. Não havia mais ape-
lação. Nem mesmo seria possível falar
no caso, sem que os médicos de Little

A VITÓRIA DE CHARLES BULLIVANT

Conto de EDGAR WALLACE

Uppettfield mudassem de assunto. Era inútil insistir. O máximo que podia obter deles, tocando no assunto, era um sorriso irônico. E no entanto Charles Bullivant não merecia aquela má fama. Não será justo, mas é, até certo ponto, justificável que os filhos herdem a má fama dos pais: ainda há a explicação da hereditariedade — filho de peixe é peixinho... — para dar um ar de imparcialidade à crítica que, em geral, esconde algum despeito inconfessável. Charles Bullivant, entretanto, estava pagando pelos pecados de seu antecessor. Também se pode dizer, para ser justo, que estava pagando pela sua teimosia. Evidentemente, fôra ludibriado. A sua boa fé incontestável fôra a arma do farsante. Mas o fato era que ele aceitara o negócio apesar dos protestos da noiva e do irmão desta, Jack Drake, também seu melhor amigo.

Tudo começara quando ele tivera a triste idéia de comprar uma clínica no interior.

— Estou cansado, meu bem.

— Tão moço e já diz que está cansado?

Marian fizera pilhéria, mas compreendia o impulso sedentário do rapaz que passa vinte dos seus trinta e oito anos vagamundeando. Charles já vira mais fronteiras do que um correspondente estrangeiro, e tinha uma justificação para estar cansado. Sua carreira fôra das mais agitadas e — diga-se logo — das mais brilhantes. Queria abandonar aquela vida e instalar-se confortavelmente, ganhando pouco mas o suficiente, criando gatinhas e tendo filhos, como explicou Jack rindo diante do embarço da noiva, que corara ao perceber a alusão. Não tinha intenção nenhuma, entretanto, de apressar o casamento, pois tencionava acabar seu curso na Faculdade de Medicina.

— Eu sei que não vou precisar. Nem quero trabalhar. Descanse. Quando nos casarmos, eu vou ser dona de casa. Você vai ver. Mas se algum dia eu precisar...

Ele concordou com o curso, mas insistiu no caso da clínica.

— Está bem. Casaremos no ano que vem, quando você tiver recebido o seu diploma. Mas iremos morar no interior.

O desacôrdo surgira, entretanto, quando ele falara em Little Uppettfield, porque ela, se acedera em viver no campo, sua noção de ambiente rural era muito menos realista do que a do futuro espôso. Assim, também não pode ser, protestou logo.

— Por que?

— Nós não podemos ir morar onde Judas perdeu as botas. Uma cidade que nem figura no mapa grande!...

O mapa grande, é necessário esclarecer, era uma instituição da família Drake. Servira para que a pequenina irmã de Jack Drake acompanhasse as viagens do amigo do irmão, enquanto este vagara pelo mundo. Tendo deixado a Inglaterra quando ela era ainda criança, ele veio encontrar surpreendido uma linda moça, e ademais fascinada pelo relato que ela considerava empolgante das viagens que ele fizera ao acompanhar no mapa, através das cartas que ele manda para Jack. Não estando no mapa grande, a cidade se encolhia até uma proporção tão insignificante que Marian não podia conceber seu atlético futuro espôso dentro dela.

— Você não cabe naquela cidade.

Ele riu, gostosamente, mas, teimoso, prosseguira no projeto.

Ela, entretanto, era suficientemente mulher para não poupá-lo no momento do desapontamento.

— Eu não disse?

Charles, que era sossegado, nada disse; porém doou-lhe a atitude da noiva. Sua

(Continua na pág. 43)

ESCRAGNOLLE DORIA

O BARÃO DO PENEDO

PENEDO — cidade alagoana sobre altos de colina. Pelo favor topográfico melhor contempla o que lhe passa aos pés, o São Francisco, sereno ou rugidor, em caudal magestosa ou terrível cheia.

Penedo ufana-se de filhos prestimosos, sobrelevam dois ilustres: Fernandes de Barros e Carvalho Moreira.

A Europa, por seus representantes de intelligencia, soube avaliar Manoel Joaquim Fernandes de Barros, o estudante laureado de Montpellier, o doutor em ciencias fisicas pela Universidade de Paris, pela de Strasbourg doutor em medicina, o amigo de Gay Lussac, citado por Orfila tratando Quimica.

Que deu até hoje o Brasil à memoria deste filho notavel? Triste palavra, nada.

Honrado no estrangeiro, por sumidades scientificas, nem por isto Fernandes de Barros desbrasilou-se. Na fésse que apresentou para doutoramento em Paris, em folha de rosto menciona:

Não Penedo (Brasil).

Um alagoano, um penedense, um constante amigo da provincia natal, da cidade do seu berço — o Dr. Clementino do Monte — ao biografar Fernandes de Barros, declarou-lhe applicavel o conceito de Lafayette sobre Otaviano:

Possua os talentos do homem de Estado.

Provou-o Fernandes de Barros brilhando como mandatario de Alagoas na Camara dos Deputados no tempo da Regencia. Brilhou presidindo Sergipe, desenvolvendo programa administrativo, em descortino muito acima de sua época. Levantou animosidades a tramarem-lhe eliminção. Daquelas a soldo um punhal assassino prostrou Fernandes de Barros, então na Bahia, a tratamento de saude. Morria aos trinta e oito anos de idade.

Admirador do conterraneo, conhecendo-lhe toda a valia, na reverencia ao douto, ao homem de bem, ao senhor do carater escravizado ao dever, Francisco Ignacio de Carvalho Moreira traçou um *Necrologio* de Fernandes de Barros, logrando a obra duas edições seguidas, em 1840 e 1841.

Considerado Fernandes de Barros, consideremos o seu fiel amigo, Carvalho Moreira, expressivamente Barão do Penedo.

Jurista, advogado militante, deputado por Alagoas, tudo com reputação e lustre, Penedo resolveu entrar para a diplomacia, em vigor de trinta e cinco anos.

Logo ministro plenipotenciario, foi Penedo servir em Washington onde começou a praticar inglês, idioma do qual tanto se utilisaria no posto mais importante de sua trajetoria de diplomata assinalado: Londres.

Querendo dizer aqui de Penedo não nos sirvamos dos tesouros documentais do Itamarati cheios de papeis evocadores e de velhos segredos de chancelaria.

Desejamos um Penedo fóra de vida official, de obrigações de officio, de exigencias de etiqueta, de torturas de reverencias por medida.

Quanto possivel acerquemo-nos de Penedo sempre sociavel, porem mais intimo, menos observado pelos "puritanos do protocollo" Recorramos a pequeno arquivo de amigo do nosso passado para lhe pedir algumas informações.

Uma dir-nos-á, comprovando, da amizade de Penedo e de Otaviano na diferenca de temperamentos.

Pela amenidade de trato, pelo aticismo de pena, pelo encanto de sua palestra, foi Otaviano figura atracente na sociedade do Segundo Reinado, sociedade adstrita ao principio da selecção.

Na convivencia official ou particular, se irritado, Penedo, era rispido, *cassant* diria um francez. Mesmo irritado, Otaviano era *souple*, diria outro francez.

Na amizade de muitos anos, có destecida pela morte, os genios opostos de Penedo e Otaviano davam-se à maravilha.

Penedo vivia mais na Europa, Otaviano mais no Brasil. Presavam-se substituindo vones amigas por expressões epistolares em assidua correspondencia.

Em 1868, porem, Otaviano estava na Europa, a retemperar saúde, já livre da diplomacia que o retivera no caudilhesco Prata onde negociara o tratado da Triplíce Aliança.

No Paris de 1868 escrevia Otaviano a Penedo. Pequena a carta, presou-a o destinatario, a ponte de em pagina de album seu no qual Garrett, José Estevão, Gonçalves Dias haviam deixado escritos.

A breve missiva serve de atestado. Prova mutuo querer bem, Alem disso a missiva contem versos, parecendo inutil descobri-los fóra do album de Penedo.

Assim exordia a carta de 1868:

Ao meu amigo Carvalho Moreira, — amigo provado de um quarto de seculo — com quem no descahir do outomno para o inverno, ainda tornei a viver a vida inteira de nossa bella primavera.

Penedo.

Já não lê um pensamento
Nos meus olhos com fulgor
Neste rosto macilento
Percebe-se vincos de dôr
Mas ainda um sentimento
Que filtra do coração.

Neste penoso momento
Elle faz estender-te a mão
Pódes aperta-la bem
Embora feia e callosa
Outros a tem mais formosa
Mais verdadeira ninguem.

T. Octaviano

1868 — abril 13
Hotel de la Place du Palais Royal — Paris.

Pago o tributo à amizade, diga-se que a vida diplomatica exige de seus servidores prestar atencção a cousas que parecendo secundarias a completam.

Embaixador ou ministro ao representar patria tem de apresental-a aos alheios de modo condigno senão pomposo. Tem de escolher residencia menos vulgar, de mobilial-a com aparato, ornal-a com gosto.

Penedo exemplificou isto na sua residencia londrina de *Grosvenor Gardens*. Auxiliou-o a consorte em manter a morada em pé de casa de primeira ordem.

Em casa de diplomata chefe de representação a mesa é de especial cuidado e bem o comprehendia Talleyrand. Quando partio para o Congresso de Viena, no qual por grandes serviços compenso a França de grandes des-serviços seus à mesma França, Talleyrand foi chamado a receber instruções para desempenho da missão.

Resolvido a banquetear em Viena, Talleyrand observou: Preciso mais de casarolas que de instruções.

Em *Grosvenor Gardens* os serviços de mesa e consequentes casarolas tinham papel sob a superintendencia de *Cortais*, o *maitre d'hotel* grão-inspetor autoritario de boas mesas e suas iguarias.

A mesa de *Grosvenor Gardens* foi definida por Nabuco quando este em Washington representava a Republica Brasileira. Escrevia à Baronesa de Penedo, então viuva:

"Nós fazemos o que podemos, mas que distancia do nosso jantar de cada dia ao banquete diario de *Grosvenor Gardens*. Com que desprezo o Cortais nos olharia."

Em Janeiro de 1889, achou-se Penedo removido da legação em Londres para a legação em Paris, esta capital bem conhecida por Penedo quando nela estivera em missão especial.

Embora Paris fosse então Paris, a remoção de Penedo devia resultar-lhe penosa. Representava um desarraigado de habitos, de relações, de tudo quanto nos apega após longa residência no mesmo ponto da terra.

Tudo isto sentiria Penedo transferido de Londres para Paris, desambientando-se em idade septuagenaria, o que dobra ou triplica o incomodo da murlança de habitos.

Penedo fóra substituido em Londres por Fortunato de Brito.

Sabia este, pelo menos nos primeiros tempos, quanto era delicada a substituição de Penedo em Londres e sobretudo junto da sua *gentry* ou fina flôr social.

Se não pudesse continuar de tado em todo o antecessor, não desejava Arinos ser de todo eclipsado. Não brilhar, mas não decair.

Por isto Arinos escrevia a Penedo, dando contas ao amigo antecessor: do que ecorria em modificação na sua antiga residencia.

Londres, 26 de Abril 89

Meu querido Barão

Recebi o cheque de La 3,95 que me enviou com a sua carta de hontem Muito obrigado.

Em sua casa, trastes, cavallos e gente tudo goza saude. No penseal que me deixou houve a constante da despedida do cosinheiro. Sem estar pelo ajustado começou a diminuir as rações e a exigir augmento do dinheiro da despesa diaria. Mandei-o passear. Tenho outro mais sobre e acomodado que me está servindo bem. Deus lhe dê juizo.

Paris tem seducções a que V. Eza. talvez succumba e que é bem de temer para não passar Londres para o 2.º plano nas suas affeições.

Peço-lhe o favor de lembrar à Baronesa e que me ella prometteu com relação aos topos dos criados.

Um abraço e creia-me sempre

Seu velho amigo

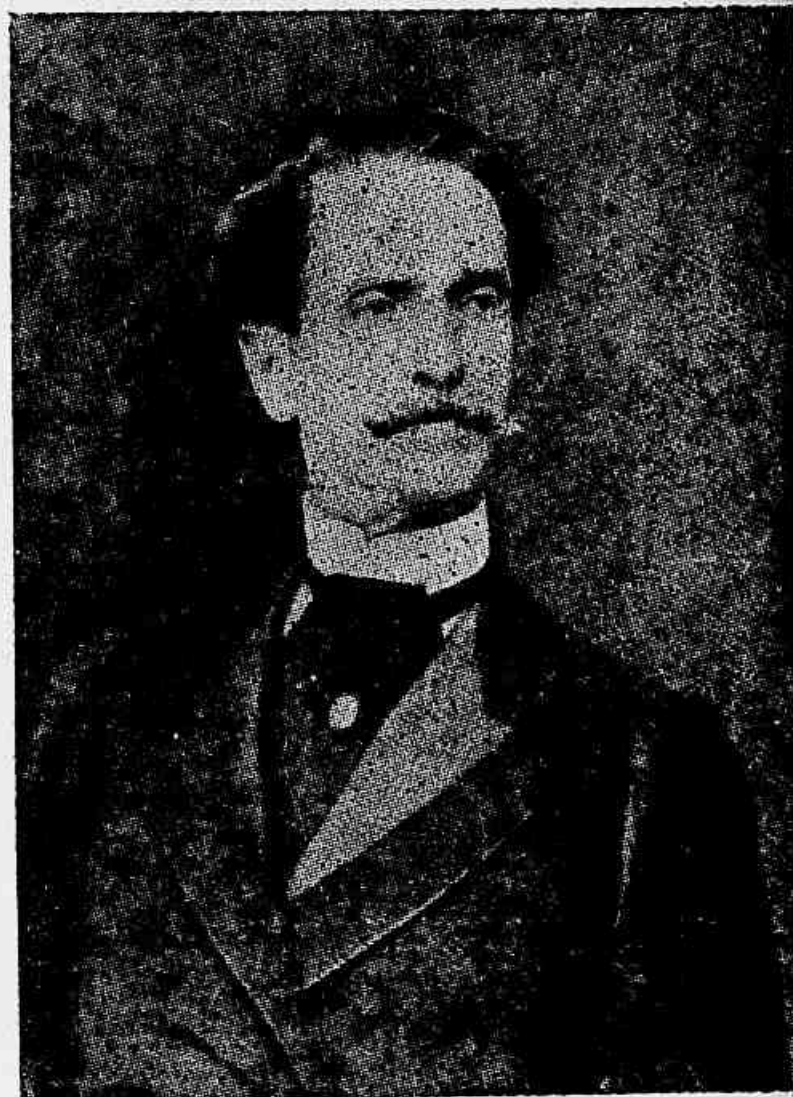
Arinos.

Esta carta mostra os efeitos de uma mudança de donos de casa e seus reflexos sobre a criadagem, mormente se o novo dono celibatario. Um da especie, Talleyrand, dizia à sarcastica não ter nunca achado meio de ter criados sem salarios.

Para ornar criadagem recorria Arinos à experiencia feminina, a da Baronesa de Penedo, aconselhando-se com ela acerca de topos ou laços de fita para toucado ou chapéo.

Na carta de Londres, informa o substituto ao substituido amigo, annunciando-lhe: Em sua casa, trastes, cavallos e gente tudo goza saúde". Curioso englobar, original escala descendente, talvez justificavel para quem já viveu bastante, afirmavel que Penedo lhe tenha achado graça.

Pouco durou Penedo na legação em Paris. Não concordando com a Republica sahio da diplomacia. Veio morar no Rio de Janeiro, onde, dase anos depois de Arinos, morreu nonagenario lucido, entre suas recordações, de pleno direito podendo dizer: Vivi.



FRANCISCO IGNACIO DE CARVALHO MOREIRA,
Barão do Penedo, em 1868.
(1816—1906)

Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE, PRÁTICO E ECONÔMICO

★

FUNCIONAMENTO GARANTIDO POR CINCO ANOS

★

O CHUVEIRO "HIDREX" É O COMPLEMENTO DO BANHEIRO MODERNO

PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA "SERVE" Ltda.

LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ FORNECER TODOS OS APARELHOS ELÉTRICOS INDISPENSÁVEIS NUMA RESIDÊNCIA MODERNA



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

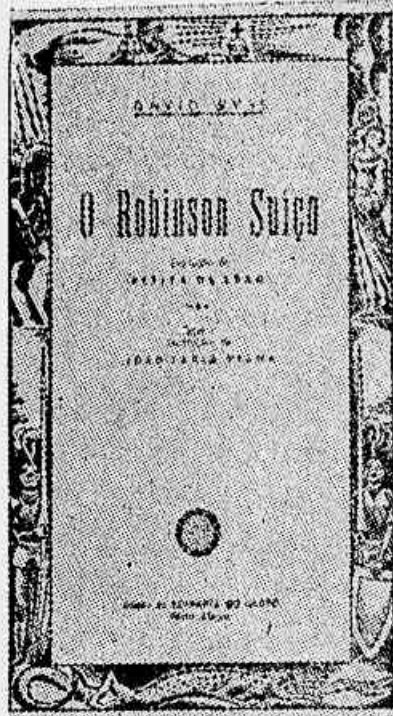


PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Livros

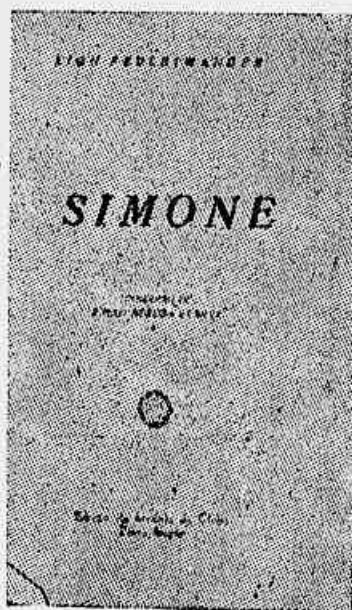
O ROBINSON SUIÇO, história em quarenta e um capítulos, de David Wyss, tradução de Pepita de Leão, capa e ilustrações de João Faria Viana — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



É uma família de Robinsons. Pai, mãe e quatro filhos, o último destes menino ainda, todos mais ou menos são dotados do ânimo resoluto, expedito, inventivo, maravilhoso do herói de Daniel de Foe. Trata-se dum missionário suíço que viajava, com a esposa e a prole, para ir exercer, além do oceano, o sagrado mister. Mas uma tempestade tremenda apanha, persegue, vai desmantelando o navio, até que o arremessa contra as penedias dum costa deserta. Apenas o sacerdote e os seus entes queridos se salvam da catástrofe. A bordo mesmo e enquanto o barco se não espantifica por completo, improvisam salva-vidas, apanham utensílios, reúnem certos víveres mais necessários e ao mesmo tempo mais fáceis de transportar. Por uma espécie de milagre — e continuamente o pastor invoca o nome de Deus, já em súplica já em agradecimento — todos seis chegam, são e salvos, à terra firme. E começam a descobrir uma região bárbara e ubérrima, sem vestígio de habitantes humanos, mas onde os animais se multiplicam, dos mais apavorantes aos mais graciosos.

O reverendo e os rapazes mais velhos voltam, a nado e com mar já calmo, ao que resta do navio, donde ainda conseguem trazer, além de outros petrechos, várias armas e considerável quantidade de munições. Sem isso, muito breve seriam vítimas das bestas-féras sem conta em tais paragens. E uma sorte entre todas prodigiosa lhes estava ainda reservada: é que os bichos andavam sempre um a um. Só os ursos lhes surgem dois dum vez, acasalados. Os outros: a hiena, a serpente, um lagarto gigantesco, veem como exemplares únicos em toda a região. Com efeito, morto aquele, não aparece mais nenhum. E, na mais venturosa das contraposições, os animais benignos se multiplicam, se oferecem providencialmente: os macacos que ensinam os exploradores a distinguir os frutos sãos dos venenosos; os avestruzes que lhes fornecem as penas utilíssimas; os búfalos que lhes servem de montaria e os ajudam no amanho da terra; os nadadores do oceano e os voadores da floresta, desde a baleia que "espontaneamente" vem dar à praia até aos pombos que acodem a um simples chamado e atraem outras aves mimosas. Bem entendido: do conjunto dessas circunstâncias favoráveis resulta alguma inverossimilhança... Mas, enfim, são coisas possíveis. E sobretudo necessárias, porque sem elas não chegaria, neste caso, a haver romance.

SIMONE, romance de Lion Feuchtwanger, tradução de Paulo Moreira da Silva — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Esta obra, escrita em alemão, traduzida para o inglês e agora para o português, pode ser considerada romance porque encerra uma ação imaginada e se desenvolve num crescendo de efeitos sensacionais. Tende, pelo enredo, a empolgar a atenção do leitor, provocando nele a ansiedade de saber se a heroína triunfará plenamente ou se tornará vítima do próprio valor, da própria temeridade; em suma, como tudo aquilo acabará. Há, porém, na sua composição, um sentido alegórico. A protagonista constitui um símbolo.

Quem é, com efeito, Simone? Uma criadinha de aldeia, em cuja alma singela e pura entrou um reflexo da glória de Joana d'Arc. A transmissão se deu comparavelmente àquela que iluminou o obscuro fidalgo provinciano Quijada ou Quesada, possivelmente Quijano. A influência que no espírito deste exerceram as histórias de Cavalaria, dum Amadis de Gaula, dum Palmeirim de Inglaterra, no coração de Simone a tiveram os livros que o padre da terra lhe dava e que diziam dos feitos e do martírio da Donzela de Orléans. Simone possuiu-se desta inspiração, desta santidade como Quesada de todo aquele heroísmo. Continuou, porém, na condição de serva, sem nenhuma exaltação, nenhuma ênfase e, portanto, nada de grotesco. Com a ocupação da França pelas alemães, Simone teve um sonho, vários sonhos. Via-se outra Joana d'Arc operando feitos sublimes, batendo-se pela França, morrendo por ela. Em dado momento, para que os invasores se não apoderem dum depósito de gasolina, deita-lhe fogo e vai tudo pelos ares. Instaura-se uma espécie de processo; a campôniazinha é induzida a mentir, a assinar um documento em que declara haver atestado o incêndio por ódio à família da sua patrão, proprietária do depósito e de quem recebeu ofensas, humilhações. A sua aventura patriótica caminha paralelamente à da Outra, *mutatis mutandis*. Simone é uma Joana modernizada e reduzida, muitíssimo reduzida. Mas a obra de Lion Feuchtwanger, prolixa embora em algumas passagens, repisada em certos pormenores, não deixa de interessar, prender até ao fim.

IMAGENS DA AMÉRICA, crônicas de viagem de Aluizio Napoleão — Rio de Janeiro, 1945.



Por "América" devemos aqui entender, como se entende na terra do Tio Sam, "Estado Unidos". Dizer-se, no mesmo caso, "América do Norte", como tão frequentemente se verifica em livros e jornais, ainda constitui lamentável desacerto, pois que esta outra designação deve abranger também o Canadá e o México. E isso, toda a gente o sabe. Em geral, quem tais impropriedades comete não peca por ignorância — o que ainda torna o erro mais lamentável. Em todo caso, longe de nós a intenção de emendar o título escolhido pelo Sr. Aluizio Napoleão para o seu livro ou declarar estranha a insistência com que ele escreve "a América", referindo-se ao paiz único por onde, desta vez, andou. Achamos simplesmente necessário ou útil avisar os leitores da REVISTA de que, nas presentes páginas, se não tratava de todo o Novo Mundo, desta parte do globo na qual, hoje mais que nunca, cada paiz deseja ser considerado, por si mesmo, soberano e inconfundível.

O Sr. Aluizio Napoleão visitou os Estados Unidos, sem levar o propósito, que a tantos viajantes anima, de os descobrir. Escritores ou não, quase todos os excursionistas tentam ver o que ninguém sequer enxergou, surpreendendo pormenores e particularidades até ali escapos a qualquer observação. O autor das *Imagens da América* foi simplesmente conhecer aquelas

Novos

terras e, em grande parte dos aspectos, reconhecê-las, relacionando panoramas, gente, costumes com o que lhe ficara das descrições dos livros e dos espectáculos do cinema. Não tentou encontrar nada de novo ou que ali estivesse, inédito, à sua espera. O valor das crônicas que enviou ao *Correio da Manhã* e agora reúne em livro está na sua maneira de considerar as coisas ou, mais propriamente, de as sentir. O que é sobretudo nos dá são as suas emoções. Conta-nos como, durante os passeios e visitas de cada dia, experimentou a atração da influência de certos lugares, ruas e praças, estátuas, templos, bibliotecas, museus. Revela-nos como se enleou, entusiasmou, alegrou ou enterneceu. Assim nos fala do casal Sullivan, que, tendo perdido, na guerra, os seus cinco filhos varões, se entregou, em companhia da filha única, ao mais esforçado e convicto empreendimento de propaganda patriótica, para que o poderio bélico dos Estados Unidos crescesse o mais rapidamente possível e maior número de mães tornassem a ver os filhos de volta da Europa; assim fala da fisionomia tropical e das palmeiras de Miami; do prestígio clássico das construções e monumentos de Washington; de Mount Vernon e da casa sagrada em que Washington continua a viver, nas suas memórias e relíquias; da vida frenética de Nova York e da imponência, para quem a sabe olhar, da figura da Liberdade; das galerias de arte e das instituições científicas de Chicago; do "sonho e realidade" de São Francisco de Portland, cidade entre todas florida e resplendente de rosas; doutras grandezas, outras formosuras, outros sítios que tornam ditosa a viagem, por que voltam conosco e dos quais, a bem dizer, nunca nos separaremos.

O Sr. Aluizio Napoleão escreve com limpidez e brilho, além de corretamente. E a esta última condição deveríamos ter dado o primeiro lugar, por ser hoje em dia — desgraçadamente — a mais rara.

REAJUSTAMENTO ECONOMICO DOS AGRICULTORES, publicação da Câmara de Reajustamento Econômico do Ministério da Fazenda — Rio de Janeiro, 1945.



O presente volume, de vasto formato e de cerca de trezentas páginas, compreende o relatório apresentado pelo Sr. Sérgio Ulrich de Oliveira, presidente da Câmara de Reajustamento Econômico, ao Sr. Ministro da Fazenda.

Trata-se da execução do decreto n. 24.233, de 12 de Maio de 1934; e além das páginas de apresentação, pelo Presidente da Câmara, constam do livro os capítulos Notas e comentários, Estudos e sugestões, Quadros estatísticos e Administração. Na primeira parte encontra-se, lustrada por opiniões e comentários de numerosos autores, uma exposição das relações entre credores urbanos e devedores rurais no Brasil. Aí figuram principalmente juízos de Joaquim Nabuco, Quintino Bocayuva, Oliveira Lima, Amaro Cavalcanti, bem como dos Srs. Gilberto Freyre e Oliveira Vianna. Seguem-se as condições em que se efetuou a intervenção do Estado no problema das dívidas do agricultor; a instalação da Câmara de Reajustamento; o exame dos aspectos jurídicos, econômicos e sociais da Lei Brasileira. A parte intitulada "Estudos e sugestões" inclui trabalhos dos Srs. Ulrich de Oliveira, Ernesto da Fontoura Rangel, Reginaldo Fernandes Nunes e Péricles Madureira de Pinho. Vem depois os quadros estatísticos que ocupam cerca de cento e quarenta páginas; finalmente, os decretos subordinários ao título "Legislação" e, com o título "Administração", o movimento da Secretaria da Câmara referida e o quadro do seu funcionalismo em janeiro deste ano.

E, como se vê, uma obra de natureza e organização especiais e que, de fato, só autoridades especializadas poderão devidamente apreciar. Num registro de livros em geral, não cabe a análise rigorosa de tão vasta documentação nem, portanto, das proposições que nela se baseiam ou dela se originam. Todos aqueles, porém, que por tais questões se interessam, nestas páginas deverão encontrar o necessário para sua elucidação. "Não segue este relatório — diz o Sr. Ulrich de Oliveira no prólogo a que já aludimos — as normas adotadas em tais documentos. Aqui antes procurei reunir estudos, sugestões, apurações estatísticas que possam esclarecer não só ao governo como aos estudiosos e ao público em geral sobre a importância do grande empreendimento administrativo em que se transformaram as leis chamadas de reajustamento econômico."

A IGREJA NO BRASIL, notas para a sua história, pelo Reverendo Manoel Barbosa — Rio de Janeiro, 1945.



Não passa este livro, diz o autor num prólogo explicativo, "de um conjunto de notas para a história da Igreja no Brasil". Deve-se porém, atender, para além da modestia de tais palavras, ao que a obra representa como orientação, esforço de pesquisa, inteligência e sentimento próprios, capacidade realizadora.

Não se trata, com efeito, de simples busca de documentos em bibliotecas e arquivos. O método de trabalho do Reverendo Manoel Barbosa não pode ser confundido com a tarefa dos que se limitam a copiar papéis e cartapácios. O autor da *Igreja no Brasil* é, na verdade, um autor. Fez um livro "seu". Ao critério de escolher e relacionar os elementos básicos do seu empreendimento, soube aliar constantemente, por assim dizer, a sua opinião, o seu juízo pessoal. Relatou os fatos, tanto quanto possível, dentro da disciplina sacerdotal, os discutindo e comentando. Em verdade, páginas e páginas se sucedem, por vezes, ocupadas por apontamentos de datas, personagens, lugares mais ou menos históricos. E encontram-se atas inteiras, relatórios completos, registros da imprensa

sobre acontecimentos relacionados com as glórias e também as vicissitudes da religião católica no Brasil. Mas as narrativas que por outras páginas se estendem trazem o cunho dum escritor. O estilo é sereno e grave. A pureza dos conceitos corresponde bem a clareza da forma. E certa amenidade no dizer e explicar nos leva de capítulo em capítulo, deixando talvez de lado os trechos de mera escrituração, mas presos às idéias e à linguagem do autor.

"Estamos há quase quatro séculos — diz ele no já referido antelóquio — do berço do Episcopado Nacional. E' tempo de acompanharmos o seu desenvolvimento, estudando-lhe a ascensão lenta e espinhosa, seguindo-lhe as lutas, compreendendo-lhe as angústias, sentindo-lhe os sofrimentos, aplaudindo-lhe as vitórias, justificando a cólera santa dos seus ímpetos e dos seus protestos, e conseguindo atingir, passo a passo, o cume desse Tabor que lhe custou tantas lágrimas e tantas amarguras."

Tal a missão a que o Rev. Manoel Barbosa se entregou e que excelentemente cumpriu.

Valorizam o volume fiéis e expressivos desenhos do Sr. Alberto Lima.

J. L.

Moças e senhoras "chics"



A "Depilina Sarah" destrói os cabelos superfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Rembolsos Postal. A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.



VINHO DA MADEIRA

ILM BORGES, SUCCS LTDA

Estabelecimento de 1871 — Rua do Comércio



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELLO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 46 - São. Rio

Nome

Rua

Cidade

R.S.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCEPE DE GALES
UM PRODUTO
COSTA PENNA

A mulher de Paris e de Londres

Paris — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hermon-Pharm de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e cientificamente conhecida pela sua eficácia terapêutica altamente comprovada.

Alcança o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informação e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

A REEDUCAÇÃO DOS FILHOS DE HITLER

De PAUL F. HILL
Copyright B.N.B., especial para
a "REVISTA DA SEMANA"

A inquietação seguiu-se em quase todos os países ocupados pelos nazistas, à retirada de suas tropas ante os exércitos aliados vitoriosos. Esse fato foi particularmente evidente na Grécia e na Bélgica, e, em menor escala, na Itália, Rumania, França e outros territórios libertados do jugo alemão.

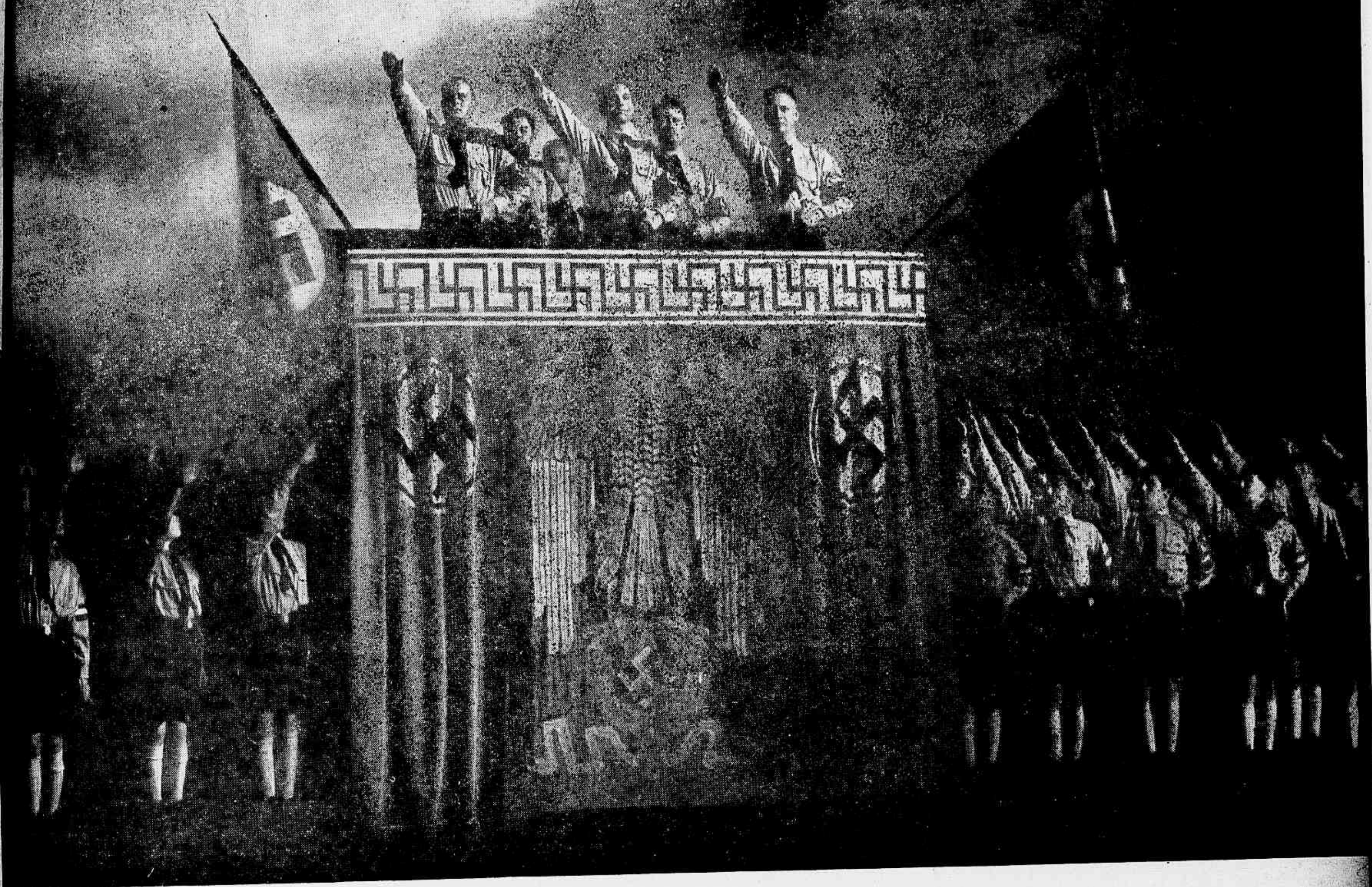
Os alemães não puderam levar a cabo sua intenção de arrasar, antes de se retirarem, os países que tinham ocupado. No entanto os nazistas conseguiram semear "dentes de dragão", que agora florescem na forma de conflitos locais, numa atmosfera de ódio, derramamento de sangue e guerra civil. Tudo o que aconteceu para obstar a reconstrução política e cultural, nos territórios libertados, é quase exclusivamente o legado dos métodos nazistas, os quais contaminaram tudo o que tocaram.

Quatro anos de ocupação alemã foram suficientes para criar um caos terrível entre as jovens gerações da Europa Ocidental e dos Balcãs. As pessoas mais velhas, que viveram nas décadas anteriores sob o império da lei e da ordem, estavam habituadas a considerar o Estado e seus órgãos administrativos como instituições estabelecidas por eles mesmas em seu próprio benefício. Quando os nazistas começaram a espalhar sua influência sobre esses territórios, tentaram espoliar as leis existentes, curvar a justiça à sua vontade e fazer da injustiça seu princípio orientador. Usaram da calúnia e do suborno para conseguir seus fins: caçaram os cidadãos decentes e empregaram criminosos e traidores para realizar seus desígnios. As pessoas mais velhas, que tinham algum conhecimento do respeito aos direitos humanos, repudiaram esses métodos brutais. Apegaram-se a seus antigos códigos legais, que consideravam como superiores aos regulamentos terroristas que os nazistas e a Gestapo apresentavam como a lei natural.

As pessoas moças, porém, a geração entre 15 e 20 anos, na qual as noções de justiça não estavam tão profundamente implantadas, não tardaram a se infectar de novo espírito. Durante esses quatro anos de resistência e auto-defesa, a luta contra a autoridade brutal dos opressores chegou a ser considerada por essas moças como a lei normal. Tudo o que fizessem para obstar o funcionamento da máquina nazista consideravam dever patriótico feito de heroísmo e objetivo supremo.

Na nova Alemanha, as crianças aprendem com os professores das Nações Unidas a ser homens como os outros todos, nem melhores nem piores. Todos são filhos de Deus e todos têm direito ao sol que nos ilumina e à terra que nos dá o pão.





Seu ódio pelo regime terrorista sob o qual viviam foi constantemente atigado pelos métodos criminosos da Gestapo.

Dêse estado de ânimo surgiu uma crescente desconfiança por toda autoridade, uma suspeita pelo funcionalismo de toda classe e uma desconfiança mesmo para seus vizinhos, a menos que pertencessem a um estreito círculo de conhecidos. Os "maquis", na França e na Bélgica, os guerrilheiros na Grécia e na Iugoslávia, os lutadores subterrâneos na Holanda e na Dinamarca, e os membros da Resistência na Tchecoslováquia e na Polônia orgulhavam-se de fazer tudo o que estava proibido pelos alemães e de violar os regulamentos baixados pelas autoridades alemãs.

Veio depois a libertação. Todos esses homens e mulheres, velhos e moços, perceberam subitamente que o pesadelo havia passado. Durante várias semanas, embriagados de liberdade, abandonaram-se sem restrições a uma grande alegria. O fato foi universal. Mas, enquanto as pessoas idosas olhavam avidamente para a frente pelo restabelecimento da lei e a ordem, a jovem geração tinha perdido toda noção de justiça e lei. Não compreendiam que, a partir do momento da libertação, a autoridade do governo real e os altos interesses de comunidade devem prevalecer. Desejavam continuar o modo de vida a que se tornara habitual, a realizar suas finalidades pessoais.

(Continua na pág. 57)

ONTEM E HOJE — Antigamente, os mistificadores das mentalidades alemãs, pelos campos e pelas cidades, envenenavam a alma dos jovens com o grito selvagem "Ein Reich, Ein Fuehrer!". O dogma escuro era a ciência; o amor religioso ao chefe era o código único. Desde o berço, as crianças aprendiam a odiar os judeus, a temer o comunismo e a adorar Hitler sobre todas as coisas. Antes de aprenderem a nadar já sabiam marchar; antes de saber as quatro operações já manejavam o fuzil "Mauser". Nenhum problema se apresenta hoje tão intrincado para os aliados como o da reeducação dos filhos de Hitler. Nesta página, dois aspectos sugestivos da Alemanha de ontem e de hoje. Meninos mecanizados pela mística do nazismo e meninos humanizados pelo amor à liberdade.

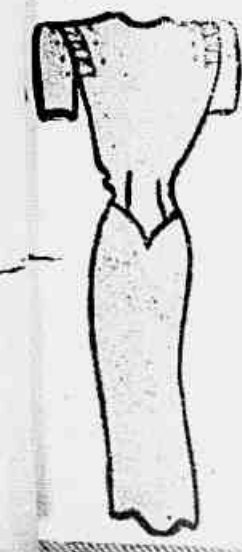
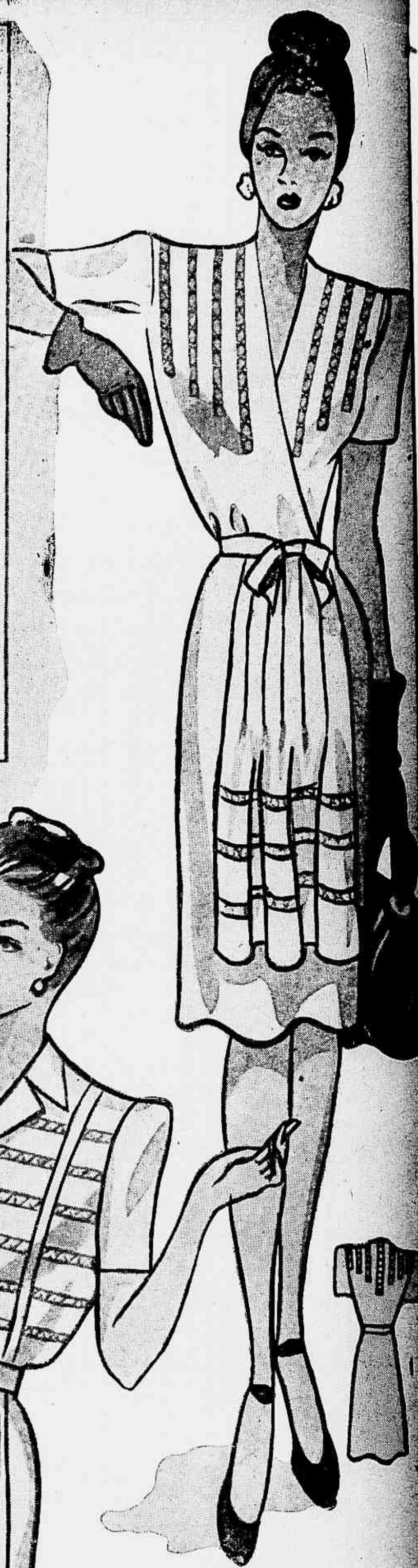


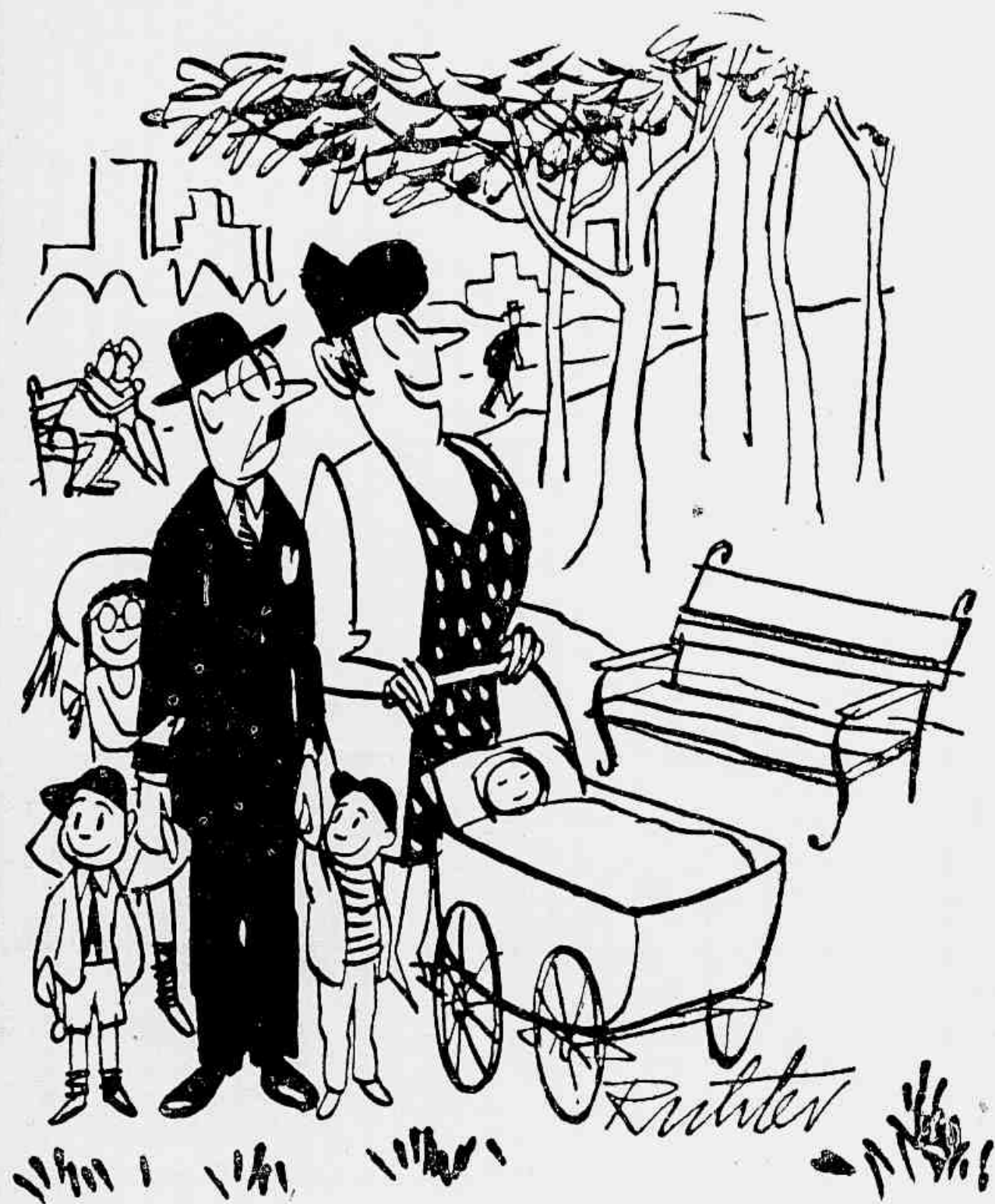
DE PASSEIO



Apresentamos aqui, como sugestão ao bom gosto de nossas leitoras, alguns dos novos modelos de Paris, que vêm atestar o prestígio do "ajouré" nos grandes ateliers de modas. Ao alto, à esquerda: o trabalho em "ajouré", formando um jaleco, realça estas duas peças, que podem ser tallhadas em seda ou linho. Ao centro, em cima: as aplicações de "ajouré" fazem mais elegante êste lindo modelo de seda ou linho branco. Ainda ao alto, à direita: gracioso vestido em cetim escuro, com "ajouré" aplicados em forma assimétrica. Em baixo, à esquerda: lindo modelo, saia e blusa, com "ajouré" em ângulo, e gola arredondada; à direita, um original modelo de crepe, com "ajouré" em quadros realçados por botões dourados.

Os vestidos de "ajouré" estão novamente em voga. Nesta página apresentamos alguns dos mais recentes modelos de França, que nos dão a prova disto. Da esquerda para a direita e do alto para baixo: de uma elegância toda própria é este modelo de seda escura, com adornos de "ajouré"; outro modelo adornado com "ajouré", talhado em crepe; muito cômodo é este modelo com arabescos em "ajouré" realçados com lantejoulas e bordados; a seguir, vestido de passeio, enfeitado com desenhos retilíneos e adornado com um cinto branco; por último, um modelo simples mas elegante, também completado por um cinto largo.





— Lembras-te, Alfredo, de nossos idílios inconsequentes passados neste banco?
— Lembro-me. Muito inconsequentes, na verdade.



— O senhor, por acaso, não precisa de um modelo?

DE BOM HUMOR



— Magníficas curvas estas que ela executa.
— Executa ou possui?



— Maria, agora é a tua vez de rir com ela.

VIVA CONTENTE

para
viver mais!

Qualquer anomalia na função do fígado compromete a saúde, perturba o bom humor e faz envelhecer antes do tempo. Normalize a função hepática com as famosas "Pílulas de Reuter" e desfrute intensamente a alegria de viver!

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

A VITÓRIA DE CHARLES...

(Continuação da pág. 34)

situação era verdadeiramente má. Todos o hostilizavam e ele não encontrava meios para fazer com que compreendessem que não era da laia do seu antecessor. Tudo começara no momento em que ele assinara o contrato. Até então ele não suspeitara do médico que lhe dissera, tranquilamente:

— Preciso descansar. Vou aposentar-me. Por isso, entrego-lhe a clínica e vou tratar de meu jardim...

A verdade, porém, não era essa. O tal homem tinha enganado e roubado quase todos os infelizes que haviam confiado nele. E, por uma estranha lei de transferência, os habitantes da cidade votavam a ele todo o ódio que tinham criado pelo bandido, que fugira depois de fazer os piores papéis.

— Você deveria fazer um comício e apresentar provas de sua respeitabilidade — disse Marian.

— Você não vê que eu não posso fazer isso?

— Bem, eu sei que um comício é exagero, mas você precisa também de um pouquinho de cabotismo. Sem isso ninguém vence.

— Meu bem, você não está vendo que eu não posso fazer nada.

— Procure os colegas, explique a situação.

— Já pensei nisso. Já pus em execução esse projeto. E você sabe qual foi o resultado? Eles mandaram dizer que não estavam em casa. Resolveram sim-

plesmente aplicar-me o "gêlo". Ninguém fala a meu respeito. Todos fingem que não me conhecem, que não sabem que eu existo.

— Mas é preciso encontrar um meio, descobrir uma maneira de fazer com que eles vejam que você não é o que pensam...

— Não há meio.

— Mas não faltam títulos a você...

— E onde a oportunidade de exibí-los? Marian calou-se.

★

A situação do noivo preocupava-a. Deixara seus estudos para visitá-lo em companhia do irmão, quando soubera das dificuldades e, se bem que não tivesse reprimido o comentário inevitável: "Eu não lhe disse? Ela estava sinceramente preocupada. Que fazer?".

— Jack!

O irmão largou o livro que estava lendo e ela se aproximou.

— Preciso falar com você.

— Não me diga que vai me fazer intervir no caso do seu precioso noivo!

— Afinal de contas, ele é seu amigo...

— E que é que você quer que eu faça?

— Você não é má pessoa, Jack. O único mal é que é tão preguiçoso...

— Diante disso, permite, cara princesa, que eu boceje, sem mais formalidades. Que sono a senhora está me dando.

— Você sabe que eu decido isso sozinha, sem seu auxílio?

— Folgo muito.

— Você não tem a menor confiança em mim.

— Não diga isso, ó adorada irmã. Confio em você, mas não tenho fé na sua inteligência para sair de uma situação como esta. Compreendeu?

— Você quer fazer uma aposta?

Jack começou a rir.

— Você sempre com sua mania de apostas...

— Mas esta é a sério. E se você perder há de pagar.

— Você está insinuando que eu já dei de pagar alguma vez?

— Não. Mas bem que teve vontade.

— Vamos ao que interessa. Qual é a aposta?

— Eu aposto com você como, em menos tempo do que você, descubro um meio para fazer com que Charles mude de vida aqui.

— Ótimo!

— Aceita?

— Vamos a ver essa grande idéia.

— Não. Eu não vou dizer nada a você. Pense lá que eu penso cá.

— E se algum milagre acontecer, você leva os elogios e ganha a aposta, não é?

— Não, senhor. Assim que decidir um meio, comunico-lhe. Não se esqueça de fazer o mesmo.

Ele fez uma reverência irônica.

— Bem, minha querida irmã. Mais alguma coisa?

— Não. Vamos ver se sai alguma idéia dessa cabeça.

— Há um pequeno detalhe.

— Qual?

— O prêmio. Esqueceu?

— Bem, o prêmio será... Vamos combinar uma coisa. Quem perder terá que convencer Charles de que este lugar não é próprio para ele.

— De modo que você pensa que sou eu que vou fazer com que seu noivo abandone essas idéias...

— ...depois dele ter conseguido vencer os preconceitos dessa gente.

— Não, meu bem, muito obrigado, mas eu não me meto nisso.

— Então ganhe a aposta e nada terá que fazer.

Ele sorriu. Depois pareceu que uma idéia se esboçava, porque fez um breve sinal com a cabeça e disse:

— Ótimo. De acordo.

— Mãos à obra?

— Mãos à obra.

★

Tudo começou de uma maneira estranha. O mais surpreendido entretanto foi Charles. Primeiramente veio aquela visita inesperada.

— Quem?

Incrédulo, ele olhou para o cartão de visitas e perguntou novamente:

— Quem?

— Dr. Amery.

Era o médico mais conceituado da cidadezinha. Por que viria procurá-lo? Teriam decidido, enfim, tratá-lo com um ser humano, abandonar aquela atitude injustificada dos primeiros dias?

— Mande entrar.

O dr. Amery era um homenzinho seco, mirrado, com voz aflautada. Nada fazia suspeitar que ali se achava uma das maiores autoridades do lugar. Uma autoridade respeitada não só pelos clientes como pelos próprios colegas.

— Meu caro colega — foi logo dizendo o médico, ao entrar — peço-lhe perdão de não ter feito essa visita mais cedo; porém os meus afazeres, compreende, não é?

Charles acenou com a cabeça vagamente.

— Pois é isso. Mas, como é de praxe visitarmos todos os novos colegas que chegam aqui, quis ver o pessoal antes de trazer o meu cumprimento.

— Agradeço penhorado a gentileza. Eu já estava começando a recear, de fato, que tivesse que me ir sem ter a honra de conhecer os habitantes dessa simpática cidade. Ao que parece, eles não gostaram de mim.

O médico fez um gesto de protesto.

— Por favor! Espero que não tenha ficado ofendido.

— Não, eu somente pensei...

— Não há razão para guardarmos ressentimentos, não é verdade?

— Justamente, porém eu...

— Um momento, eu explicarei o caso: é que seu antecessor, naturalmente sem que o senhor soubesse, vendeu-lhe uma clínica praticamente inexistente. A razão é simples. Ele perdeu quase todos os



Como V.S. se protege contra a PIORRÉIA?

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas!

Sendo descuidada, a piorria se transforma numa enfermidade repulsiva. A inflamação e o encolhimento das gengivas e o afrouxamento dos dentes, que às vezes devem ser extraídos *embora estejam inteiramente sãos*, desfiguram a boca. Esteja em guarda contra os primeiros indícios da piorria. Não se descuide nunca das gengivas sensíveis e que sangram!

E também não se descuide das precauções necessárias, como o uso diário do dentífrico FORHAN'S — feito especialmente para a limpeza dos dentes e a *massagem nas gengivas*. FORHAN'S para as GENGIVAS é o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorriático do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorria apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Visite seu dentista com frequência. E comece a usar o dentífrico FORHAN'S.

Escove os dentes com

Forhan's



"Não espere soltar de piorria para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorria."

5FP5

**PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Desprende, joga

ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postizas, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não cagam. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É atálico (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - Lo andar
Rio de Janeiro

PS-B

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante". Experimente-o.

(CONTINUA NA PAG. 56)

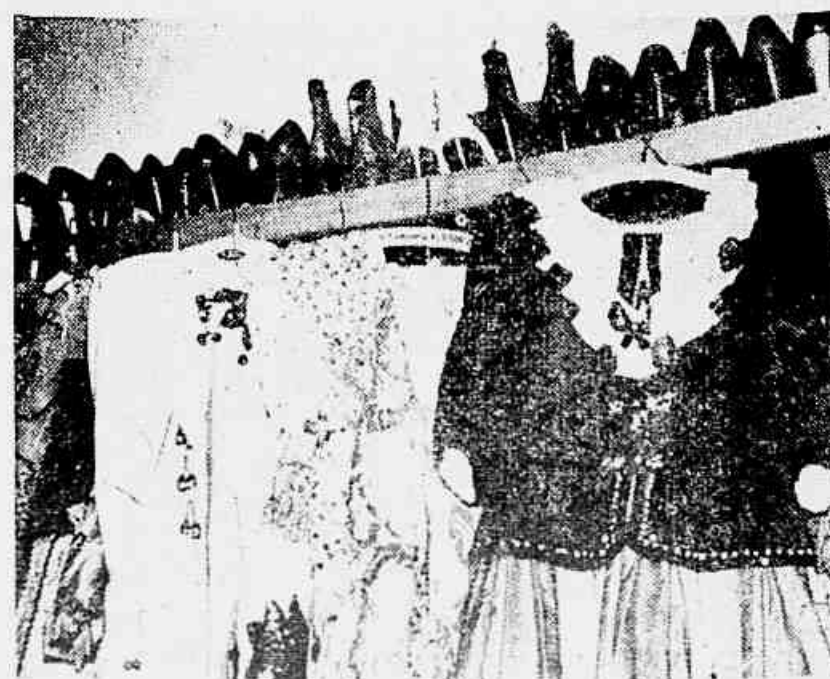


I R M ã S ARAGON

Maria de Begoña e Victoria Araceli são as componentes desta famosa dupla de bailarinas espanholas. Jovens ainda, bem representam, nos seus bailados clássicos espanhóis, a alma da Espanha, terra das castanholas e das célebres touradas de Madrid e Sevilha.

Maria e Victoria mostraram, desde cedo, tendências para o bailado, e seus pais, notando esta inclinação artística, colocaram-nas no curso de dança, sob a direção do primeiro bailarino da Espanha, Vicente Escudero.

Três anos depois, isto é em 1935, Maria e Victoria formaram a dupla Irmãs Aragon, estreando no Teatro Capitol de Madrid, e aí obtendo os primeiros aplausos da sua carreira brilhante e vitoriosa. Após este triunfo espetacular, excursionaram pela Bélgica, Holanda, Paris, Londres, Barcelona, Valença, Saratoga, Cuba, México, Peru, Panamá, Chile, Buenos Aires e finalmente Rio de Janeiro, dançando sempre nos principais teatros e casinos, como: Teatro de Bordeaux e na Sala Pleyel, de Paris; Teatro Municipal e Casino Bellevue, de Biarritz; Hotel Saboy, de Londres; Tea-



tro Folles e Lirico, no México; Teatro e Casino Nacional, de Cuba; Colon, no Panamá; Teatros Municipal e Segura, de Lima; Hotel Carrera e Teatro Santiago, do Chile; Teatros Avenida, Mayo e Tabaris, de Buenos Aires.

Dentre os bailados que executam, preferem os seguintes: Sevilha e Cordoba, de Albeniz; La Dolores Jota, de Breton; Ioyescas, de Granados; Viva Navarra Jota, de Larregla; Orgias, de Curina; Amor Brujo e El Sombrero de Tres Bicos, de Falla.

Filmaram em Barcelona e em Cuba; naquela cidade figuraram no elenco do filme "Alhambra", e nesta apareceram em "Yo Soy el Heroe".

Do cinema, os bailarinos que mais apreciam são Gene Kelly e Vera Zorina, e consideram Bette Davis a maior artista dramática da época. Têm predileção pela natação e adoram as músicas de Chopin.

As Irmãs Aragon declararam que, depois de terminada esta temporada no Brasil, pretendem visitar os Estados Unidos e Portugal, regressando então à sua terra natal e ao Teatro Capitol, onde obtiveram o seu primeiro sucesso artístico.

Nas fotos que ilustram estas páginas vêem-se as Irmãs Aragon interpretando um número do seu variado repertório, e em dois flagrantes posados especialmente para a REVISTA DA SEMANA.





CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA CÔR NATURAL ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

MODAS

DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna. METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL. CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 18 hs.



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

Três elegantes "toilettes" para mocinhas, modelos singelos, de absoluta simplicidade e por isso mesmo os mais recomendáveis. Devem as jovens evitar, tanto quanto possível, alguns exageros de indumentária que se verificam às vezes, os quais, longe de realçar seus encantos, fazem apenas imprimir, nos mesmos, características em nada condizentes com a sua feição juvenil. São, portanto, aceitáveis e cheios de encanto próprio os "croquis" da gravura abaixo.



PREFIRA
AGUA DE COLÔNIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLÔNIA CLÁSSICA



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVENDER

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CUTIS CANSADA

e sem viço



As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



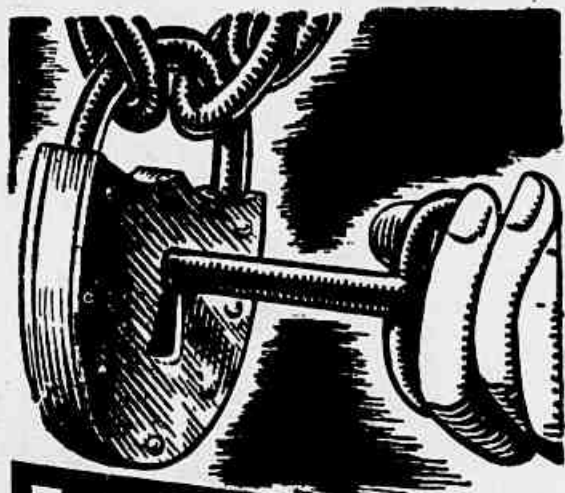
Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

PARA A GRAÇA DOS QUINZE ANOS

Aqui estão alguns modelos para mocinhas. O primeiro acima, à esquerda, tem a blusa em veludo de seda verde-escuro e a saia em lãzinha verde claro com listras em verde escuro. O segundo em lã azul marinho lisa e azul e branca listrada. O terceiro em lã preta simplesmente adornado. O vestidinho do centro é confeccionado em lã, com ligeiros pespontos em seda, e, finalmente, o último em seda vermelha e seda azul marinho.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECHITAS MEDIDAS COM EXATIDÃO
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 23
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARGUINO

CALOS

Dedos Doloridos Pelos
Sapatos Apertados

Remédio Ci-
entífico que
Age Instan-
taneamente.

Remove os
Calos com
Rapidez.



Use Zino-pads do Dr. Scholl e obterá pronto alívio para os sofrimentos causados pelos seus calos ou feridas entre os dedos. É maravilhosa a rapidez com que os Zino-pads neutralizam a pressão dolorosa exercida sobre o ponto sensível. Leves, macios, delgados, protetores, esses "pads" evitam a formação de calos, pontos sensíveis, bolhas e calcanhares ardidos. Os Zino-pads do Dr. Scholl facilitam o uso de sapatos novos ou apertados. Com o remédio, você obterá também os Discos Medicados para a rápida remoção dos calos. Os Zino-pads Dr. Scholl custam uma ninharia. À venda em toda as farmácias e drogarias ou nas Lojas Dr. Scholl. Procure-os hoje mesmo!

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO



**Comece
pela raiz!**

A semelhança das plantas, o cabelo absorve pela raiz as substâncias que lhe dão vida, beleza e louçania. Tônico Oriental, singularmente perfumado, nutre os filamentos capilares, higieniza a cabeça, elimina a caspa, evita a queda e dá brilho, vigor e maciez aos cabelos.

Tônico

ORIENTAL

TO-3

1-A

"Chápas" e "clichês"



O cânto do cisne.

O estricto necessário



Círculo viciôso.



A voz do sangue



A lição da experiência



O momento solene



Grupo feito durante o "cocktail" realizado no terraço da A. B. I., vendo-se amigos e confrades do escritor Epaminondas Martins, que o homenagearam por motivo do aparecimento de seu último livro, "Os homens da guerra".



Edberto Guimarães, cuja foto se vê acima, concluiu com aproveitamento, a 17 do mês p.p., seu curso de pilotagem na "Naval Air Station", de Corpus Cristi, Texas, U. S. A. Esse é um dos novos pilotos da Força Aérea Brasileira.



★
FIGURAS
E
FATOS
★

Giselia, filhinha do sr. Alfredo dos Santos Sobrinho e de dona Giselia Neiser dos Santos.



Vem de realizar-se o enlace nupcial da sta. Maria Thereza da Silva com o sr. Roberto Emilio Manes, êle um valoroso voluntário da F.E.B., tendo recebido a medalha de campanha e sido condecorado por ato de bravura pelo 5.º Exército Norte-Americano. Foi também condecorado pelo Brasil com a cruz de combate, a medalha comemorativa da campanha brasileira na Itália, por ter tomado parte nas campanhas do Reno, Serchio, Panaro e Pô. Na gravura abaixo, a mais recente foto da encantadora menina Regina Coeli Machado Cupello, dileta filhinha do casal d. Cecilia Machado Cupello e Francisco Cupello, cujo terceiro aniversário foi festivamente comemorado no dia 2 de outubro último.



DEPOIMENTO

Novela de Thyra Samter

Ontem uma amiga comum apresentou-me a Janice. Houve uma pausa constrangedora. A seguir, Janice disse, placidamente:

— Nós já nos conhecemos.

Conversámos muito tempo. Doris, que nos aproximara, pensando ter reunido duas grandes amigas que havia muito não se viam, retirou-se discretamente. Janice não se perturbou. Nem mesmo quando eu perguntei como ia passando o marido.

— Vai bem. As crianças, agora, estão na escola, e ele tem mais tempo para passar comigo. Estamos numa segunda lua de mel.

Eu não respondi.

— Bill vai bem? — perguntou ela.

— Vai indo — respondi.

— Vocês não têm filhos?

— Não.

Nova pausa.

Despedimo-nos prometendo uma visita que não tínhamos a menor intenção de fazer. Trocámos cartões. Eu joguei o dela fora. Creio que ela fez o mesmo.

Janice parece muito feliz. Próspera, gorda, com sua vida arranjada, ninguém suspeitaria que já esteve envolvida num crime passionai. Dá-me até vontade de rir: crime passionai... Bem, não há dúvida que foi, de uma maneira indireta. Se não fôsse Jeff Trager, elegante, belo, bem vestido, Janice não teria esquecido o marido — o primeiro marido.

Não sei como tenho coragem para relembrar aqueles dias terríveis com tanta calma...

— Alô, Kate — disse meu marido, ao chegar em casa no dia em que eu encontrei Janice.

Não respondi.

— Que há?

— Sabe quem eu encontrei hoje?

— Hum?

— Janice.

Bill deu um assobio. Depois sentou-se ao meu lado.

— Você ainda está se preocupando com o caso?

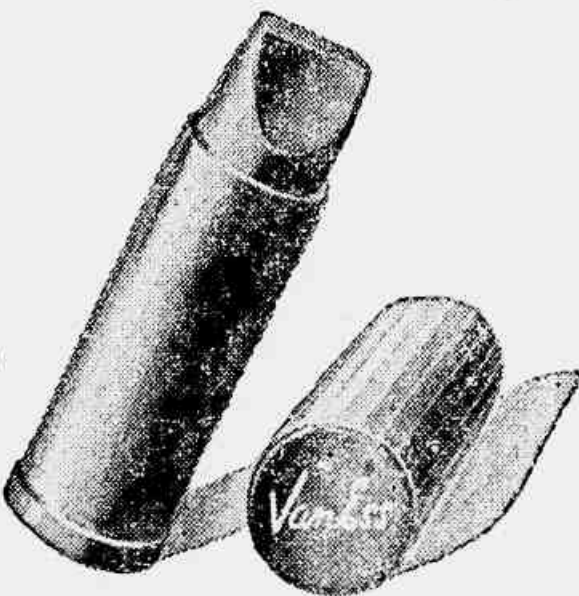


*Para convidar ao beijo
daquele a quem se ama
e para que o beijo seja eter-
namente recordado...*

Tonalidades de última moda em uma base exclusiva de "creme veludo" que suaviza, protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

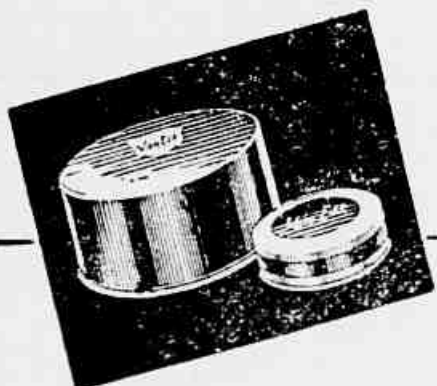
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.



STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peçam catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

— Não. Não é isso.

— Então o que é, meu bem? Não pense mais nessa mulher.

— Isso é fácil de dizer...

Bill não compreendia. Nem poderia compreender. Eu nunca ousei revelar a ele meu segredo.

— Vamos sair esta noite? — perguntou Bill, despreocupado.

— Esta noite, não. Por favor.

— Meu Deus, você faz um bicho de sete cabeças de coisa tão simples.

Não respondi. Bill foi se vestir.

— Vamos. Você precisa distrair-se, esquecer essa história.

Levantei-me, lentamente e comecei a me vestir. Não tinha vontade de ir.

No automóvel ele disse:

— Vamos a um teatro. Há uma revista nova que ainda não vi e que...

Mas eu não estava mais prestando atenção às suas palavras. Uma revista? Teatro? Teatro? Seria possível que ele não se lembrasse? Ou fazia aquilo de propósito para forçar-me a esquecer...

Num teatro começara tudo. Lembro-me ainda do olhar de Janice naquele dia, quando chegámos ao camarim.

— Você viu?

CREME DENTAL

ATLAS

SOFRÊ DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

Janice ia tirando o "maquillage" pobre de corista. Eu fazia o mesmo.

— Vi o que?

— Aquêlê rapaz na primeira fila?

— Não reparei.

— Pois devia, minha filha. E' uma das maiores fortunas do país.

— Janice!

— Bôba! Você pensa que eu vou fazer alguma tolice? Está muito enganada. Comigo, só se ele quiser casar-se.

Ri gostosamente.

— Casar-se com você? Esta é boa, não há dúvida.

Entretanto, meses depois, Janice abandonava a pobre companhia de revistas para a qual trabalhávamos para casar-se com John Atwood Stratfield II.

— Você tem que vir ao meu casamento, Kate.

Aceitei. Nunca pensei que existisse tanta riqueza no mundo!

— Entre, Kate — disse Janice ao ver-me chegar à casa do noivo.

Eu fui entrando, meio intimidada.

— Quero mostrar a você a casa tôda, Kate.

Notei que ela estava alegre, satisfeita; porém uma coisa me entristeceu. Ela estava preocupada menos com o noivo do que com o casamento. John só a interessava como uma fonte de renda.

— Janice, você não tem escrúpulos?

— Por que, meu bem?

— Você ama realmente êsse rapaz?

— Hei de ser uma boa esposa para êle.

— Acha que é suficiente?

— Por que não?

Senti uma repugnância por tudo aquilo. Não pude mais assistir àquele espetáculo.

— Janice, eu não vou ficar aqui.

— Ora, meu bem, por que?

Não respondi. Naquela mesma tarde parti.

★

O automóvel parou diante do teatro iluminado. Bill pagou o "chauffeur" e nós saltámos. Meu marido reservara um camarote.

— Vamos?

Quando as luzes se apagaram e o pano subiu, eu não pude concentrar a atenção no espetáculo, porque na minha memória começou a desfilar como um filme uma série de imagens. Minha vida naquele tempo! Depois de interromper minha visita a Janice, resolvi voltar no dia do casamento. Ia com uma esperança louca de que poderia dissuadi-la daquele passo.

— Meu bem, você está querendo meu milionário para você?

Janice foi cínica naquele dia. Estava realmente linda em seu vestido de noiva. Lembro-me perfeitamente dela, de pé diante da penteadeira, olhando fixamente para mim e dizendo em voz baixa, carregada de veneno:

— Você quer meu milionário para você?

Nunca fui tão insultada na minha vida. Eis o resultado da minha tentativa. E, no entanto, se ela me houvesse dado atenção, teria evitado a tragédia, o crime terrível. Porque, um mês depois do casamento, John foi encontrado estirado na sua biblioteca, com um revólver ao lado. Uma pôça de sangue... Ainda hoje estremeço ao recordar aquêlê dia. Mas não antecipemos.

Janice não quis fazer viagem de lua de mel. Iam instalar-se primeiro na sua nova casa. Para o fim do ano, então, tencionava partir com o marido para a Europa.

Nunca esquecerei o primeiro encontro de Janice com Martin. Depois da nossa agitada conversa, no dia do casa-

mento, ela saiu do quarto, já vestida de noiva, pronta para o casamento. John vinha subindo a escada trazendo Martin.

— Janice! Quero apresentar a você meu melhor amigo, Martin Franton.

Os melhores amigos... John era alto e magro. Muito pálido, tinha uma bela dentadura e uns olhos azuis muito brilhantes. Dava a impressão de saúde fraca. Ao lado d'êlê Martin fazia um contraste tremendo. Moreno, de complexão atlética, rosto de linhas bem marcadas, cuja expressão rígida se adoçava quando sorria. Janice parou interdita. Estava linda, tôda pronta para o casamento. Martin sorriu ao deparar com aquela visão maravilhosa. Disse alguma coisa a John. Não me lembro mais o que foi. Mas não me esqueci que enquanto falava êle olhava fixamente para Janice. Aí começou tudo.

Martin tornou-se frequentador assíduo da casa de John. Na semana seguinte ao casamento, já êle era convidado para passar o fim de semana com êles. Nunca faltou às reuniões, que eram frequentes. Janice começou a deixar transparecer aquilo que eu sentira desde o primeiro mo-

mento. Apaixonara-se por Martin. Casada com John pelo dinheiro, o coração brincara com a sua ambição, dando-lhe um verdadeiro amor.

Um mês mais tarde ocorria a tragédia. Eu estava presente. Janice tinha me convidado, para passar lá o fim de semana. Depois de nossa discussão ela me procurou, pedindo desculpas. Creio que foi quando descobriu que estava apaixonada por Martin e percebeu que eu tinha razão. Não recusei o convite, pois não queria que ela pensasse que estava zangada...

Naquela noite Janice desaparecera com Martin, no jardim, logo depois do jantar. Fiquei conversando com John. Quando os outros convidados se retiraram, eu e Martin, que estávamos hospedados na casa, resolvemos ir para a cama. Subindo a escada devagar, surpreendi, sem querer, uma conversa de Martin e Janice.

— Mais tarde? — indagou êle.

— Quando John for dormir — disse ela.

Não pude deixar de perceber a significação daquilo.

(Continua no próximo número)

Perfume

NARCISO AZUL

de GALLY



Eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!

- Água de Colônia
- Brilhançina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete
- Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao sr. **Olimpio de Lucena Montenegro** para obter matéria destinada a esta revista.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

A Administração.



EM OUTUBRO DE 1930 — Getúlio Vargas quando, vindo do Rio Grande do Sul, rumava para São Paulo. Foto batida no vagão ferro-carril, vendo-se à direita do ex-presidente o general Miguel Costa. De pé, o então coronel Gois Monteiro, que exercia as funções de chefe do Estado-Maior das forças revolucionárias triunfadoras, no movimento da Aliança Liberal, trazendo Getúlio Vargas dos Pampas ao Catete.

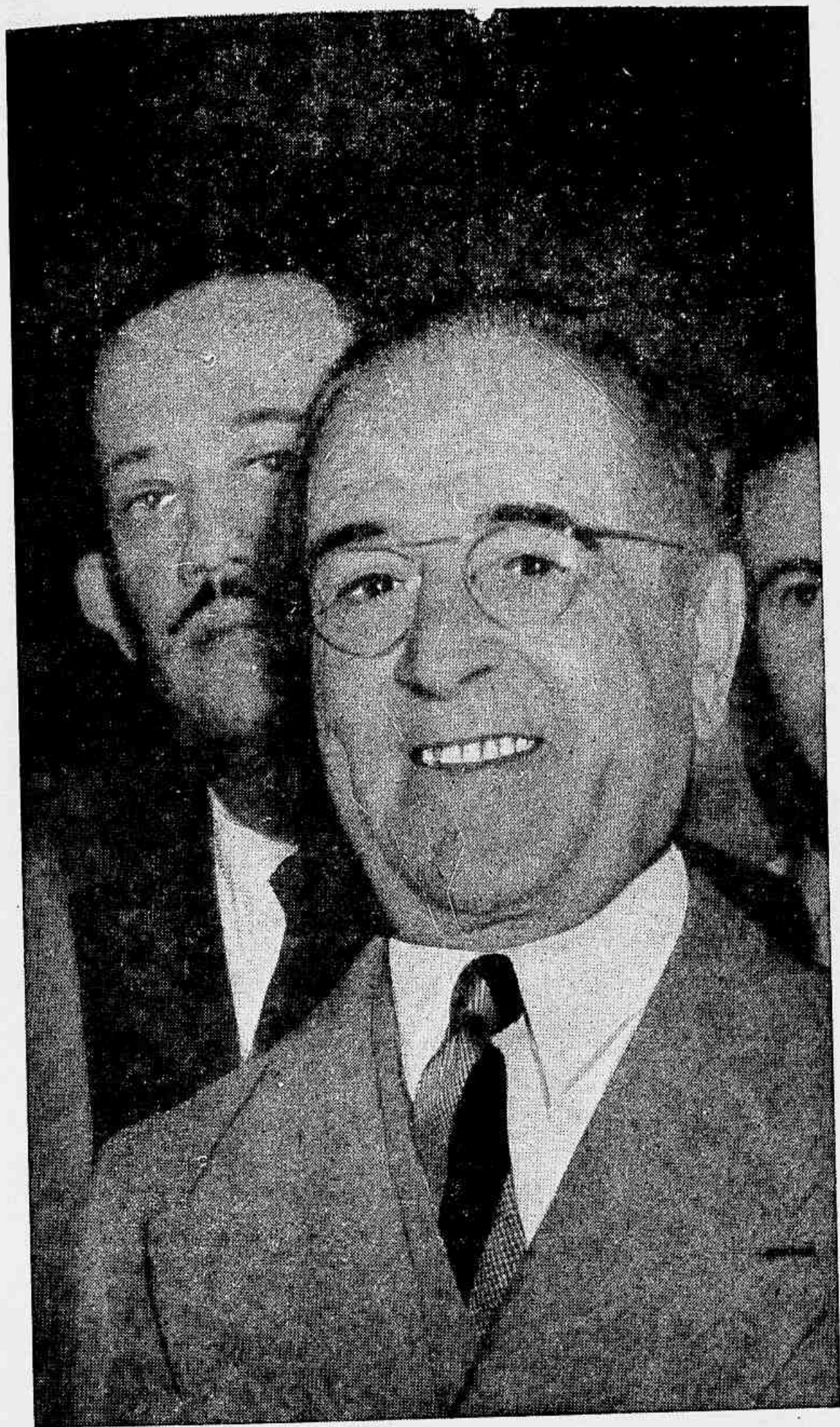
O JURAMENTO CONSTITUCIONAL DE 1934 — Outro flagrante histórico: o sr. Getúlio Vargas prestando o juramento da praxe perante a Assembléia Constituinte de 1934, presidida por Antonio Carlos. Era o advento da Constituição da 2.^a República a que o Brasil então assistia, numa cerimônia memorável realizada no Palácio Tiradentes, com a presença do Corpo Diplomático, ministros de Estado e vários interventores.



NO PALACIO DO CATETE EM 1930 — Vitoriosa a revolução de 30, deposto o então presidente Washington Luiz, foi empossado o sr. Getúlio Vargas na chefia do governo, quando se bateu o instantâneo acima. Vêem-se, ao fundo, o general Espirito Santo Cardoso e os srs. Francisco Valadares e Lindolfo Color. Essa ocorrência registrou-se precisamente no dia 3 de novembro. Faz, a rigor, hoje, quinze anos.

NO PALACIO GUANABARA EM 10 DE NOVEMBRO DE 1937 — Faz oito anos de hoje a uma semana que o sr. Getúlio Vargas, falando ao povo do Brasil pelo microfone instalado no Guanabara, comunicava a outorga da Constituição do Estado Novo, mercê da qual era dissolvido o Poder Legislativo. Outra etapa marcante da carreira política do ex-presidente da República começava a processar-se em 10 de novembro de 1937.





A DEPOSIÇÃO EM 1945 — Quinze anos depois de tomar posse da Presidência da República, então como Chefe do Governo Provisório de 30, o sr. Getúlio Vargas é deposto pelas forças armadas do País. Aqui está um dos últimos flagrantes de sua passagem pelo Guanabara, foto ali obtida na terça-feira, horas depois da deposição.

JÁ DEPOIS DA DEPOSIÇÃO — Aqui temos outro expressivo flagrante colhido também no Palácio Guanabara, no histórico 30 de outubro. Entre as pessoas que lhe faziam companhia, o presidente deposto posa para o fotógrafo, em um dos salões da residência oficial, a qual iria deixar no dia posterior, seguindo para São Borja, no seu Estado natal. Na gravura, entre outras pessoas, aparecem os srs. Luiz Vergara, chefe da Casa Civil da Presidência, e Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Já, a essa hora, era Presidente da República o sr. José Linhares.



NA SACADA DO GUANABARA — O sr. Getúlio Vargas assomou à sacada e acenou para os reporters que o esperavam fora, quando os reconheceu. Foi então que o nosso companheiro bateu esta chapa, mostrando o Presidente deposto na sacada do Guanabara, com um sorriso nos lábios, posando para a REVISTA DA SEMANA.



A Associação dos Operários da América Fabril homenageou, com o apôio integral da diretoria da grande companhia, os expedicionários que pertencem aos seus corpos de auxiliares



Representante do Presidente da República, o comandante Alexandrino de Alencar exaltou, em palavras breves mas vigorosas de civismo, a bravura dos gloriosos componentes da FEB.



No momento em que falava o pracinha Alberto Tavares.

A senhora Albertina de Souza entrega a medalha a um dos Expedicionários; e um dos diretores da América Fabril passa, às mãos daquela mãe saudosa, as insígnias que seu filho, hoje entre os heróis tombados, não pôde receber...



São aproximadamente sete mil e quinhentos trabalhadores que, na qualidade de componentes de uma das maiores famílias industriais do Brasil — Cia. América Fabril — possuem o direito de uso e gozo dos benefícios que, a par da legislação brasileira, em seu amplo sentido social, oferece a grande e acatada organização. Empresa que congrega a Cruzeiro, a Bonfim-Mavilis, a Carioca e a Pau-Grande, a modelar América Fabril figura entre as mais avançadas usinas de atividade e socialização do nosso país, quer pelo total gigantesco da sua produção, quer pela defesa e amparo dos seus auxiliares. Harmonizando, mais uma vez, o profundo entendimento de todos os seus elementos, a Associação dos Operários da América Fabril e os diretores da Companhia prestaram, sábado, 20 de outubro, às 21.00 horas, comovente e palpitante preito de saudade e reverência aos Expedicionários que pertencem ao quadro dos seus empregados.

Com o salão da rua Barão de Mesquita, 824, inteiramente cheio, iluminado e florido, com alto-falantes a semear músicas e vozes, o presidente da Comissão Promotora dos Festejos, sr. Raphael Bueno Lopes, abriu a sessão solene. A mesa dos trabalhos ficou assim constituída: representando o Presidente da República, comandante Alexandrino de Alencar; coronel Adalberto Pompílio; sr. Antonio Lartigan Seabra, presidente da América Fabril; sr. Fred Anderson, diretor técnico; sr. Carlos Alberto da Rocha Faria; dr. José da Costa Moreira; dr. Paulo Roquette Pinto, diretor-social da Confiança Industrial; srs. T. Howorth, T. Holliday e Alcides Moura Braga, gerentes das fábricas; sr. José Batista Pinto, representante do dr. Fausto Barreto, delegado regional; e outras pessoas gradas.

Falou, então, debaixo de palmas perfeitamente justas, o sr. Raphael Bueno Lopes, que apresentou uma síntese da influência industrial no período da guerra, o esforço de todo o Brasil e, notadamente, o dos componentes da América Fabril, que concorreu com 36 valentes pracinhas para a gloriosa FEB.

Em seguida, igualmente aplaudido, o sr. Antonio Lartigan Seabra proferiu as seguintes palavras:

"Em nome da Companhia, venho saudar os bravos soldados da Força Expedicionária Brasileira, que regressa-

ram dos campos de batalha da Europa. Sinto-me deveras comovido e orgulhoso de ver, entre os que cumpriram tão nobre missão, um contingente de trabalhadores da Companhia América Fabril, que, nas montanhas da Itália, soube lutar e morrer em defesa dos mais altos ideais da humanidade. Aos inesquecíveis irmãos que lá tiveram seu último sono, guardemos numa eterna saudade, no mais íntimo de nossos corações, uma comovida lembrança; e, aos que tiveram a ventura de regressar ao nosso convívio, a Diretoria da Companhia oferece êstes modestos presentes,

Flagrante feito no momento em que o sr. Antonio Lartigan Seabra proferia a sua incisiva e aplaudida oração.



Parte da grande assistência à expressiva solenidade.

Discursa, com eloquência, o sr. Raphael Bueno Lopes.



Outro aspecto das pessoas que honraram com a sua presença a homenagem prestada pela Associação dos Operários da América Fabril e pela diretoria da grande empresa.

que lhes serão distribuídos pelas mãos carinhosas da mãe de um desses abnegados heróis que, nos campos frios da Europa, simbolizam, até à eternidade, a bravura, o estoicismo, a honra e a generosidade do sangue do Brasil, nossa querida e grande Pátria. Antes, porém, desejo pedir a todos que, de pé por um minuto e no mais profundo silêncio, prestem uma homenagem à memória dos que não voltaram."

Após a tocante homenagem, e depois das suas magníficas expressões, o sr. Antonio Seabra, presidente da América Fabril, ofereceu deliciosos mimos aos Expedicionários.

Prosseguindo na homenagem, uma das mães dum pracinha que não voltou — senhora Albertina de Souza — principiou a entrega de medalhas comemorativas aos heróis que estiveram no conflito, e pertencentes à América Fabril. E ela, que enaltecia os filhos alheios, não pôde abraçar o próprio filho, Otacilio de Souza, porque a audácia das suas ações o levava para as regiões da morte! Dois outros, ainda, tombaram também, mas já aqui no Rio: os jovens Antonio Rodrigues de Barros e Evandro Theodoro.

Ao falar, pelos seus companheiros, o sr. Alberto Ferreira Tavares, pracinha de valor, conseguiu ardentes cumprimentos, pela beleza da sua oração.

Passando, após, para o salão contíguo, os presentes deram início à segunda parte das solenidades, em vasto salão, onde os diretores da América Fabril ofereceram fna mesa de doces e champanhe.

Usando da palavra, o coronel Adalberto Pompílio ressaltou, com eloquência, no fulgor do seu improviso, os méritos da retaguarda que, longe da peleja, seguia atenta e dedicada aos soldados do Brasil!

E, enquanto se exaltava o sentimento de compreensão entre chefes e auxiliares da América Fabril, organização de trabalho e de civismo, era dado começo à festa dançante, que decorreu no mesmo ambiente de simpatia cordialidade e disciplina.





Apresente sua melhor face...

Como são bonitas — as mulheres inteligentes que usam os produtos de beleza Yardley para realçar a formosura que a natureza lhes deu! É uma escolha de algo sutil, porque não há beleza tão arrebatadora como a que parece natural. E o orgulho especial de Yardley é prestar à natureza o tributo que ela bem merece!

Yardley

de Londres

No. 2



PARA QUE SUA EPIDERME MANTENHA
TODO O ENCANTO DOS 20 ANOS...

CRISTAIS PARA BANHO E TALCO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE

Vida Nova, Vigor e Vitalidade

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal afirmando sentir nova mocidade resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral

das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais rennima, dando-lhes nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGESILLO
Remetemos, pelo reembolso postal
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos Panvital - Rua da Estrela
n.º 6 - RIO DE JANEIRO

Sigaud não vive à margem da...

(Continuação da pág. 25)

pincel o senão miraculoso de toda uma existência. Deixando para trás uma legião de fanáticos e fomentadores de desordens, o mundo caminha confiante numa paz duradoura, enquanto se rasgam novos horizontes no setor artístico, dando margem à que indagásemos do artista qual a influência das novas escolas estéticas no após-guerra.

De maneira incisiva, sobreconheço carregado, Eugénio Sigaud declarou:

— É esta uma pergunta mais de sentido transcendental do que objetivo para um arquiteto-pintor. Só posso responder dentro deste espírito, pois sua elasticidade vai ao infinito. Raramente é o pintor quem dita e organiza a sua estética e a propaga. Depois das grandes guerras a estética e a moral, bem como as demais leis sociais sofrem alterações. Por este motivo vemos o quanto elas influenciam nas artes. Na recomposição do mundo atual, terão grande influência. Como já disse, nem Coubert, Manet, Cézanne, e em nossos dias Picasso, deixaram de exercer grande influência pelas estéticas

espostadas pessoalmente. Nas Américas ainda não tivemos um artista criador de uma escola e não ser no México, Orozco, cuja obra é um compêndio de estética plástica. No século IX os pré-Rafaelistas foram os únicos a trabalhar regidos por uma estética dogmática, e no entanto vimos, além da frieza de suas obras, a verdadeira teosofia, e não conseguiram sobreviver. O que nunca aconteceu com um El Greco, verdadeiro criador de uma estética, ou Medallana, um de nossos tempos, e talvez o único criador de uma nova estética. Portanto terá uma estética plástica? Não sabemos. Quem a possui no continente sul-americano? O Aleijadinho viveu seu drama dentro de uma estética plástica, porque o criador a estabeleceu sobre o controle instintivo.

A CRÍTICA DE ARTE NÃO EXISTE!

Os problemas ligados à arte constituem verdadeira incógnita no seio da massa, tamanha a sua indiferença por tudo quanto a ela diz respeito, notando-se mesmo um vazio nas exposições frequentemente abertas à visitação pública. Também a ausência de críticos especializados é uma verdade, daí a resposta do nosso entre-

A VITÓRIA DE CHARLES...

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 43)

seus clientes por sua própria culpa. Enganou-os, maltratou-os e chegou a extorquir-lhes dinheiro...

— Eu, entretanto, nada tinha a ver com isso.

— Evidentemente, meu caro amigo, evidentemente; porém, como é natural, o senhor chegou em má época. Estavam todos de prevenção contra o senhor. Eu, porém, convicto de que fora evidentemente um caso de fraude do indigno antecessor, apressei-me em fazer minha visita, para contribuir, na medida das minhas possibilidades, para que seu talento e sua distinção sejam reconhecidos e recompensados.

— Eu agradeço penhorado, novamente, e pergunto-me qual o motivo dessa certeza. Afinal, o senhor não me conhece...

O médico deu um risinho malicioso e retrucou:

— Deveria ter mais cuidado com seus documentos. Por sinal, eu queria pedir-lhe uma coisa: pode passar hoje à tarde na casa da duquesa de Broath?

— Estou às suas ordens.

Antes que Charles recobrasse a serenidade depois da inesperada honra, o médico partiu, tendo marcado um encontro para uma consulta médica sobre o estado de saúde da duquesa.

Ainda antes de sair, porém, observou:

— É justamente a sua especialidade, meu amigo. Nobreza! Nobreza!

★

Por que aquela mudança. Charles não atinava. Anunciou o fato à noiva, que descerrou os lábios cuidadosamente pintados, mostrando a dentadura perfeita num largo sorriso.

— Jack — disse ela ao irmão. — Você,

no que parece, está me devendo alguma coisa...

O interpelado mexeu-se desajeitado.

— Você exigiu-me uma coisa impossível. Não posso convencer Charles a abandonar essa cidade, agora que ele teve o sucesso almejado.

— Abandonar a cidade? — disse Charles. — Absolutamente. Não pode ser. Agora, no momento em que eu consegui o que esperava?

— É que... é que... você deve a ela a súbita mudança de atitude.

— Como?

Marian tomou a palavra:

— Você não disse que não tinha oportunidade de mostrar os seus títulos? Disse ou não disse?

— De fato, eu...

— Pois bem. Eu arranjei uma oportunidade. Você agora conseguiu vingar sua vaidade. Está satisfeito?

— Escute, Marian, já que você tanto insiste, eu estou disposto a fazer-lhe a vontade; mas preciso saber uma coisa: como foi que você conseguiu fazer com que os médicos examinassem meus títulos?

Ela riu.

— Toda a cidade examinou seus títulos! Sabe o que eu fiz? Mandei imprimir um aviso para ser pregado em todos os principais pontos da cidade:

"ATENÇÃO! — O dr. Charles Bullivant oferece generosa recompensa a quem indicar o paradeiro de uma pasta marrom, que perdeu. A pasta continha os seguintes documentos: 1) carta de agradecimentos do duque de Kent; 2) retrato autografado de Afonso XLVIII, com a seguinte dedicatória: ao médico ilustre, o eterno reconhecimento do Afonso; 3) correspondência particular — 8 cartas — entre o dr. Bullivant e S. M. a Rainha da Brígida, a respeito de certos acessos de nervos de S. M."

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?

O que lhe falta é um bom Tônico

reconstituinte.

Tomar NUTROFOSFAN e ficará satisfeito. NUTROFOSFAN nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE.

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

vistado quando lhe perguntamos se possuíamos críticos de arte:

— Não. E repito: Não. Somos ainda um povo de sentido "aplástico". Ainda não se compreendeu a necessidade da arte. Não temos museus. Um único e mal organizado para quarenta milhões de habitantes, enquanto o Uruguai e a Argentina possuem mais de doze em cada metrópole, e pelo menos dois em cada capital de província. Não se falando nos países da Europa ou no Canadá, México ou Estados Unidos. Ainda não tivemos um verdadeiro crítico, porque os existentes são tomados por pontos de vista pessoais ou de amizade. Já possuímos nomes capazes como Sérgio Milliet, em S. Paulo, Reis Junior, no Rio, os dois mais dotados de capacidade crítica, quer por sua cultura artística que é sólida e real, quer pelo conhecimento dos grandes museus. Por falar em museu: é lamentável o nosso

Museu Nacional de Belas Artes, o qual, possuindo um Picasso (coisa que só possuem os mais famosos do mundo), em vez de o ter nas galerias, guarda-o escondido avarosamente no seu escuro porão. Sua coleção chega a ser pífia, raros nacionais de valor, pouquíssimos estrangeiros (aliás adquiridos no tempo de Bernardelli) e uma quantidade espantosa de H. C. de toda espécie.

Embora chocante à primeira vista, essa resposta de Eugenio Sigaud reflete claramente o desleixo a que chegamos no terreno da arte, apesar de certas apreensões em contrário. Enquanto se erguem palácios e gastam-se espaços com as declarações de futebolers, inúmeras telas permanecem atiradas em porões à falta de abrigo, e artistas vivem completamente desconhecidos do povo, por lhes ser negada uma coluna em qualquer jornal.

Mas confiemos neste após-guerra, em que já se observa radical transformação no que diz referência à cultura, havendo mesmo a esperança de que os nossos artistas plásticos sejam olhados de maneira mais cuidadosa.

Aí então Eugenio Proença Sigaud não será mais um nome à margem do grande público, porque seu trabalho poderá ser melhor compreendido e admirado pela maioria de brasileiros, que de arte só ouve falar.

REEDUCANDO OS FILHOS DE HITLER

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 39)

pela violência, da qual os alemães lhes deram tantos exemplos.

Assim é que estão florescendo os dentes de dragão. Quando somos jovens e entusiastas, é difícil voltar rapidamente para a vida após quatro anos de vida anormal e perigosa, e reatar as tarefas diárias, abandonando o fuzil e as grandezas de mão. Isso é tanto mais difícil desde que, na maior parte dos territórios libertados, os alemães destruíram as fábricas que poderiam fornecer aos moços trabalho e salários. Existia a impressão de que, uma vez expulsos os nazistas, o paraíso viria subitamente. Esses jovens não aprenderam ainda a apreciar as dificuldades inerentes à reconstrução sobre uma base sadia. A Gestapo e os nazistas atiraram-lhes o ódio, amor à violência e a falta de objetividade.

Os círculos aliados tinham previsto que esse fato era inevitável. Sabia-se que a reeducação seria imperativa, que os jovens combatentes tinham de abandonar as armas e empunhar as ferramentas, que teriam de ser ensinados a acreditar numa nova autoridade e num governo supremo, antes de que pudesse ser eliminada a influência psicológica nazista.

"DIA DAS MISSÕES"



Transcorrendo o "Dia das Missões", a Empresa Construtora Universal, testemunhando o seu apelo pela patética situação evangelizadora e de assistência, resolveu entregar, à obra missionária, a totalidade dos selos de sua correspondência recebida durante o mês. O nosso "chefe" fixa um aspecto da visita de frei Atanásio e frei Modesto de Buzandé, aos exilados da conhecida organização prisional, quando o primeiro Abbe, seu diretor, recebe os dois ilustres religiosos.

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



Feliz descoberta
ANTISARDINA
creme miraculoso

LABORATORIO
ANTISARDINA

Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ



Senhores:

Em sinal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivopete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho
compostas imescard
LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**



★ JOCKEY CLUB MUNDANO ★

Constituiu um espetáculo verdadeiramente maravilhoso o último "meeting" do Jockey Club Brasileiro, ao qual compareceu, como sempre acontece às reuniões do Hipódromo da Gávea, a fina flôr da sociedade carioca. Nesta página reproduzimos alguns aspectos dessa tarde turfística, colhidos pela nossa reportagem fotográfica na "pelouse" do belo prado, durante a realização dêsse notável "meeting".





LOUIZ XV ESTILIZADO

Na foto acima reproduzimos a fotografia dos móveis Luiz XV estilizado, reunidos em maravilhoso dormitório. Cômoda, penteadeira, mesinhas de cabeceira aparecem neste elegante quarto de dormir. A penteadeira, o guarda-casaca e o outro armário podem ser colocados no quarto de "toilette", caso não os comporte o espaço exíguo que em geral são reservados aos dormitórios, nos apartamentos modernos. A cabeceira da cama tem o seu painel estofado em cetim claro, o que, longe de dar uma nota espalhafatosa, condiz perfeitamente com a harmonia do mobiliário, cujas poltronas e cadeiras têm estufado igual. Cetim idêntico deve ser empregado no fôrro da penteadeira.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



—cidadãos das Américas VIZINHOS TODOS!

Há 18 anos que a ligação
aérea internacional é uma realidade!

Quando seus negócios o levarem a Miami, Nova York ou Chicago... uma conferência no México... um congresso em Buenos Aires ou Santiago... ganhe tempo... viaje comodamente pelas estradas sem-trilhos sulcadas pelos "Clippers" da Pan American World Airways. Aviões rápidos e modernos, os "Clippers" dominam distâncias... Amanhã, o mundo inteiro será seu vizinho, graças aos gigantescos "Clippers" que estão sendo construídos. Para sua próxima viagem internacional, informe-se de como poderá fruir da rapidez, conforto, vantagens do sistema dos "Clippers." Procure o mais próximo representante da PAA, ou as agências de viagens.



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers